

Cân
didô
ou o Otimismo

VOLTAIRE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Cândido

ou o Otimismo

Cândido

VOLTAIRE

ou o Otimismo

Tradução e notas
REGINA CÉLIA DE OLIVEIRA

MARTIN  CLARET

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2014.

Título original: *Candide, ou l'Optimisme*

Traduzido do francês, *Librio Litterature, J'ai Lu, 2 edition*, 2004.

DIREÇÃO	Martin Claret
PRODUÇÃO EDITORIAL	Carolina Marani Lima Flávia P. Silva
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO	Giovana Gatti Leonardo
DIREÇÃO DE ARTE E CAPA	José Duarte T. de Castro
TRADUÇÃO E NOTAS	Regina Célia de Oliveira
PREPARAÇÃO	Adalberto Luis Vicente
REVISÃO	Waldir Moraes
CONVERSÃO EBOOK:	Hondana

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Voltaire

Cândido [livro eletrônico], ou, O otimismo / Voltaire ; tradução e notas Regina Célia de Oliveira. -- São Paulo : Martin Claret, 2015.

1.769 Kb ; ePUB

Título original: *Candide, ou l'Optimisme*.

ISBN 978-85-440-0075-5

1. Romance francês 2. Sátira francesa 3. Voltaire, François Marie Arouet de, 1694-1778 I. Oliveira, Regina Célia de. II. Título. III. Série.

15-02995

CDD-843

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 — Bairro Sumaré — CEP: 01254-010 — São Paulo — SP

Tel.: (11) 3672-8144 — Fax: (11) 3673-7146

www.martinclaret.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

CÂNDIDO, OU O OTIMISMO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

PREFÁCIO

O *CÂNDIDO* DE VOLTAIRE: AS DESVENTURAS EM SÉRIE
DE UM JOVEM OTIMISTA

RENATO MOSCATELI^[1]

Dentre todas as obras escritas por Voltaire, *Cândido, ou o Otimismo* certamente é uma das mais lidas, e com boas razões. Publicado pela primeira vez em 1759, o conto apresenta uma narrativa bastante ágil na qual o autor levou ao ápice suas qualidades literárias no uso da ironia, a fim de produzir uma divertida sátira sobre diversos aspectos das sociedades de sua época, não poupando nem mesmo a política conduzida pelos reis e aristocratas ou as crenças religiosas cultivadas e difundidas pelos europeus. Nesse sentido, *Cândido* é mais do que uma simples obra literária voltada ao entretenimento, pois os risos que Voltaire pretendia obter de seus leitores eram parte do arsenal crítico usado pelo *philosophe* em sua luta contra tudo aquilo que ele considerava inaceitável em uma era de esclarecimento, tal como as superstições, a intolerância em suas várias manifestações e as guerras travadas em nome da ambição dos governantes. Assim como em seus muitos outros contos filosóficos,^[2] em *Cândido*, Voltaire buscou recobrir esses problemas com uma máscara burlesca para amplificar o efeito

de sua condenação, denunciando o vazio existente entre as palavras e as coisas no que diz respeito às ações dos homens.

Esse objetivo que Voltaire pretende realizar é conduzido por meio das peripécias sofridas por um dos protagonistas do conto, um rapaz chamado Cândido nascido na Vestfália e, supostamente, filho bastardo de uma aristocrata da região. O outro protagonista da estória é aquele cujo nome também figura no título, ou seja, o otimismo, uma visão de mundo que é implacavelmente posta à prova na mesma medida em que a ingenuidade de Cândido vai sendo atacada pelos duros fatos da vida. Tal otimismo aparece na obra como referência às ideias do filósofo alemão Gottfried W. Leibniz (1646–1716), as quais Voltaire caricaturiza na proposição de que viveríamos no “melhor dos mundos possíveis”, uma doutrina que o personagem Pangloss, professor de “metafísico-teólogo-cosmolonigologia”, não se cansava de repetir.

Um modo interessante de visualizar essa crítica voltairiana ao otimismo dogmático é sugerido por Marie-Hélène Catherine Torres.^[3] Ela nos diz que a narrativa de *Cândido* foi construída pela oposição entre os três espaços principais dentro dos quais os personagens se movem, espaços que poderiam ser descritos como “paraísos terrestres”: o castelo de Thunder-ten-tronckh, na Vestfália; o Eldorado, na América do Sul; e o jardim de Cândido, em Constantinopla. Seguindo esta pista dada por Torres, tem-se um bom roteiro para acompanhar a jornada que Cândido empreende ao longo das páginas saídas da imaginação de Voltaire.

O primeiro desses locais é o ponto de partida da estória. Embora os barões do castelo tentassem manter toda a pompa própria de sua condição aristocrática, seus poucos recursos impunham sérias limitações, fato que Voltaire não deixa de ridicularizar mostrando os

improvisos utilizados para manter as aparências: “O senhor barão era um dos homens mais poderosos da Vestfália, pois seu castelo tinha uma porta e algumas janelas. Seu salão era até mesmo enfeitado por uma tapeçaria. Os cães de guarda de suas granjas formavam uma matilha de caça, quando era o caso; seus ajudantes de estrebaria lhe serviam de cavaleiros; o vigário do vilarejo era seu capelão particular. Todos o chamavam de Monsenhor, e riam quando contava suas histórias”. Nesse pequeno feudo, o jovem Cândido possuía uma situação indeterminada. Suspeitava-se que fosse filho da irmã do barão e de um fidalgo das redondezas com quem ela não se casara por julgar sua árvore genealógica demasiadamente curta — apenas setenta e uma gerações — para poder juntar-se à dela. Em virtude de tal condição dúbia, Cândido cresceu junto aos filhos do barão, sendo educado, como eles, pelo grande mestre Pangloss. Toda a profunda sabedoria do professor levava-o a crer que não havia na Terra outro lugar mais bem-aventurado do que Thunder-ten-tronckh, “o mais belo dos castelos” habitado pela “melhor possível das baronesas”. Convencidos pela aparente veracidade do discurso otimista de Pangloss, que justificava a necessidade de todas as coisas existentes com grande maestria, os habitantes do castelo viviam felizes. Entre eles estava a bela filha do barão, que se chamava Cunegundes e pela qual Cândido nutria uma profunda afeição. Porém, a harmonia desse paraíso quebra-se no instante em que a distância que deveria separar as ordens sociais é atravessada inocentemente. Após testemunhar o beijo trocado por Cândido e Cunegundes, o barão escorraçou o rapaz a pontapés, lembrando que a força estava do lado do *status quo* para punir prontamente quem o desafiasse.

Expulso de sua terra natal, Cândido iniciou sua série de viagens pelo mundo afora, sendo levado pelo acaso a sofrer muitas desventuras, incluindo seu recrutamento forçado no exército dos búlgaros — episódio que serviu a Voltaire para denunciar os horrores da guerra — e sua participação como vítima de um auto de fé em Portugal, após o terremoto que destruíra grande parte de Lisboa. Afinal, ironiza Voltaire, as autoridades da cidade haviam decidido que “o espetáculo de queimar em fogo lento algumas pessoas, em uma grande cerimônia, era um segredo infalível para impedir a terra de tremer”. Tendo conseguido escapar, Cândido decidiu trocar a Europa pela América, certo de que seria nesse continente que encontraria “o melhor dos mundos possíveis”. Foi lá que ele e seu amigo Cacambo chegaram acidentalmente ao lendário país do Eldorado. Este lugar representa a versão voltairiana da Utopia: no Eldorado, pedras e metais preciosos eram considerados sem valor, mas não havia pobreza nem violência. Ao contrário dos reis europeus, que se mantinham sempre acima de seus súditos, nessa terra venturosa o monarca era acessível a todos, recebendo em pessoa, e com toda a gentileza, os estrangeiros. Se no Velho Mundo havia autoridades religiosas que disputavam por questões metafísicas e por outras coisas bastante mais mundanas, no Eldorado não existiam sacerdotes nem várias religiões em conflito, pois cada pessoa era livre para cultuar a divindade como lhe aprouvesse. A riqueza do país atingia tal dimensão que as casas mais humildes ainda pareciam mais faustosas do que os castelos da nobreza europeia, e as próprias ruas da capital eram pavimentadas com pedrarias valiosas.

O Eldorado sintetizava os grandes princípios pelos quais Voltaire se batia: a paz, a prosperidade, a tolerância, o cultivo das artes e das

ciências. Isolado entre montanhas altíssimas, e longe da cobiça dos europeus, o paraíso americano era, portanto, perfeito. Perfeito demais para homens como Cândido e Cacambo, e até mesmo para Voltaire. De fato, o autor não permitiu que o jovem vestfaliano permanecesse no país, uma vez que a amada Cunegundes não se encontrava nele. Mas este não era o único motivo, pois Voltaire delineou aquele mundo ideal não para afirmar sua possibilidade, mas para satirizar a crença em algo tão absurdo. Segundo Lídia Fachin, a descrição do Eldorado contida na narrativa de *Cândido* permite a Voltaire fazer a crítica dos “discursos mentirosos”, entre os quais estariam o *maravilhoso* e a *utopia*: a paródia construída pelo autor em torno da ideia de um local isento de dissensões é um simples jogo: “ele diverte-se utilizando um procedimento fácil e eficaz, que é fincar o extraordinário no cotidiano e no prosaico”.^[4] Assim, o paraíso do Eldorado nada mais significava do que uma quimera, um lugar onde seres humanos normais não poderiam habitar.

O terceiro e último “paraíso” é atingido apenas no final do conto, depois que todos os amigos de Cândido são reunidos pelo acaso na Turquia. De toda a riqueza que Cândido recebera como presente do rei do Eldorado, restou-lhe unicamente a pequena granja que comprara nos arredores de Constantinopla, onde passou a viver com Cunegundes, Pangloss e mais algumas pessoas que ele conhecera durante suas perambulações. A necessidade de sobreviver e de vencer o tédio transformou o trabalho na ocupação principal desses companheiros de infortúnios. Se o castelo vestfaliano caracterizava-se pela ordem aristocrática que o regia e pelo fausto ilusório de seus senhores, e a utopia americana representava a prosperidade ilimitada de uma perfeição inatingível, o jardim turco, por sua vez,

evitava os excessos de ambas. Nele, o que se vê é uma curiosa e improvável comunidade de exilados que busca viver sem reproduzir as desigualdades — tanto políticas quanto econômicas — do mundo exterior. Estão longe da fácil fartura do Eldorado, pois todos precisam extrair diariamente de seu próprio suor o sustento necessário. Entretanto, não obstante a imperfeição desse paraíso, há um certo heroísmo na conduta de seus habitantes: são pessoas calejadas pelo sofrimento que tentam ser menos infelizes tomando seu próprio destino nas mãos.

Assim, é verdade que a narrativa de Voltaire mina pouco a pouco as bases tanto do otimismo ingênuo de Cândido quanto do otimismo dogmático de Pangloss ao lançar os personagens em situações perigosas e inusitadas, nas quais a fuga desesperada é a única saída. Não é à toa que, em determinado momento, Cândido chega à constatação de que o otimismo não passa da “obstinação de afirmar que tudo está bem quando tudo está mal”. Porém, a própria conclusão da estória sugere que Voltaire não desejava pregar a seus leitores a resignação pura e simples como máxima de vida. Reconhecendo a necessidade de cultivar seu jardim como mais importante do que refletir sobre os males do universo, Cândido não desculpou os incontáveis problemas passados por ele e seus amigos, mas percebeu que é preciso agir para tornar a existência aceitável. Diante disso, parece mais correto entender a “moral” de *Cândido* como uma defesa do valor da ação concreta sem a qual nenhuma grande questão geral pode ser resolvida. Longe de ser uma incitação ao conformismo, o conto chama nossa atenção para o fato de que unicamente os homens, como sujeitos de sua própria história, são capazes de transformar o mundo.

CÂNDIDO, OU O OTIMISMO

Traduzido do alemão: de autoria do Sr. Dr. Ralph, incluindo novos trechos encontrados no bolso do doutor quando de sua morte em Minden, no Ano da Graça de 1759.^[1]

CAPÍTULO 1

COMO CÂNDIDO FOI CRIADO EM UM BELO CASTELO,
E COMO FOI EXPULSO DELE

Havia na Vestfália, no castelo do senhor Barão de Thunder-tronckh, um jovem a quem a natureza concedera o mais tranquilo temperamento. Sua fisionomia prenunciava sua alma. Tinha bastante bom-senso e um espírito dos mais simples; era por essa razão, creio, que o chamavam de Cândido. Os antigos criados da casa suspeitavam que fosse filho da irmã do senhor barão e de um bom e honesto fidalgo da vizinhança, com quem a moça nunca quis casar-se porque ele não pudera dar provas senão de setenta e um parentescos de nobreza,^[1] e porque o restante de sua árvore genealógica se perdera por efeito do tempo.

O senhor barão era um dos homens mais poderosos da Vestfália, pois seu castelo tinha uma porta e algumas janelas. Seu salão era até mesmo enfeitado por uma tapeçaria. Os cães de guarda de suas granjas formavam uma matilha de caça, quando era o caso; seus ajudantes de estrebaria lhe serviam de cavaleiros; o vigário do vilarejo era seu capelão particular. Todos o chamavam de Monsenhor,^[2] e riam quando contava suas histórias.

A senhora baronesa, que pesava cerca de cento e cinquenta e nove quilos, desfrutava com isso de grande consideração, e fazia as honras da casa com uma dignidade que a tornava mais respeitável

ainda. Sua filha Cunegundes, de dezessete anos, era corada, viçosa, corpulenta, apetitosa. O filho do barão parecia em tudo digno de seu pai. O preceptor Pangloss^[3] era o oráculo da casa, e o pequeno Cândido ouvia suas lições com toda a boa-fé de sua idade e de seu caráter.

Pangloss ensinava a *metafísico-teólogo-cosmolonigologia*. Provava admiravelmente que não existe efeito sem causa, e que, no melhor dos mundos possíveis, o castelo do monsenhor barão era o mais belo dos castelos, e sua esposa, a melhor possível das baronesas.

— Está demonstrado — dizia —; que as coisas não podem ser de outra forma: pois, tudo tendo sido feito para uma finalidade, tudo existe necessariamente para a melhor finalidade. Observem que os narizes foram feitos para sustentar os óculos, por isso usamos óculos. As pernas foram visivelmente constituídas para serem vestidas, por isso temos as calças. As pedras foram feitas para serem talhadas e com elas construirmos castelos; dessa forma, monsenhor também tem um belíssimo castelo: o mais importante barão da região deve ter a melhor moradia; e como os porcos foram feitos para serem comidos, comemos carne de porco o ano inteiro. Consequentemente, os que afirmaram que tudo está bem disseram uma bobagem: deviam ter dito que melhor não podia ser.

Cândido escutava atentamente, e acreditava inocentemente: pois achava a Senhorita Cunegundes extremamente bonita, embora jamais tivesse ousado dizer-lhe. Concluía que, depois da felicidade de se ter nascido um Barão de Thunder-ten-tronckh, o segundo lugar em felicidade era ser a Senhorita Cunegundes; o terceiro, vê-la todos os dias; e o quarto, ouvir o mestre Pangloss, o maior filósofo da região, e, por consequência, de toda a terra.

Um dia, passeando perto do castelo, por um pequeno bosque que chamavam de parque, Cunegundes viu, por entre os arbustos, o Doutor Pangloss dando uma aula de física experimental à dama de companhia de sua mãe, uma moreninha muito bonita e muito meiga. Como a Senhorita Cunegundes tinha muito interesse pelas ciências, observou, sem dar um pio, as reiteradas experiências que testemunhava; viu claramente a razão suficiente^[4] do doutor, os efeitos e as causas, e saiu dali muito agitada, pensativa, repleta do desejo de ser sábia, imaginando que ela bem poderia ser a razão suficiente do jovem Cândido, que, por sua vez, poderia ser a dela.

Voltando ao castelo, encontrou Cândido e enrubesceu; Cândido enrubesceu também. Ela lhe deu bom-dia com a voz entrecortada, e ele falou com ela sem saber o que dizia. Na noite seguinte após o jantar, ao sair da mesa, Cunegundes e Cândido se encontraram atrás de um biombo; ela deixou seu lencinho cair, ele o recolheu; ela pegou inocentemente em sua mão, ele beijou inocentemente a mão da jovem, com uma vivacidade, uma sensibilidade, uma graça muito particulares; suas bocas se encontraram, seus olhos se inflamaram, seus joelhos estremeceram, suas mãos se descontrolaram. O senhor Barão de Thunder-ten-tronckh, passando pelo biombo e vendo aquela causa e aquele efeito, expulsou Cândido do castelo com belos chutes no traseiro; Cunegundes desmaiou e levou uns sopapos da baronesa assim que voltou a si; e foi uma total consternação no mais belo e agradável dos castelos possíveis.

CAPÍTULO 2

O QUE ACONTECEU COM CÂNDIDO ENTRE OS BÚLGAROS

Cândido, expulso do paraíso terrestre, caminhou por muito tempo sem saber por onde, chorando, levantando os olhos para o céu, voltando-os várias vezes para o mais belo dos castelos, que guardava a mais bela das baronesinhas. Deitou-se sem comer, no campo, entre dois sulcos do chão; a neve caía em grandes flocos. No dia seguinte, completamente enregelado, Cândido arrastou-se até o vilarejo vizinho, que se chama Valdbberghoff-trarbk-dikdorff, sem um tostão, morto de fome e de cansaço. Parou tristemente à porta de uma taverna.

Dois homens vestidos de azul o observaram.

— Camarada — disse um deles —, ali está um jovem muito bem apanhado, e que tem o tamanho adequado. Aproximaram-se de Cândido e muito educadamente o convidaram a almoçar.

— Senhores — disse-lhes Cândido com encantadora modéstia —, fico muito honrado com o convite, mas não tenho como pagar a minha parte.

— Ah! meu senhor — disse-lhe um deles —, pessoas com a sua aparência e seus méritos nunca pagam nada; o senhor não mede um metro e oitenta e quatro de altura?

— Sim, senhores, essa é minha altura — respondeu fazendo uma reverência.

— Meu senhor, queira sentar-se à mesa; não só pagaremos suas despesas como jamais permitiremos que um homem como o senhor fique sem dinheiro. Os homens não foram feitos senão para ajudar uns aos outros.

— Tem razão — disse Cândido —, era o que o senhor Pangloss sempre me dizia, e bem vejo que tudo acontece da melhor maneira.

Então, pedem que ele aceite algumas moedas; ele aceita e quer dar-lhes um recibo, mas os homens não querem aceitar de jeito nenhum. Sentam-se todos à mesa.

— O senhor ama muito?

— Oh! Amo sim — responde —, amo muito a Senhorita Cunegundes.

— Não — diz um dos homens —, estamos perguntando se ama muito o rei dos búlgaros.

— Claro que não — responde —, eu nunca o vi mais gordo.

— Como não! É o mais encantador dos reis, vamos beber à saúde dele.

— Ah! Com prazer, senhores.

Cândido bebe.

— Já chega — dizem —, pois agora o senhor será o apoio, o amparo, o defensor, o herói dos búlgaros; sua fortuna está feita e sua glória, garantida.

Imediatamente o acorrentam pelos tornozelos e o levam ao regimento. Fazem-no virar à direita, à esquerda, levantar a vareta de fuzil, baixar a vareta, deitar de bruços, atirar, acelerar o passo; e é golpeado trinta vezes com o cassetete. No dia seguinte, executa um pouco melhor o exercício e só apanha vinte vezes. No outro dia, não

apanha mais do que dez vezes, e é visto por seus companheiros como um prodígio.

Cândido, completamente estupefato, ainda não atinava muito bem por que era um herói. Um belo dia de primavera, achou por bem sair a passeio, andando sempre em frente e acreditando que era um privilégio da espécie humana, bem como da espécie animal, servir-se das próprias pernas a seu bel-prazer. Não chegara a caminhar dez quilômetros quando quatro outros heróis de um metro e oitenta e três de altura o alcançaram, amarraram e o levaram para uma prisão. Perguntaram-lhe juridicamente o que lhe dava mais gosto: ser fustigado trinta e seis vezes por todo o regimento ou receber ao mesmo tempo doze balas de chumbo na cabeça. Por mais que dissesse que as vontades são livres, e que não queria nem uma coisa nem outra, teve de fazer uma escolha: determinou-se, em virtude do dom de Deus ao qual chamam de *liberdade*, a passar trinta e seis vezes pelas chibatas; suportou duas voltas. O regimento se compunha de dois mil homens, o que lhe rendeu quatro mil chibatadas, as quais, da base da nuca até o traseiro, deixaram à mostra seus músculos e seus nervos. Quando a terceira volta ia ter início, não aguentando mais aquilo, Cândido pediu que, por bondade, lhe concedessem a graça de estourar seus miolos, e obteve esse favor. Tapam seus olhos e fazem-no ficar de joelhos. O rei dos búlgaros passa ali naquele momento, informa-se sobre o crime do condenado. E como esse rei tinha um grande caráter, compreendeu, por tudo que soube de Cândido, que se tratava de um jovem metafísico muito ignorante das coisas deste mundo, e concedeu-lhe seu perdão com uma clemência que será exaltada em todos os jornais e todos os séculos. Um experiente cirurgião curou Cândido em três semanas, com emolientes ensinados por Dioscórides.^[1] Ele

já tinha um pouco de pele e conseguia andar, quando o rei dos búlgaros declarou guerra ao rei dos abares.

CAPÍTULO 3

COMO CÂNDIDO ESCAPOU DOS BÚLGAROS,
E O QUE FOI FEITO DELE

Nada era tão belo, tão preparado, tão brilhante, tão bem ordenado quanto os dois exércitos. As cornetas, os flautins, oboés, os tambores, os canhões compunham uma harmonia que nem no inferno existiu igual. Primeiro, os canhões derrubaram cerca de seis mil homens de cada lado; depois, a artilharia tirou do melhor dos mundos de nove a dez mil patifes que infestavam sua superfície. A baioneta também foi a razão suficiente da morte de alguns milhares de homens. Ao todo, podiam-se contar umas trinta mil almas. Cândido, que tremia como um filósofo, escondeu-se o melhor que pôde durante aquela carnificina heroica.

Por fim, enquanto os dois reis mandavam cantar o *Te Deum*, cada qual em seu campo, Cândido decidiu refletir sobre efeitos e causas em outro lugar. Passou sobre pilhas de mortos e moribundos, chegando a um vilarejo vizinho que era só cinzas. Era uma aldeia abar, que os búlgaros haviam incendiado segundo as leis do direito público. Ali, velhos espancados viam suas mulheres morrerem degoladas, segurando seus filhos junto aos seios ensanguentados; moças estripadas, depois de satisfazerem às necessidades naturais de alguns heróis, davam seus últimos suspiros; outras, parcialmente

queimadas, gritavam para que acabassem de tirar sua vida. Cérebros se espalhavam pelo chão ao lado de pernas e braços decepados.

Cândido fugiu rapidamente para outra aldeia; esta pertencia aos búlgaros, e os heróis abares a haviam tratado da mesma forma. Sempre caminhando sobre membros palpitantes, ou através de ruínas, conseguiu finalmente sair do teatro da guerra levando pequenas provisões em seu embornal, e sem jamais esquecer a Senhorita Cunegundes. Ficou sem provisões quando chegava à Holanda, mas como ouvira dizer que naquele país todo mundo era rico, e que todos eram cristãos, não duvidou que lá seria tratado tão bem quanto havia sido no castelo do senhor barão, antes que dali tivesse sido expulso por conta dos lindos olhos de Cunegundes.

Pediu esmola a várias pessoas distintas, e todas lhe responderam que, se continuasse com tal ocupação, seria trancafiado em um reformatório para que aprendesse a viver.

Depois, dirigiu-se a um homem que acabava de discursar sobre a caridade, por uma hora inteira, em uma grande assembleia. O orador, olhando-o torto, perguntou-lhe:

— O que está fazendo aqui? Veio pela boa causa?

— Não existe efeito sem causa — respondeu Cândido modestamente —, tudo está encadeado e arranjado para que aconteça o melhor. Eu tive de ser expulso do convívio com a Senhorita Cunegundes, tive de passar pelos açoites e vou ter de mendigar meu pão até que eu mesmo consiga ganhá-lo, e tudo isso não podia acontecer de outra maneira.

— Meu amigo — disse-lhe o orador —, acredita que o papa seja o Anticristo?

— Ainda não ouvi nada a respeito — respondeu Cândido —, mas seja ou não seja ele o Anticristo, não tenho um pão para comer.

— Você não merece comer pão — disse o homem —, fora, seu patife; fora, miserável, fique longe daqui.

A mulher do orador pôs a cabeça pela janela e, vendo um homem que duvidava que o papa fosse o Anticristo, entorna-lhe na cabeça tudo o que havia no... Ó céus, a que excessos chegam as damas por zelo religioso!

Um homem que não havia sido batizado, um bom anabatista chamado Jacques, viu aquela maneira cruel e ignominiosa com que era tratado um irmão, um ser com dois pés e sem plumas, que tinha uma alma. Levou-o para casa, lavou-o, deu-lhe pão e cerveja, deu-lhe dois florins^[1] de presente, quis até mesmo ensiná-lo a trabalhar em sua manufatura de tecidos da Pérsia fabricados na Holanda. Quase se prosternando diante do homem, Cândido exclamou: — Bem que o mestre Pangloss me dizia que neste mundo tudo acontece da melhor maneira, pois me afeta infinitamente mais a extrema generosidade do senhor, do que a aspereza daquele homem de capa preta e da esposa dele.

No dia seguinte, enquanto perambulava, encontrou um mendigo coberto de feridas, e que tinha os olhos mortiços, a ponta do nariz carcomida, a boca torta, os dentes pretos, além de estar rouco e atacado por uma tosse violenta, que o fazia cuspir um dente a cada esforço.

CAPÍTULO 4

COMO CÂNDIDO ENCONTROU SEU ANTIGO MESTRE DE
FILOSOFIA, O DOUTOR PANGLOSS, E O QUE ACONTECEU
DEPOIS DISSO

Cândido, mais tocado pela compaixão do que pelo horror, deu ao assustador mendigo as duas moedas que havia recebido do honesto anabatista Jacques. Aquele fantasma olhou-o fixamente, derramou algumas lágrimas e se agarrou a seu pescoço. Cândido, amedrontado, recuou.

— Que pena! — disse o miserável ao outro miserável. — Não reconhece mais o velho Pangloss?

— O que está dizendo? É o senhor, querido mestre! Nesse estado medonho! Que desgraça lhe aconteceu? Por que não está mais no mais belo dos castelos? O que aconteceu à Senhorita Cunegundes, a pérola das moças, a obra-prima da natureza?

— Não estou mais me aguentando... — disse Pangloss.

Imediatamente Cândido o conduziu ao estábulo do anabatista e lhe deu um pouco de pão para comer. Quando o viu refeito, perguntou-lhe: — Pois bem, e Cunegundes?

— Está morta — respondeu Pangloss.

Cândido desmaiou ao ouvir essas palavras; seu amigo recuperou seus sentidos com um pouco de um vinagre ruim que por acaso havia no estábulo. Cândido abriu os olhos.

— Cunegundes está morta! Ah! melhor dos mundos, onde é que estás? Mas, de que doença ela morreu? Não teria sido porque me viu ser expulso a pontapés do belo castelo do senhor barão?

— Não — disse Pangloss —, ela foi estripada pelos soldados búlgaros após ter sido violentada tanto quanto alguém o pode ser; estouraram a cabeça do barão, que queria defendê-la; a baronesa foi cortada em pedaços; meu pobre pupilo foi tratado exatamente como a irmã; e, quanto ao castelo, não sobrou pedra sobre pedra, nem uma granja, um carneiro, um pato, uma árvore para contar a história! Mas fomos bem vingados, pois os abares fizeram a mesma coisa em um castelo dos arredores, pertencente a um barão búlgaro.

Ao ouvir tudo isso, Cândido desmaiou novamente. Voltando a si, e após dizer tudo o que tinha para dizer, quis saber qual causa e efeito e qual razão suficiente haviam colocado Pangloss naquele estado tão deplorável.

— Ai! — disse este. — O amor. O amor, o consolador do gênero humano, o conservador do universo, a alma de todos os seres sensíveis, o terno amor.

— Ah! — disse Cândido. — Eu bem que conheci esse tal de amor, esse soberano dos corações, essa alma da nossa alma. E ele nunca me valeu mais que um beijo e vinte pontapés no traseiro. Como uma causa bela assim pôde produzir sobre o senhor um efeito tão abominável?

Pangloss respondeu-lhe com estas palavras: — Oh, meu caro Cândido! Você conheceu Paquette, a linda dama de companhia de nossa augusta baronesa. Em seus braços, provei as delícias do paraíso, que causaram estes tormentos infernais pelos quais me vê agora devorado. Estava infectada por uma doença e talvez esteja morta por causa dela. Paquette recebeu esse presente de um

franciscano muito sábio, que buscou conhecer suas origens: ele o recebeu de uma velha condessa, que o havia recebido de um capitão de cavalaria, que o devia a uma marquesa, que o devia a um pajem, que o recebera de um jesuíta que, quando noviço, o recebera em linha direta de um dos companheiros de Cristóvão Colombo. De minha parte, não o deixarei a ninguém, pois estou morrendo.

— Oh, Pangloss! — exclamou Cândido. — Aí está uma estranha genealogia! A origem disso não seria o diabo?

— De jeito nenhum — replicou o grande homem —, era algo indispensável no melhor dos mundos, um ingrediente necessário, pois, se Colombo não tivesse contraído em uma ilha da América essa doença que envenena a fonte da reprodução, que muitas vezes até impede a geração, e que evidentemente é o oposto da grande finalidade da natureza, não teríamos nem o chocolate nem a cochinilha. Repare também que até hoje essa doença é peculiar ao nosso continente, assim como a controvérsia. Os turcos, os indianos, os persas, os chineses, os siameses, os japoneses ainda não a conhecem. Mas há uma razão suficiente para que, dentro de alguns séculos, por sua vez também a conheçam. Enquanto espera, ela fez um maravilhoso progresso entre nós, principalmente nos grandes exércitos, formados por honestos e bem educados estipendiários, que decidem o destino dos Estados. Pode-se assegurar que, quando trinta mil homens combatem tropas igualmente numerosas, existem uns vinte mil sífilíticos de cada lado.

— Isso é admirável — disse Cândido —, mas precisamos curá-lo.

— E de que jeito? — disse Pangloss. — Não tenho um tostão, meu amigo, e em toda a superfície deste globo não se pode mandar fazer uma sangria ou tomar uma lavagem sem pagar, ou sem que alguém pague por nós.

Essas últimas palavras fizeram Cândido se determinar; foi ajoelhar-se aos pés do caridoso anabatista Jacques e pintou-lhe um quadro tão comovente do estado a que seu amigo se havia reduzido, que o bom homem não hesitou em acolher o Doutor Pangloss, e a mandar curá-lo por sua conta. Com o tratamento, Pangloss só perdeu um olho e uma orelha. Ele escrevia bem e sabia muito bem a aritmética, e o anabatista Jacques o contratou como seu escriturário. Ao final de dois meses, como precisasse ir a Lisboa por causa de seus negócios, levou junto em seu navio os dois filósofos. Pangloss explicou-lhe como tudo era da melhor maneira. Jacques não tinha a mesma opinião.

— Os homens — dizia este — certamente corromperam a natureza, porque eles não nasceram lobos, mas se tornaram lobos. Deus não lhes deu nem canhões nem baionetas, mas eles inventaram baionetas e canhões para se destruir. Também se pode falar das falências e da justiça, que se apodera dos bens dos falidos privando deles também os credores.

— Tudo isso era indispensável — replicava o doutor caolho —, e as desgraças particulares fazem o bem geral, de forma que, quanto mais desgraças particulares houver, maior será o bem geral.

Enquanto ele argumentava, o tempo fechou, os ventos começaram a soprar dos quatro cantos do mundo, e o navio foi atingido pela mais terrível tempestade quando já se avistava o porto de Lisboa.

CAPÍTULO 5

TEMPESTADE, NAUFRÁGIO, TERREMOTO, E O QUE
ACONTECEU AO DOUTOR PANGLOSS, A CÂNDIDO E
AO ANABATISTA JACQUES

Metade dos passageiros, enfraquecida, sofrendo com os terríveis tormentos que o balanço de um navio causa aos nervos, a todos os fluidos corporais movendo-se em sentidos opostos, não tinha força sequer para se preocupar com o perigo. A outra metade gritava e rezava. As velas se rasgavam, os mastros se quebravam, o navio se fendia. Trabalhava quem podia, ninguém se entendia, ninguém comandava. O anabatista, do convés, ajudava um pouco com as manobras; um marujo furioso o ataca bruscamente e o arremessa ao chão; mas, com o golpe, ele próprio foi sacudido tão violentamente que se precipitou, de cabeça, para fora do navio. Ficou suspenso, preso a um pedaço do mastro quebrado. O bondoso Jacques corre em seu socorro e o ajuda a subir. Com o esforço que fez, acabou lançando-se ao mar diante do marujo, que o deixou afundar sem se dignar nem mesmo a olhar para ele. Cândido se aproxima, vê seu benfeitor voltar à tona por um momento e depois ser engolido para sempre. Quer jogar-se ao mar e ir atrás dele, mas o filósofo Pangloss o impede, argumentando que a bacia de Lisboa tinha sido formada expressamente para que aquele anabatista ali se afogasse. Enquanto provava isso *a priori*, o navio se fende; tudo

sucumbe, exceto Pangloss, Cândido e aquele tosco marinheiro que deixara o virtuoso anabatista se afogar. O patife nada sem dificuldade até a praia, onde Pangloss e Cândido acabaram chegando apoiados sobre uma prancha.

Quando já estavam um pouco mais refeitos, caminharam na direção de Lisboa. Restava-lhes algum dinheiro, com o qual esperavam salvar-se da fome após ter escapado da tempestade.

Mal pisaram na cidade, chorando a morte de seu benfeitor, sentem a terra tremer sob os pés; o mar agitado se agiganta no porto, destrói os navios ancorados. Turbilhões de chamas e de cinzas cobrem ruas e praças públicas; casas desabam, telhados tombam pelo chão, o chão se abre; trinta mil habitantes de todas as idades e de todos os sexos são esmagados sob as ruínas. O marujo, gritando e blasfemando, dizia: — Aqui deve ter alguma coisa que se aproveite. — Pangloss se perguntava qual poderia ser a razão suficiente daquele fenômeno. E Cândido exclamava: — É o fim do mundo! — O marujo avança *incontinenti* por entre os destroços, enfrenta a morte para encontrar dinheiro, e o encontra, dele se apodera, se embebeda, cai no sono e mais tarde compra os favores da primeira jovem de boa vontade que ele vê entre as ruínas das casas destruídas, ou no meio dos mortos e moribundos. Pangloss, puxando-o pelo braço, lhe diz: — Meu amigo, isso não está certo, está ignorando a razão universal, desperdiçando seu tempo.

— Tenho cabeça e sangue de marujo — respondeu o outro. — Nasci na Batávia, passei quatro vezes por cima do crucifixo nas quatro viagens que fiz ao Japão;^[1] agora, sim, você encontrou esse seu homem e essa sua razão universal!

Alguns estilhaços de pedra feriram Cândido, que ficou estendido na rua, coberto de destroços. Dizia a Pangloss: — Ai, meu Deus!

Arranje um pouco de vinho e de óleo para mim; vou morrer.

— Esses tremores de terra não são uma coisa nova — respondeu Pangloss. — A cidade de Lima, na América, sofreu os mesmos abalos no ano passado; mesmas causas, mesmos efeitos, certamente há um rastro de enxofre sob a terra, que vai de Lima até Lisboa.

— Nada é mais provável — disse Cândido —, mas, por Deus, um pouco de óleo e de vinho.

— Mas como, provável? — replicou o filósofo. — Sustento ou defendo que isso está demonstrado.

Cândido perdeu os sentidos, e Pangloss lhe trouxe um pouco de água de uma fonte próxima dali.

No dia seguinte, após encontrar provisões enquanto se arrastavam pelos escombros, recobriram um pouco suas forças. E depois trabalharam com os outros para socorrer os habitantes que haviam escapado da morte. Alguns dos cidadãos socorridos por eles lhes ofereceram um jantar, tão bom quanto era possível em meio a um desastre daqueles. É verdade que a refeição foi triste, os convivas regavam o pão com lágrimas. Mas Pangloss os consolou, garantindo que as coisas não podiam ter acontecido de outra maneira.

— Pois tudo isto aqui — dizia ele — é o que há de melhor; pois, se existe um vulcão em Lisboa, ele não poderia estar em outro lugar; pois é impossível que as coisas não estejam exatamente onde estão; pois é assim que tudo está bem.

Um pequeno homem de negro que estava a seu lado, íntimo da Inquisição, pede educadamente a palavra e diz: — Parece que o senhor não acredita no pecado original, porque, se tudo é da melhor maneira, então não houve nem queda nem punição.^[2]

— Humildemente peço perdão a Vossa Excelência — respondeu Pangloss, mais educadamente ainda —, mas a queda do homem e a

maldição fazem parte necessariamente do melhor dos mundos possíveis.

— Então o senhor também não acredita na liberdade? — pergunta o oficial da Inquisição.

— Vossa Excelência vai desculpar-me, — diz Pangloss. — A liberdade pode subsistir com a necessidade absoluta, pois era necessário que fôssemos livres, e que, enfim, a vontade determinada...

Pangloss estava no meio de sua frase quando o homem da Inquisição fez um sinal de cabeça a seu criado que servia ao filósofo um vinho do Porto ou d'Oporto.

CAPÍTULO 6

COMO FIZERAM UM BELO AUTO DE FÉ
PARA IMPEDIR OS TREMORES DE TERRA E
COMO CÂNDIDO FOI CASTIGADO

Após o terremoto ter destruído três quartos de Lisboa, os sábios do país não encontraram um meio mais eficiente de prevenir uma ruína total do que fazer um belo auto de fé para o povo. Foi decidido pela Universidade de Coimbra que o espetáculo de queimar em fogo lento algumas pessoas, em uma grande cerimônia, era um segredo infalível para impedir a terra de tremer.

Em consequência, prenderam um cidadão basco acusado de ter-se casado com sua comadre e dois portugueses que jogaram fora a gordura^[1] do frango que comiam; depois do jantar, também foram buscar o Doutor Pangloss e seu discípulo Cândido, um por ter falado, e o outro por ter escutado com ar de aprovação. Os dois foram levados separadamente para apartamentos de um extremo frescor, onde nunca se é incomodado pelo sol. Oito dias depois, os dois foram vestidos com um sambenito^[2] e suas cabeças ornadas com mitras de papel. A mitra e o sambenito de Cândido eram pintados com chamas invertidas e diabos sem rabo e sem garras, enquanto que os diabos de Pangloss tinham garras e rabo, e as chamas estavam voltadas para cima. Caminharam em procissão vestidos dessa maneira, e ouviram um patético sermão, seguido de

um belo cantochão. Cândido foi chicoteado cadenciadamente enquanto cantavam; o basco e os dois homens que desprezaram a gordura do frango foram queimados; e Pangloss foi enforcado, embora esse não fosse o costume. Naquele mesmo dia, a terra voltou a tremer, com um estrondo assustador.

Cândido, apavorado, desconcertado, perturbado, sangrando, trêmulo, dizia a si mesmo: “Se este é o melhor dos mundos possíveis, como não serão os outros! Ainda se eu só tivesse apanhado, como havia acontecido entre os búlgaros, mas, ó meu caro Pangloss! Maior dos filósofos, não precisava vê-lo enforcado sem nem saber o porquê! Ó meu caro anabatista! melhor dos homens! Não precisava vê-lo afogar-se naquele porto! Ó Senhorita Cunegundes! pérola das moças, não precisavam ter rasgado seu ventre!”.

Saía dali, mal podendo sustentar-se, sermão ouvido, lombo fustigado, absolvido e abençoado, quando uma velha o abordou e lhe disse:

— Meu filho, tenha coragem, venha comigo.

CAPÍTULO 7

COMO UMA VELHA CUIDA DE CÂNDIDO E COMO ELE
REENCONTRA O QUE AMAVA

Cândido não estava com coragem, mas seguiu a velha até uma choupana. Ela lhe deu um pote de pomada para os ferimentos, deixou-lhe o que comer e beber, mostrou-lhe uma pequena cama, bem limpa. Junto à cama, havia uma muda de roupa.

— Coma, beba e durma — disse-lhe ela — e que Nossa Senhora de Atocha, Santo Antônio de Pádua e São Tiago de Compostela tomem conta do senhor! Voltarei amanhã.

Cândido, que continuava atônito com tudo que tinha visto, com tudo que tinha sofrido, e mais ainda com a caridade da velha senhora, quis beijar-lhe a mão.

— Não é a minha mão que deve ser beijada — disse ela. — Voltarei amanhã. Passe a pomada, coma e durma.

Apesar de todo o sofrimento, Cândido comeu e dormiu. No dia seguinte, a velha lhe traz o almoço, examina suas costas, passa-lhe uma outra pomada; depois lhe traz o jantar. Retorna mais tarde trazendo-lhe algo para cear. No outro dia, ela repete as mesmas cerimônias.

— Quem é a senhora? — Cândido sempre lhe perguntava. — Quem lhe inspirou tamanha bondade? De que forma posso retribuir-

lhe?

A boa senhora nunca respondia. Voltou naquela noite sem levar nada para a ceia.

— Venha comigo — diz ela — e não diga nada. Ela segura em seu braço e caminham por uma trilha campestre cerca de quatrocentos metros. Chegam a uma casa isolada, cercada por jardins e canais. A velha bate a uma pequena porta. Abrem. Ela conduz Cândido, por uma escada escondida, até um aposento dourado; acomoda-o em um sofá de brocado, fecha a porta e sai. Cândido acreditava estar sonhando; via toda sua vida como um sonho funesto e o momento presente como um sonho agradável.

A velha senhora logo estava de volta, apoiando com dificuldade uma mulher trêmula, de porte majestoso, brilhante de tanta pedraria e coberta com um véu.

— Retire o véu — diz a velha a Cândido. O jovem se aproxima, sua mão tímida ergue o véu. Que momento! Que surpresa! Ele pensa ver Cunegundes. E era verdade, era ela mesma! Perde as forças, não consegue dizer uma palavra, cai aos pés dela. Cunegundes desaba sobre o sofá. A velha enche-os de um álcool aromático, eles recobram os sentidos, se falam. No início, são palavras truncadas, perguntas e respostas que se cruzam, suspiros, lágrimas, gritos. A velha recomenda que façam menos ruído e os deixa a sós.

— Por Deus! É mesmo você — Cândido exclama. — Está viva! E vim reencontrá-la em Portugal! Mas então não a violentaram? Não cortaram seu ventre, como me havia garantido o filósofo Pangloss?

— Sim, isso aconteceu — diz a bela Cunegundes —, mas nem sempre se morre desses dois acidentes.

— Mas seu pai e sua mãe foram mortos?

— É a pura verdade — responde Cunegundes chorando.

— E seu irmão?

— Meu irmão também foi morto.

— E por que você está em Portugal? Como soube que eu estava aqui, e com que manobra incrível mandou que me trouxessem a esta casa?

— Vou contar-lhe tudo — replicou ela —, mas antes quero ouvir tudo o que lhe aconteceu desde aquele beijo inocente que me deu e dos pontapés que levou.

Cândido obedeceu com profundo respeito; e, ainda que perturbado, que sua voz estivesse fraca e trêmula, que a espinha lhe doesse um pouco, contou a Cunegundes, com toda naturalidade, tudo que tinha vivido desde o momento em que se separaram. Cunegundes voltava o olhar para os céus; verteu lágrimas pela morte de Pangloss e do bom anabatista, e depois disso contou o que segue a Cândido, que não perdia uma palavra e a devorava com os olhos.

CAPÍTULO 8

A HISTÓRIA DE CUNEGUNDES

— **E**u estava em minha cama e dormia profundamente, quando os céus acharam por bem enviar os búlgaros ao nosso lindo castelo de Thunder-ten-tronckh. Eles degolaram meu pai e meu irmão, e cortaram minha mãe em pedaços. Um búlgaro enorme, de um metro e oitenta e três de altura, vendo que eu tinha perdido os sentidos ao assistir àquele espetáculo, começou a me violentar. Com isso, voltei a mim, e gritei, me debati, mordi, arranhei, queria arrancar os olhos dele, sem saber que tudo o que acontecia no castelo do meu pai era uma coisa comum. O bruto me deu uma facada no flanco esquerdo, da qual ainda tenho a marca.

— Meu Deus! Espero poder vê-la — disse o ingênuo Cândido.

— Sim, vai vê-la, mas vamos continuar — disse Cunegundes.

— Então continue — replicou Cândido.

Ela retoma o fio da meada: — Um capitão búlgaro entrou ali, me viu toda ensanguentada, e o soldado nem se incomodou. O capitão ficou furioso com a falta de respeito demonstrada por aquele homem brutal e o matou ainda em cima do meu corpo. Em seguida, ordenou que cuidassem do meu ferimento e me levou como prisioneira de guerra para seu alojamento. Eu lavava as poucas camisas que ele tinha, eu cozinhava. Ele me achava muito bonita, não posso negar, como não nego que ele tinha uma boa aparência e

uma pele muito clara e macia. De resto, pouco engenho, pouca filosofia, via-se bem que não tinha sido educado por nenhum Pangloss. Ao final de três meses, após ter perdido todo o dinheiro que possuía, e ter deixado de gostar de mim, vendeu-me a um judeu chamado Issachar, que traficava na Holanda e em Portugal, e que gostava loucamente de mulheres. Esse judeu se encantou por mim, mas não conseguiu levar a melhor; resisti a ele mais que ao soldado búlgaro. Uma pessoa honrada pode ser violentada uma vez, mas sua virtude se fortalece com isso. O judeu, para me cativar, me trouxe para esta casa de campo. Até então, eu acreditava que não havia sobre a terra nada tão belo quanto o castelo de Thunder-ten-tronckh, mas estava enganada.

O grande inquisidor me viu certo dia na missa, não tirava os olhos de mim; mandou-me dizer que precisava falar-me de assuntos sigilosos. Fui levada a seu palácio; contei-lhe sobre minhas origens. Ele me disse que era algo muito abaixo da minha posição pertencer a um israelita. Foram, de sua parte, propor a dom Issachar que me cedesse ao monsenhor. Dom Issachar, que é banqueiro da corte e homem importante, não quis fazer isso. O inquisidor o ameaçou com um auto de fé. Intimidado, por fim meu judeu fechou um acordo pelo qual a casa e eu pertenceríamos aos dois; o judeu ficaria com as segundas e terças-feiras e o período do sabá,^[1] enquanto o inquisidor ficaria com os outros dias da semana. Esse acordo se mantém há seis meses, mas não sem discussões; pois muitas vezes não ficou bem definido se a noite do sábado para o domingo fazia parte da antiga ou da nova lei. De minha parte, até agora resisti às duas; e creio que é por isso que sempre fui amada.

Enfim, para afastar a calamidade dos terremotos, e para intimidar dom Issachar, o monsenhor inquisidor teve a brilhante ideia de

celebrar um auto de fé, ao qual fez a honra de me convidar. Fiquei muito bem instalada; serviram refresco às damas entre a missa e a execução. Na verdade, horrorizou-me ver queimarem os dois judeus e aquele honesto basco que havia casado com a comadre; mas qual não foi minha surpresa, meu pavor, minha perturbação quando vi, com aquele sambenito e aquela mitra na cabeça, uma figura que parecia a de Pangloss! Esfreguei os olhos, olhei atentamente, vi que o enforcavam, desmaiei de fraqueza. Mal voltei a mim, vi você esfolado nu; foi o auge do horror, da consternação, da dor, do desespero. Vou dizer-lhe, com sinceridade, que sua pele é ainda mais clara e de um tom mais perfeito que a do capitão dos búlgaros. Aquela visão redobrou todos os sentimentos que me consumiam, que me devoravam. Eu murmurava, queria gritar: parem com isso, seus bárbaros! Mas a voz me faltou, e meus gritos teriam sido inúteis. E, quando já tinha sido bem açoitado, eu me dizia: como pode ser que o amável Cândido e o sábio Pangloss tenham vindo a Lisboa, um para receber cem chicotadas, e o outro para ser enforcado por ordem do monsenhor inquisidor, de quem eu sou a bem-amada? Então Pangloss me enganava cruelmente quando me dizia que tudo tende para o melhor no mundo.

Agitada, aflita, por vezes fora de mim, por vezes prestes a morrer de fraqueza, não saía da minha cabeça o massacre do meu pai, da minha mãe, do meu irmão, a insolência daquele cruel soldado búlgaro, a facada que ele me havia dado, a minha servidão, a minha tarefa de cozinheira, o meu capitão búlgaro, o meu desagradável Issachar, o meu abominável inquisidor, o enforcamento do Doutor Pangloss, aquele *miserere*, interminável cantochão durante o qual o açoitavam, e, principalmente, o beijo que eu lhe tinha dado atrás daquele biombo no dia em que o vi pela última vez. Eu louvava a

Deus, que o trazia de volta a mim depois de tantas provações. Recomendei a minha velha que tomasse conta de você e que o trouxesse para cá assim que fosse possível. Ela cumpriu muito bem a missão; senti o prazer indescritível de revê-lo, de ouvi-lo, de lhe falar. Deve estar com muita fome; meu apetite é enorme. Vamos começar pela ceia.”

E, assim, sentam-se os dois à mesa. Após a ceia, voltam a se acomodar no belo sofá do qual já se falou aqui. Lá estavam eles quando dom Issachar, um dos donos da casa, chegou. Era o dia do sabá. Ele vinha usufruir de seus direitos, e dar mostras de seu terno amor.

CAPÍTULO 9

O QUE ACONTECEU A CUNEGUNDES, A CÂNDIDO, AO
GRANDE INQUISIDOR E A UM JUDEU

O tal Issachar era o mais colérico hebreu que já se tinha visto em Israel desde o cativo da Babilônia. — O que é isso! — diz ele. — Sua cadela galileia, já não basta o inquisidor? Esse patife também vai ter de dividi-la comigo?

Dizendo isso, pega um grande punhal que sempre carregava consigo, e, imaginando que seu adversário não tivesse nenhuma arma, lança-se sobre Cândido; mas nosso bom vestifaliano recebera da velha uma bela espada junto com a muda de roupa. Ele puxa a espada, embora tivesse modos muito afáveis, e faz o israelita cair duro no chão, aos pés da bela Cunegundes.

— Virgem Santa! — exclamou ela. — O que vai ser de nós? Um homem morto em minha casa! Se a justiça aparecer, estamos perdidos.

— Se Pangloss não tivesse sido enforcado, nos daria um bom conselho neste caso extremo, pois era um grande filósofo. Na sua falta, vamos consultar a velha.

Ela era muito prudente, e começava a dar sua opinião quando outra pequena porta se abriu. Passava uma hora da meia-noite, o domingo começava. E esse dia pertencia ao monsenhor inquisidor. Ele entra e vê o açoitado Cândido de espada em punho, um morto

estendido no chão, Cunegundes amedrontada, e a velha dando conselhos. Nesse momento, eis o que se passa na alma de Cândido e de que forma ele raciocina: “Se esse santo homem pedir socorro, sem dúvida vai mandar queimar-me, poderá fazer o mesmo a Cunegundes; mandou que me açoitassem sem piedade; é meu rival; já matei um; não há o que hesitar”. Esse raciocínio foi claro e rápido; e, sem dar tempo para que o inquisidor se refizesse da surpresa, atravessa-o de um lado a outro, e joga-o ao lado do judeu. — Por mais essa, ninguém esperava! — diz Cunegundes. — Não há mais salvação, seremos excomungados, nossa hora derradeira está chegando! Como é que pode, você que já nasceu tão amável, matar em dois minutos um judeu e um prelado?

— Minha linda senhorita — respondeu Cândido —, quando alguém está apaixonado, com ciúme e foi chicoteado pela Inquisição, já não é mais a mesma pessoa.

Só então a velha retomou a palavra, e disse: — Há três cavalos andaluzes na estrebaria, com as selas e as rédeas; que o destemido Cândido os prepare; a senhora tem dinheiro e diamantes; vamos montar depressa, embora eu só consiga apoiar-me sobre uma nádega, e vamos para Cádiz; lá, faz o tempo mais lindo do mundo, e é muito agradável viajar com o frescor da noite.

Rapidamente Cândido sela os três cavalos. Cunegundes, a velha e ele percorrem quarenta e oito quilômetros de uma tacada. Enquanto se afastam, a Santa Irmandade^[1] vai até a casa; enterram o monsenhor em uma bela igreja e jogam Issachar no depósito de lixo.

Cândido, Cunegundes e a velha já haviam chegado à cidadezinha de Avacena, no meio das montanhas da Sierra Morena; e conversavam assim em uma taverna.

CAPÍTULO 10

EM QUE MISÉRIA CÂNDIDO, CUNEGUNDES E A VELHA
CHEGAM EM CÁDIZ, E SOBRE SEU EMBARQUE

— Mas quem pode ter roubado meu dinheiro e meus diamantes?
— dizia Cunegundes aos prantos. — Vamos viver de quê? O que vamos fazer? Onde encontrar inquisidores e judeus que me deem essas coisas?

— Ai, ai, suspeito muito de um reverendo padre franciscano que passou a noite de ontem no mesmo albergue que nós, em Badajóz — disse a velha. — Deus me livre de fazer um julgamento errado! Mas ele entrou duas vezes em nosso quarto e partiu muito tempo antes de nós.

— Que horror! — exclamou Cândido. — O bom Pangloss provou-me muitas vezes que os bens terrenos são comuns a todos os homens, que cada qual tem o mesmo direito a eles. Por esses princípios, o franciscano bem que devia ter-nos deixado a nossa parte, para terminarmos nossa viagem. Mas então não lhe resta mais nada, minha linda Cunegundes?

— Nem um vintém — disse ela.

— O que fazer? — perguntou Cândido.

— Vamos vender um dos cavalos — respondeu a velha. — Irei na garupa da senhorita, embora eu só consiga apoiar-me sobre uma nádega, e chegaremos em Cádis.

Na mesma hospedaria, havia um vigário beneditino que comprou o cavalo a bom preço. Cândido, Cunegundes e a velha passaram por Lucena, por Chilas, por Lebrija e finalmente chegaram a Cádiz. Ali, equipavam uma frota e arregimentavam tropas para ir chamar à razão os reverendos padres jesuítas do Paraguai, acusados de ter incitado uma de suas hordas à revolta contra os reis da Espanha e de Portugal, próximo à vila do Santíssimo Sacramento. Tendo servido junto aos búlgaros, Cândido fez os exercícios que aprendera diante do general da pequena armada, com tanta graça, rapidez, destreza, altivez, agilidade, que lhe deram o comando de uma companhia de infantaria. Ei-lo, assim, capitão. Ele embarca com Cunegundes, a velha, dois criados e os dois cavalos que antes tinham pertencido ao grande inquisidor de Portugal.

Durante toda a travessia, refletiram muito sobre a filosofia do pobre Pangloss.

— Estamos rumando para outro universo — dizia Cândido —, e será nele, sem dúvida, que tudo estará bem. Pois é preciso admitir que aqui neste universo havia motivos para lamentar o que acontecia, tanto pelo lado material como pelo lado moral.

— Eu o amo de todo o coração — dizia-lhe Cunegundes —, mas minha alma ainda está assustada com tudo que vi e por tudo que passei.

— Tudo vai ficar bem — replicava Cândido. — O mar deste Novo Mundo já vale mais que os mares da nossa Europa, é mais calmo, com ventos mais constantes. Certamente o Novo Mundo é que é o melhor dos universos possíveis.

— Deus queira! — dizia Cunegundes. — Mas fui tão infeliz no meu universo que meu coração está quase fechado à esperança.

— Estão queixando-se, — disse-lhes a velha — mas não sabem o que é passar pelas desgraças que eu passei.

Cunegundes quase riu daquilo, pensando que a boa senhora só podia estar brincando por se achar mais infeliz do que ela.

— Que pena, minha aia! — disse à velha. — Mas, a menos que tivesse sido violentada por dois búlgaros, que tivesse levado duas facadas no ventre, que tivessem destruído dois dos seus castelos, que tivesse visto degolarem dois pais e duas mães bem na sua frente, e visto dois amantes serem chicoteados num auto de fé, diante dos seus olhos, não vejo como poderia ser mais infeliz do que eu; ainda mais porque nasci baronesa, com setenta e duas gerações de nobreza, e acabei sendo cozinheira.

— Senhorita — respondeu a velha —, não sabe nada sobre as minhas origens; se eu lhe mostrasse meu traseiro, não falaria como está falando, e suspenderia seu julgamento.

Esse discurso fez nascer uma extrema curiosidade no espírito de Cunegundes e de Cândido. A velha lhes falou nos seguintes termos.

CAPÍTULO 11

A HISTÓRIA DA VELHA

“Nem sempre tive os olhos injetados e circundados por essas olheiras; nem sempre meu nariz encostou no meu queixo e nem sempre fui empregada. Sou filha do Papa Urbano X e da Princesa de Palestrina. Vivi até os quatorze anos em um palácio ao qual nenhum dos castelos de seus barões alemães teria servido de estrebaria; qualquer um dos meus vestidos valia mais do que todas as magnificências da Vestfália. Eu crescia em beleza, em graça, em talento, em meio a prazeres, respeito e esperanças. E já inspirava o amor; meus seios se formavam, e que seios! Alvos, firmes, moldados como os da Vênus de Médici. E que olhos! Que pálpebras! Que sobrancelhas negras! Que chamas brilhavam em meu olhar, que ofuscavam o cintilar das estrelas, como me diziam os poetas dos arredores. As mulheres que me vestiam e que me despiam ficavam extasiadas ao me olharem de frente e de costas; e todos os homens teriam adorado estar no lugar delas.

“Fui noiva de um príncipe, o soberano de Massa-Carrara. Que príncipe! Tão belo quanto eu, doce e encantador, brilhante de espírito e ardente de amor. Eu o amava como se ama pela primeira vez, com idolatria, com paixão. As núpcias estavam sendo preparadas. Era uma pompa, um esplendor extraordinário; eram festas, desfiles militares, óperas-bufas a não acabar mais; e toda a

Itália dedicou-me sonetos dos quais nenhum sequer era ruim. Eu chegava ao meu grande momento de felicidade quando uma velha marquesa, que tinha sido amante do meu príncipe, convidou-o para tomar um chocolate em sua casa. Ele morreu em menos de duas horas, com terríveis convulsões. Mas isso não é nada. Minha mãe, desesperada, embora menos aflita do que eu, quis afastar-se por um tempo daquele acontecimento tão funesto. Ela tinha uma bela propriedade perto de Gaeta; embarcamos para lá em uma galera dourada como o altar de São Pedro de Roma. De repente, fomos abordados violentamente por um corsário de Sale;^[1] nossos soldados se defenderam como soldados do papa: todos se ajoelharam chorando, pedindo ao corsário uma absolvição *in articulo mortis*.^[2]

“Sem demora, deixaram todos nus como macacos, e também minha mãe, nossas damas de companhia e eu. É uma coisa admirável a rapidez com que esses senhores despem o mundo inteiro. Mas o que mais me surpreendeu é que colocaram em todos nós um dedo em um lugar onde nós, mulheres, em geral só deixamos que coloquem uma cânula. Essa cerimônia me pareceu bem estranha; aliás, achamos tudo estranho quando nunca saímos do nosso país. Logo aprendi que era para ver se não tínhamos escondido ali nenhum diamante, e que se tratava de um costume de tempos imemoriais entre as nações avançadas que cruzam os mares. Aprendi que os religiosos cavaleiros de Malta nunca deixam de fazer isso quando prendem turcos e turcas; é uma lei do direito dos povos que jamais é transgredida.

“Nem preciso dizer o quanto é duro para uma jovem princesa ser levada ao Marrocos como escrava junto com a própria mãe. Bem podem imaginar o que tivemos de passar naquele navio pirata.

Minha mãe era ainda muito bonita; nossas damas de companhia, nossas simples camareiras tinham mais encantos do que se poderia encontrar na África inteira. E eu era atraente, era a própria graça e beleza, e era virgem. Mas não por muito tempo; aquela flor, que tinha sido reservada para meu belo Príncipe de Massa-Carrara, me foi roubada pelo capitão corsário. Era um negro abominável, que acreditava além de tudo estar proporcionando-me grande honra. E, de fato, era preciso que a senhora Princesa de Palestrina e eu fôssemos muito fortes para resistir a tudo que enfrentamos em nossa chegada ao Marrocos. Mas, deixemos para lá; são coisas tão comuns que não valem a pena ser lembradas.

“O Marrocos se banhava em sangue quando chegamos. Cinquenta filhos do Imperador Mulei-Ismael tinham, cada um, um partido, o que resultava, na verdade, em cinquenta guerras civis, de negros contra negros, de negros contra mestiços, de mestiços contra mestiços, de mulatos contra mulatos; era uma contínua carnificina em toda a extensão do império.

“Mal desembarcamos, os negros de uma facção inimiga à de nosso corsário chegaram para tirar-lhe o que havia saqueado. Éramos, depois dos diamantes e do ouro, o que ele tinha de mais precioso. Fui testemunha de um combate que jamais se daria no clima europeu. Os povos setentrionais não têm o sangue tão quente. Não têm o ímpeto pelas mulheres com a intensidade que é comum na África. Parece que nas veias dos nossos europeus corre leite; nas dos habitantes do Monte Atlas e das regiões vizinhas, o que corre é fogo, é vitríolo.^[3] Combatiam com a fúria dos leões, dos tigres e das serpentes da região para ver com quem ficaríamos. Um mouro segurou minha mãe pelo braço direito, o lugar-tenente do capitão corsário a segurou pelo braço esquerdo; um soldado mouro pegou-a

por uma perna, um dos nossos piratas, pela outra. Quase todas as nossas jovens, em algum momento, viram-se puxadas assim por quatro soldados. Meu capitão mantinha-me escondida atrás dele. Empunhava um sabre e acabava com tudo que se opusesse a sua fúria. Enfim, vi minha mãe e todas as nossas italianas rasgadas, cortadas, massacradas pelos monstros que as disputavam. Os prisioneiros, meus companheiros, os que os haviam prendido, soldados, marinheiros, pretos, mestiços, brancos, mulatos, e por fim meu capitão, todos foram mortos; e eu fiquei à beira da morte sobre uma pilha de mortos. Cenas como essas aconteciam, como se sabe, por mais de 1448 km de extensão, sem que ninguém faltasse às cinco preces diárias ordenadas por Maomé.

“Com muita dificuldade, me livreí da multidão de cadáveres ensanguentados e amontoados, e me arrastei para baixo de uma grande laranjeira à margem de um riacho vizinho; ali desabei de pavor, de cansaço, de horror, de desespero e de fome. Pouco tempo depois, meus sentidos esgotados me fizeram cair num sono que tinha mais de desfalecimento que de repouso. Eu estava nesse estado de fraqueza e de insensibilidade, entre a vida e a morte, quando me senti pressionada por alguma coisa que se agitava sobre meu corpo. Abri os olhos, vi um homem branco, de boa aparência, que suspirava, e que dizia entre os dentes: *‘O che sciagura d’essere senza c...!’*.”[4]

CAPÍTULO 12

CONTINUAÇÃO DAS DESGRAÇAS DA VELHA

“**S**urpresa e contente por ouvir a língua da minha pátria, e não menos surpresa com as palavras que o homem proferia, disse-lhe que havia males maiores do que aquele do qual se queixava. contei-lhe em poucas palavras os horrores que eu havia suportado e tornei a cair de fraqueza. Ele me levou para uma casa próxima, mandou que me colocassem na cama e me dessem de comer; serviu-me, consolou-me, agradou-me, disse que nunca tinha visto nada mais belo do que eu, e que nunca se havia lamentado tanto por aquilo que ninguém poderia mais lhe restituir.

— Nasci em Nápoles; — disse-me — lá são castrados de dois a três mil meninos todos os anos; alguns morrem dessa causa, outros adquirem uma voz mais bonita que a das mulheres, outros ainda vão governar os Estados. Em mim, a operação teve um grande êxito, e fui músico da capela da Princesa de Palestrina.

“De minha mãe!’, exclamei.

“De sua mãe!’, ele exclamou chorando. ‘Então a senhorita seria a princesinha que eu criei até a idade de seis anos, e que já prometia ser tão bonita como é agora?’.

— Sou eu mesma; e minha mãe está a quatrocentos passos daqui, cortada em quartos sob uma pilha de mortos...

“Contei a ele tudo o que me havia acontecido; ele também me contou suas aventuras e explicou como tinha sido enviado por uma autoridade cristã até o rei do Marrocos, para concluírem um acordo pelo qual esse monarca receberia pólvora, canhões e navios que o ajudariam a acabar com o comércio dos outros cristãos.

“‘Minha missão está cumprida’, disse o honesto eunuco; ‘vou embarcar em Ceuta, e a levarei de volta à Itália. *Ma che sciagura d’essere senza c...!*’.

“Eu lhe agradei com lágrimas de emoção; mas, em lugar de me levar à Itália, ele me levou à Argélia, e me vendeu ao regente daquela província. Eu acabara de ser vendida quando a peste, que dava a volta à África, à Ásia e à Europa, se abateu com furor sobre a Argélia. A senhorita já viu um terremoto; mas alguma vez contraiu a peste?

“Nunca, respondeu a baronesa.

“Se a tivesse contraído, admitiria que é bem pior que um terremoto. Ela é muito comum na África; e me atacou. Imagine que situação para a filha de quinze anos de um papa, que em três meses tinha conhecido a pobreza e a escravidão, tinha sido violentada quase todos os dias, tinha visto sua mãe ser cortada em quatro, tinha enfrentado a guerra e a fome, e quase morria empestuada na Argélia. No entanto, não morri; mas meu eunuco e o regente, e quase todos os haréns da Argélia, pereceram.

“Quando os primeiros surtos dessa medonha peste passaram, os escravos do regente foram vendidos. Um comerciante me comprou e me levou para Túnis; e me vendeu para outro comerciante, que me revendeu em Trípoli; de Trípoli, fui revendida em Alexandria, de Alexandria, fui revendida em Esmirna, de Esmirna, em Constantinopla. Finalmente pertenci a um chefe de infantaria turco,

que logo foi chamado a defender Azov^[1] contra os russos, que a sitiavam.

“Esse chefe, que era um homem muito galante, levou consigo todo o seu harém, e nos instalou em um pequeno forte no Lago Meotides, vigiado por dois eunucos negros e vinte soldados. Mataram prodigamente os russos, mas estes não deixaram por menos. Azov foi reduzida a fogo e sangue, e não perdoaram nem sexo nem idade; só sobrou nosso pequeno forte, e os inimigos quiseram derrotar-nos pela fome. Os vinte soldados tinham jurado jamais se render. Mas chegaram a tal extremo de fome, e tanto temiam violar seu juramento, que se viram obrigados a comer nossos dois eunucos. Ao final de alguns dias, resolveram comer as mulheres.

“Tínhamos um sacerdote muçulmano muito piedoso e compassivo que lhes fez um belo sermão, conseguindo com isso persuadi-los a não nos matar por completo.

— Cortem apenas uma nádega de cada uma dessas damas — disse-lhes ele — e farão uma ótima refeição; se for preciso recomeçar, ainda terão o mesmo tanto daqui a mais uns dias; o céu há de ser-lhes reconhecido por uma ação tão caridosa, e há de conceder-lhes socorro.

“Ele foi muito eloquente e os convenceu. Fizeram em todas nós essa horrível operação. O sacerdote nos aplicou o mesmo bálsamo que aplicam nos meninos que passam pela circuncisão. Quase morremos.

“Os soldados tinham acabado de fazer a refeição que lhes havíamos fornecido quando os russos chegaram em suas balsas. Não sobrou um só soldado. Os russos nem tomaram conhecimento do estado em que nos encontrávamos. Por toda parte há cirurgições

franceses, e um deles, muito hábil, cuidou de nós; ele nos curou, e lembrarei a vida inteira de certas propostas que me fez quando minhas feridas já estavam bem cicatrizadas. De resto, disse a nós todas que nos consolássemos, e nos garantiu que em vários outros lugares coisas parecidas tinham ocorrido, que essa era a lei da guerra.

“Assim que minhas companheiras puderam caminhar, fomos mandadas a Moscou. Na partilha, fui destinada a um boiardo^[2] que me fez de jardineira e me dava vinte chicotadas por dia. Mas, ao final de dois anos, ele e outros trinta e tantos boiardos foram postos para correr, por conta de alguma disputa da corte; eu me aproveitei da situação e fugi; atravessei a Rússia inteira; por muito tempo trabalhei em uma taverna em Riga, depois em Rostock, em Wismar, em Leipzig, em Kassel, em Utrecht, em Leiden, em Haia, em Roterdã; envelheci na miséria e no opróbrio, só com metade do traseiro, sempre lembrando que eu era filha de um papa. Cem vezes eu quis matar-me, mas ainda amava a vida. Essa fraqueza ridícula talvez seja uma das nossas mais funestas aptidões, pois pode haver algo mais tolo do que querer carregar continuamente um fardo que sempre pensamos em largar pelo chão? Ou do que ter horror ao nosso ser, mas nos agarrarmos a ele? Ou, enfim, do que acariciar a serpente que nos devora, até que ela nos tenha engolido o coração?

“Vi, nos lugares em que o acaso me fez percorrer, e nas tavernas em que trabalhei, um grande número de pessoas que execravam a própria existência; mas vi apenas doze que voluntariamente puseram fim a sua miséria: três negros, quatro ingleses, quatro genoveses e um professor alemão chamado Robeck. Acabei tornando-me empregada na casa do judeu dom Issachar; ele me colocou a seu lado, minha linda menina; liguei-me ao seu destino, e

acabei ocupando-me mais das suas aventuras do que das minhas. Eu nunca lhe teria falado das minhas desgraças se não me tivesse provocado, e se não fosse costume, dentro de um navio, contar histórias para se distrair. Enfim, mocinha, tenho experiência, conheço o mundo; dê a si mesma um prazer, faça que cada passageiro lhe conte sua história, e se houver um só deles que não tenha muitas vezes amaldiçoado a própria vida, que não tenha muitas vezes pensado ser o mais infeliz dos homens, pode jogar-me no mar, de cabeça.”

CAPÍTULO 13

COMO CÂNDIDO FOI OBRIGADO A SE SEPARAR DA BELA
CUNEGUNDES E DA VELHA

Depois de ter ouvido a história da velha, a bela Cunegundes passou a tratá-la com toda a cortesia que era devida a uma pessoa de sua categoria e de seus méritos. Aceitou a sugestão e fez todos os passageiros, um a um, lhe contarem suas aventuras. Cândido e ela admitiram que a velha tinha razão. — É pena, realmente — dizia Cândido —, que o sábio Pangloss tenha sido enforcado, muito embora não fosse o costume, em um auto de fé; ele nos diria coisas admiráveis sobre o mal físico e sobre o mal moral que cobrem a terra e o mar, e eu me sentiria com força suficiente para ousar, respeitosamente, fazer-lhe algumas objeções.

À medida que cada um contava sua história, o navio avançava. Atracaram em Buenos Aires. Cunegundes, o capitão Cândido e a velha foram à casa do governador, Dom Fernando d'Ibaraa y Figueroa y Mascarenes y Lampourdos y Souza. Este senhor era de um orgulho muito conveniente a um homem com tantos sobrenomes. Falava às pessoas com o mais nobre desdém, o nariz empinado, elevando impiedosamente a voz, usando um tom tão imponente, adotando uma conduta tão altiva, que todos que o saudavam ficavam tentados a lhe bater. Amava as mulheres loucamente. Cunegundes pareceu-lhe o que de mais belo tinha visto

na vida. A primeira coisa que fez foi perguntar se ela não era mulher do capitão. O tom com que fez essa pergunta alarmou Cândido, que não ousou dizer que ela era sua mulher porque, de fato, não era; não ousava dizer que era sua irmã, porque ela também não o era; e, embora essa mentira officiosa tenha estado muito em voga entre os antigos e pudesse ser muito útil aos mais novos, sua alma era pura demais para esconder a verdade. — A Senhorita Cunegundes — disse ele — vai dar-me a honra de esposar-me, e rogamos que Vossa Excelência tenha a bondade de realizar nosso casamento.

Dom Fernando d'Ibaraa y Figueroa y Mascarenes y Lampourdos y Souza, alisando o bigode, sorriu amargamente e ordenou que o capitão Cândido fosse passar a companhia em revista. Cândido obedeceu; o governador permaneceu com a Senhorita Cunegundes. Declarou-lhe sua paixão, assegurou-lhe que no dia seguinte se casariam perante a Igreja, ou de outra maneira que fosse de seu agrado. Cunegundes pediu para se recolher por um quarto de hora, para consultar a velha e para se decidir.

A velha disse a Cunegundes: — A senhorita tem setenta e duas gerações de nobreza e nem um tostão; só depende da senhorita ser a esposa do homem mais importante da América meridional, que tem bigodes muito bonitos; e quem disse que precisa vangloriar-se de uma fidelidade a toda prova? Foi violentada pelos búlgaros; um judeu e um inquisidor desfrutaram de seus belos dotes; as desgraças nos dão direitos. Confesso que, se estivesse em seu lugar, não teria nenhum escrúpulo em casar com o senhor governador e fazer a fortuna do capitão Cândido. — Enquanto a velha falava com toda a prudência que a idade e a experiência ensejam, via-se um pequeno navio entrar no porto; trazia um alcaide e alguns policiais, e eis o que havia ocorrido.

A velha tinha adivinhado exatamente ter sido um franciscano sem escrúpulos quem havia roubado o dinheiro e as joias de Cunegundes em Badajóz, quando ela fugia apressadamente com Cândido. O frade quis vender algumas das pedras preciosas a um joalheiro, que as reconheceu como sendo as do grande inquisidor. O frade, antes de ser enforcado, confessou que as havia roubado; indicou as pessoas e o rumo que tinham tomado. A fuga de Cunegundes e de Cândido já era conhecida. Vão atrás deles em Cádiz: sem perda de tempo, mandam um navio para persegui-los. O navio já estava no porto de Buenos Aires. Espalha-se o rumor de que um alcaide desembarcava, e que perseguiam os assassinos do monsenhor, o grande inquisidor. A prudente velha viu naquele instante tudo o que devia ser feito. — Não pode fugir — disse ela a Cunegundes — e não tem nada a temer; não foi a senhorita que matou o monsenhor, e, além disso, o governador, que a ama, não permitirá que a maltratem; fique aqui.

Ela corre imediatamente até Cândido: — Fuja! — diz ela — ou dentro de uma hora será queimado.

Não havia um minuto a perder; mas como se separar de Cunegundes, e onde se refugiar?

CAPÍTULO 14

COMO CÂNDIDO E CACAMBO FORAM RECEBIDOS PELOS
JESUÍTAS DO PARAGUAI

Cândido levara de Cádiz um ajudante do tipo que era muito encontrado na costa da Espanha e nas colônias. Era um ^{quarto} espanhol, nascido de um pai mestiço em Tucumã; tinha sido coroinha, sacristão, marinheiro, monge, carteiro, soldado, criado. Chamava-se Cacambo e gostava muito do seu patrão, pois seu patrão era um homem muito bom. Selou o mais rápido que pôde os dois cavalos andaluzes. — Vamos, patrão, vamos seguir o conselho da velha; vamos embora sem olhar para trás.

Cândido chorou. — Ó minha querida Cunegundes! Eu tinha de abandonar-te justo agora que o governador ia realizar nosso casamento? Trazida de tão longe, o que vai ser de ti?

— Vai ser o que der para ser — disse Cacambo —, as mulheres nunca estão preocupadas com elas mesmas, Deus é que as ajuda. Vamos correr.

— Onde está levando-me? Para onde vamos? O que faremos sem Cunegundes? — dizia Cândido.

— Por São Tiago de Compostela! — dizia Cacambo. — O senhor ia guerrear contra os jesuítas; agora vamos guerrear a favor deles; conheço muitos caminhos, vou guiá-lo até seu reino; eles ficarão encantados por ter um capitão que faz as manobras à moda búlgara;

o senhor fará uma prodigiosa fortuna. Quando não se tem o que se merece em um lugar, acaba-se por encontrá-lo em outro. É um grande prazer ver e fazer coisas novas.

— Então já estive no Paraguai? — perguntou Cândido.

— Já, é verdade — respondeu Cacambo —, prestei serviços no colégio de Assunção e conheço o governo de *Los Padres* tão bem quanto as ruas de Cádiz. Esse governo é uma coisa admirável. O reino tem mais de 1448 km de extensão e está dividido em trinta províncias. Os Padres têm de tudo, e o povo, nada. É a obra-prima da razão e da justiça. Para mim, não há nada de tão divino quanto os Padres, que, aqui, combatem o Rei da Espanha e o Rei de Portugal, e na Europa são seus confessores; aqui matam espanhóis, e em Madri, os recomendam aos céus. Isso me encanta. Vamos em frente, o senhor será o mais afortunado dos homens. E que prazer terão os Padres quando souberem que contarão com um capitão que sabe as manobras búlgaras!

Assim que chegaram à primeira barreira, Cacambo disse à guarda avançada que um capitão pedia para falar com o monsenhor comandante. Foram avisar a guarda principal. Um oficial paraguaio correu até o comandante para lhe dar a notícia. Antes de tudo, Cândido e Cacambo foram desarmados, e recolheram seus dois cavalos andaluzes. Os dois estrangeiros foram colocados entre duas filas de soldados; o comandante estava na extremidade, chapéu de três pontas na cabeça, batina arregaçada, espada a tiracolo, lança na mão. Faz um sinal; imediatamente vinte e quatro soldados cercam os dois recém-chegados. Um sargento lhes diz que terão de esperar, que o comandante não pode falar-lhes; que o reverendo padre provincial não permite que nenhum espanhol abra a boca se não for em sua presença nem que permaneça mais de três horas na região.

— E onde está o reverendo padre provincial? — perguntou Cacambo.

— Ele está na parada, após ter rezado a missa — respondeu o sargento —, e só poderão beijar seus pés daqui a três horas.

— Mas o senhor capitão, que está morto de fome, assim como eu, não é espanhol, é alemão — disse Cacambo. — Não poderíamos almoçar enquanto esperamos Sua Reverência?

O sargento foi imediatamente dar conta desse discurso ao comandante.

— Deus seja louvado! — disse o comandante — Já que é alemão, vou poder falar-lhe; levem-no ao meu abrigo.

Rapidamente conduzem Cândido a um pavilhão ajardinado, ornado com lindas colunas de mármore verde e dourado, e viveiros com papagaios, colibris, canários, galinhas-d'angola e todos os mais raros pássaros. Um excelente almoço estava preparado em panelas de ouro. Enquanto os paraguaios comiam milho em cumbucas de madeira, a céu aberto, sob um sol escaldante, o reverendo padre comandante entrava em seu abrigo.

Era um jovem muito bonito, de rosto cheio, muito claro e corado, sobranceiras erguidas, olhos vivos, orelhas avermelhadas, ostentando um ar de orgulho, mas de um orgulho que não era nem o de um espanhol nem o de um jesuíta. Devolveram a Cândido e a Cacambo as armas que lhes haviam tomado, bem como seus dois cavalos andaluzes; Cacambo os alimentou com aveia ao lado do abrigo, sem tirar os olhos deles, temendo alguma surpresa.

Primeiramente, Cândido beijou a barra da batina do comandante; em seguida, sentaram-se à mesa.

— Então o senhor é alemão? — perguntou-lhe o jesuíta nessa língua.

— Sim, reverendo padre — respondeu Cândido.

Um e outro, ao pronunciar essas palavras, se olharam com extrema surpresa, e com certa emoção que não controlavam.

— E de que região da Alemanha é o senhor? — disse o jesuíta.

— Da detestável província de Vestfália — disse Cândido. — Nasci no castelo de Thunder-ten-tronckh.

— Oh, meu Deus! Será possível! — exclamou o comandante.

— Que milagre! — exclamou Cândido.

— Será que é você? — disse o comandante.

— Não é possível! — replicou Cândido.

Os dois caem para trás, se abraçam, vertem rios de lágrimas.

— Mas como! É mesmo o senhor, meu reverendo padre? O irmão da linda Cunegundes! O senhor, que tinha sido morto pelos búlgaros! O filho do monsenhor barão! O senhor, jesuíta no Paraguai! Tenho de admitir que este mundo é uma coisa incrível. Ó Pangloss! Pangloss! Como ficaria contente se não tivesse sido enforcado!

O comandante dispensou os escravos negros e os paraguaios que serviam as bebidas em taças de cristal de rocha. Agradeceu mil vezes a Deus e a Santo Inácio; abraçou Cândido, seus rostos estavam banhados de lágrimas.

— O senhor ficaria ainda mais surpreso, mais emocionado, fora de si — disse Cândido —, se eu lhe dissesse que a Senhorita Cunegundes, sua irmã, que o senhor acredita ter sido estripada, goza de plena saúde.

— Onde?

— Em sua vizinhança, na casa do governador de Buenos Aires; e eu vim para cá para guerrear contra o senhor.

Cada palavra que pronunciavam nessa longa conversa acumulava um prodígio sobre o outro. A alma dos dois jovens pairava inteiramente sobre sua língua materna, estava toda atenta em seus ouvidos e brilhante em seus olhos. Como eram alemães, ficaram muito tempo à mesa, esperando o reverendo padre provincial; e o comandante falou desta maneira ao seu prezado Cândido.

CAPÍTULO 15

COMO CÂNDIDO MATOU O IRMÃO DE SUA QUERIDA
CUNEGUNDES

— Durante minha vida inteira vou ter presente na memória o dia horrível em que vi matarem meu pai e minha mãe e violentarem minha irmã. Depois que os búlgaros se retiraram, ninguém encontrou minha adorável Cunegundes; em uma charrete, colocaram a minha mãe, o meu pai, eu, dois criados e três meninos degolados, para sermos enterrados em uma capela de jesuítas, a duas léguas do castelo de meus pais. Um jesuíta jogou água benta sobre nós; ela estava muitíssimo salgada; algumas gotas entraram nos meus olhos e o padre percebeu que minhas pálpebras faziam um pequeno movimento. Colocou a mão sobre meu coração e sentiu que ele palpitava; fui socorrido, e ao final de três semanas ninguém diria que aquilo tinha acontecido. Você sabe, meu caro Cândido, que eu era muito bonito, e fiquei mais bonito ainda; logo o reverendo padre Croust, superior do convento, sentiu por mim a mais terna amizade e me deu o hábito de noviço; tempos depois, fui enviado a Roma. O superior geral precisava recrutar jovens jesuítas alemães. Os soberanos do Paraguai recebem jesuítas espanhóis o mínimo possível; preferem os estrangeiros, sobre os quais acreditam ter mais domínio. O reverendo superior geral julgou-me adequado para trabalhar nesta vinha. Viemos, um polonês, um tirolês e eu. Ao

chegar, fui honrado com o subdiaconato e com um posto de tenente; hoje sou coronel e padre. Recebemos com todo vigor as tropas do Rei da Espanha; e lhe adianto que elas serão excomungadas e derrotadas. A Providência o enviou aqui para nos secundar. Mas diga, é verdade que minha querida irmã Cunegundes está por perto, na casa do Governador de Buenos Aires?

Cândido jurou que nada era mais verdadeiro. Suas lágrimas voltaram a cair. O barão não se cansava de abraçar Cândido; tratava-o por seu irmão, seu salvador.

— Ah! talvez possamos, juntos — dizia a Cândido —, entrar na cidade como vencedores e resgatar minha irmã Cunegundes.

— É tudo que desejo — disse Cândido —, pois contava casar-me com ela, ainda tenho esperança.

— Você, seu insolente! — replicou o barão — cometeria a imprudência de se casar com minha irmã, que tem setenta e duas gerações de nobreza? Acho-o bem abusado, ousando falar-me de um desejo tão temerário!

Cândido, petrificado com esse discurso, lhe respondeu: — Meu reverendo padre, todos os nobres parentescos do mundo não querem dizer nada; tirei sua irmã dos braços de um judeu e de um inquisidor; ela me é muito grata e também quer casar-se comigo. Mestre Pangloss sempre me disse que os homens são todos iguais; seguramente, nos casaremos.

— É o que veremos, patife! — disse o jesuíta Barão de Thunder-ten-tronckh, ao mesmo tempo que o golpeava no rosto com as costas da espada. Em um instante, Cândido também empunha a sua, e a enterra até o cabo no ventre do barão; mas ao retirá-la, ainda fumegante, começa a chorar: — Ai, meu Deus! Matei meu antigo

senhor, meu amigo, meu cunhado; sou a melhor pessoa do mundo, mas é o terceiro homem que mato! E, dos três, dois eram padres!

Cacambo, que estava de sentinela à porta do abrigo, correu a acudir. — Só nos resta vender caro nossa vida — disse-lhe seu patrão. — Vão, sem dúvida, entrar aqui; temos de morrer de arma em punho. Cacambo tinha visto muitas outras armas e não perdeu a cabeça; tirou a batina de jesuíta do barão e vestiu-a em Cândido, deu-lhe o chapéu do morto e lhe disse para montar no cavalo. Tudo isso em um piscar de olhos.

— A galope, patrão! Todo mundo vai achar que é um jesuíta indo dar suas ordens; e, antes que consigam vir atrás de nós, já teremos ultrapassado as barreiras. Cacambo já voava quando pronunciou essas palavras; e depois gritou em espanhol: — Deem passagem, deem passagem ao reverendo padre coronel!

CAPÍTULO 16

O QUE FOI FEITO DOS DOIS VIAJANTES, COM DUAS JOVENS,
DOIS MACACOS E OS SELVAGENS CHAMADOS ORELHÕES

Cândido e seu ajudante ultrapassaram as barreiras, e no acampamento ninguém sabia ainda da morte do jesuíta alemão. O esperto Cacambo teve o cuidado de encher uma sacola com pão, chocolate, presunto, frutas e alguns frascos de vinho. Embrenharam-se com seus cavalos andaluzes por uma região desconhecida, onde não encontraram caminho algum. Por fim, uma bela pradaria, cortada por alguns riachos, surgiu diante deles. Nossos dois viajantes deixam seus animais pastarem. Cacambo propõe que seu patrão coma alguma coisa, e lhe dá o exemplo. — Como quer que eu coma presunto — dizia Cândido — se matei o filho do barão e se me vejo condenado a não rever a bela Cunegundes? De que vai adiantar prolongar meus miseráveis dias, uma vez que eles irão arrastar-se, com remorso e desespero, longe dela? E o que irá dizer o jornal de Trévoux?^[1]

Falou assim, mas não deixou de comer. O Sol se punha. Os dois desgarrados ouviram uns gritinhos que pareciam ser de mulheres. Não sabiam se eram gritos de dor ou de alegria, mas se levantaram precipitadamente, com a preocupação e o temor que inspira um lugar desconhecido. Os rumores partiam de duas jovens nuas que corriam pelo prado enquanto dois macacos as seguiam, mordendo

suas nádegas. Cândido sentiu pena; tinha aprendido a atirar com os búlgaros e derrubaria uma avelã do pé sem tocar em uma folha. Pega seu fuzil espanhol de cano duplo, atira e mata os dois macacos.

— Deus seja louvado, meu caro Cacambo! Livrei aquelas duas pobres criaturas de um grande perigo; se cometi um pecado matando um inquisidor e um jesuíta, ele foi reparado agora que salvei a vida das moças. Talvez sejam duas moças de boa condição, e essa aventura possa trazer-nos grandes vantagens por aqui.

Ele ia continuar, mas sua língua paralisou quando viu as duas moças abraçarem ternamente os dois macacos, esvair-se em lágrimas sobre seus corpos e encher o ar com gritos de sofrimento. — Não esperava tamanha bondade de alma — disse ele enfim a Cacambo.

— Que grande proeza o senhor fez ali, patrão — replicou Cacambo —; acabou de matar os amantes daquelas moças.

— Amantes? Será possível? Está zombando de mim, Cacambo; não acredito!

— Patrão, o senhor sempre se espanta com tudo — replicou Cacambo. — Por que acha tão estranho que em alguns lugares haja macacos que obtenham as boas graças das damas? Eles são um quarto de homem, do mesmo jeito que eu sou um quarto de espanhol.

— Credo! — retomou Cândido. — Lembro-me de ter ouvido do mestre Pangloss que antigamente coisas como essa tinham acontecido, e que essas misturas tinham resultado em egipãs,^[2] faunos e sátiros; que vários grandes personagens da Antiguidade tinham visto esses seres. Eu pensava que tudo isso fosse lenda.

— Agora deve estar convencido de que é uma verdade — disse Cacambo —, e pode ver como fazem essas misturas as pessoas que

não receberam uma certa educação; tudo que temo é que essas damas queiram fazer-nos alguma malvadeza.

Essas reflexões levaram Cândido a deixar a pradaria e se abrigar em um bosque. Ele e Cacambo cearam; e, depois de ter amaldiçoado o inquisidor de Portugal, o Governador de Buenos Aires e o barão, os dois adormeceram sobre a relva. Ao acordar, sentiram que não podiam mexer-se; e a razão disso era que, durante a noite, tinham sido amarrados com cordas feitas de cipós pelos orelhões, habitantes da região a quem as jovens os haviam denunciado. Estavam cercados por uns cinquenta deles, nus, armados com flechas, clavas e machados de pedra; alguns punham um grande caldeirão para ferver; outros preparavam espetos, e todos gritavam: “É um jesuíta, é um jesuíta! seremos vingados e faremos um banquete; vamos comer jesuíta, vamos comer jesuíta!”.

— Bem que eu lhe disse, patrão — exclamou tristemente Cacambo —, que aquelas duas moças iam aprontar-nos uma boa.

Ao ver o caldeirão e os espetos, Cândido exclamou: — Vamos ser assados ou cozidos, com toda certeza. Ah! O que diria mestre Pangloss se visse como é feita a pura natureza? Tudo está bem, que seja, mas confesso que é muito cruel ter perdido Cunegundes e ser colocado no espeto pelos orelhões.

Cacambo, que nunca perdia a cabeça, disse ao desolado Cândido: — Não se desespere; entendo um pouco o dialeto dessas tribos, vou falar com eles.

— Mostre a eles — disse Cândido — a terrível desumanidade que é cozinhar os homens, e o quanto isso é pouco cristão.

— Senhores — disse Cacambo —, então esperam comer um jesuíta hoje? Ótimo, nada é mais justo do que tratar assim seus inimigos. De fato, o direito natural nos ensina a matar o nosso

próximo; é assim que agimos em toda terra. Se não usamos do direito de comê-lo, é porque temos com o que nos regalar; mas os senhores não têm os mesmos recursos que nós, e certamente é melhor comer seus inimigos do que deixar para os corvos e as gralhas o fruto da sua vitória. Mas, senhores, não iriam querer comer seus amigos. Acreditam que vão pôr um jesuíta na brasa, mas se trata do seu defensor; é o inimigo de seus inimigos que vão assar. Quanto a mim, nasci em seu país; o homem que veem é meu patrão e, longe de ser jesuíta, acabou de matar um deles; está vestindo sua batina. Esse é o homem que desprezam. Para constatar o que lhes digo, peguem esta batina, levem-na até a primeira barreira do reino de *Los Padres* e perguntem se meu patrão não matou um oficial jesuíta. Não perderão muito tempo; e, se acharem que eu menti, ainda poderão comer-nos. Mas, se eu tiver dito a verdade, conhecem muito bem os princípios do direito público, as leis e os costumes para não deixar de nos poupar.

Os orelhões acharam esse discurso bem razoável; enviaram rapidamente dois notáveis representantes para se informar sobre a verdade; os dois representantes cumpriram sua missão com aptidão e logo retornaram trazendo boas notícias. Os orelhões desamarraram seus prisioneiros, fizeram-lhes todo tipo de amabilidades, ofereceram-lhes suas jovens, serviram-lhes refrescos, e os reconduziram aos confins de seu território, gritando com alegria: — Ele não é jesuíta, ele não é jesuíta!

Cândido não cansava de se admirar com o motivo de sua libertação. — Que povo! — dizia ele. — Que gente! Que costumes! Se eu não tivesse tido a sorte de atravessar o corpo do irmão de Cunegundes com aquela espada, seria comido sem perdão. Mas,

afinal de contas, a pura natureza é boa, tanto que essa gente, em vez de me comer, me fez mil cortesias ao saber que eu não era jesuíta.

CAPÍTULO 17

A CHEGADA DE CÂNDIDO E DE SEU AJUDANTE À
TERRA DE ÉLDORADO, E O QUE VIRAM POR LÁ

Quando chegavam à fronteira das terras dos orelhões, Cacambo disse a Cândido:

— Está vendo que este hemisfério não é melhor do que o outro; vamos retornar à Europa o mais breve possível.

— Retornar de que jeito — disse Cândido — e aonde ir? Se eu for para o meu país, lá os búlgaros e os abares degolam todo mundo; se eu voltar para Portugal, lá serei queimado; se ficarmos neste país, nos arriscaremos o tempo todo a ir para o espeto. E como posso decidir-me por sair da parte do mundo onde Cunegundes vive?

— Vamos em direção a Caiena — disse Cacambo. — Lá encontraremos franceses; eles estão no mundo inteiro, quem sabe poderão ajudar-nos. Deus talvez tenha piedade de nós.

Não era fácil ir até Caiena; eles sabiam meio vagamente para que lado deviam caminhar; mas montanhas, rios, precipícios, ladrões, selvagens representavam terríveis obstáculos por toda parte. Seus cavalos morreram de cansaço; suas provisões foram totalmente consumidas; eles se alimentaram um mês inteiro de frutos selvagens, e finalmente se encontraram perto de um rio ladeado de coqueiros, que sustentaram sua vida e suas esperanças.

Cacambo, que sempre dava tão bons conselhos quanto a velha, disse a Cândido:

— Não estamos mais aguentando, já andamos bastante; estou vendo uma canoa vazia ali na margem, vamos enchê-la de cocos, depois pulamos para dentro dela e deixamos a correnteza nos levar; um rio sempre chega a algum lugar habitado. Se não encontrarmos coisas agradáveis, pelo menos encontraremos coisas novas.

— Vamos — disse Cândido —, estaremos nas mãos da Providência!

Navegaram por algumas léguas ao longo de margens ora floridas, ora áridas; ora unidas, ora escarpadas. O rio se alargava continuamente, passando enfim por um arco de rochedos assustadores que se erguiam até o céu. Sob esse arco, os dois viajantes abandonaram-se bravamente às ondas. O rio, estreito nesse ponto, carregou-os com uma rapidez e um ruído impressionantes. Ao cabo de vinte e quatro horas, tornaram a ver a luz do dia; mas sua canoa se despedaçou contra um banco de areia; tiveram de se arrastar de rochedo em rochedo por uma légua inteira; descobriram por fim um horizonte imenso, rodeado de montanhas inacessíveis. Esse lugar era cultivado para o prazer e para a necessidade; por toda parte, o útil era agradável. Os caminhos eram cobertos, ou, melhor dizendo, eram ornados por charretes feitas de um material brilhante, que carregavam homens e mulheres de uma beleza ímpar, e eram puxadas com muita rapidez por grandes carneiros vermelhos, que ultrapassavam em velocidade os mais belos cavalos da Andaluzia, de Tetuão e de Mequinez.

— Aí está um lugar — disse Cândido — melhor que a Vestfália.

Deteve-se com Cacambo no primeiro vilarejo que encontrou. Algumas crianças dali, vestidas com roupas bastante rasgadas de

brocado de ouro, jogavam malha na entrada do povoado; nossos dois homens do outro mundo se divertiram observando-as. O jogo tinha grandes peças redondas, amarelas, vermelhas e verdes, que emitiam um brilho especial. Os viajantes sentiram vontade de pegá-las; eram de ouro, esmeralda e rubi, e mesmo a menor delas teria sido o maior ornamento do império mogol.

— Sem dúvida — disse Cacambo —, esses meninos brincando de malha são filhos do rei deste país.

O professor do povoado apareceu naquele momento para levá-los de volta à escola.

— Aí está o preceptor da família real — disse Cândido.

Os pequenos esfarrapados pararam imediatamente o jogo, deixando no chão suas pedras e tudo que tinha servido para seu divertimento. Cândido as recolhe, corre até o preceptor e as devolve humildemente, fazendo-o entender por meio de sinais que suas altezas reais haviam esquecido seu ouro e suas pedras preciosas. O professor, sorrindo, jogou-as no chão, fitou o rosto de Cândido por um momento, com muita surpresa, e continuou seu caminho.

Os viajantes não deixaram de recolher o ouro, os rubis e as esmeraldas.

— Onde é que estamos? — exclamou Cândido. — Os filhos dos reis deste país devem ser bem educados, uma vez que os ensinam a desprezar o ouro e as pedrarias.

Cacambo estava tão surpreso quanto Cândido. Enfim, os dois se aproximaram da primeira casa do povoado; era construída como um palácio da Europa. Uma multidão se aglomerava à porta, e mais ainda lá dentro; ouvia-se uma música muito agradável, e sentia-se um cheiro muito bom de comida. Cacambo chegou perto da porta e ouviu que falavam peruano, que era sua língua materna; pois todos

sabem que ele nascera em Tucumã, em uma aldeia onde só conheciam essa língua.

— Vou ser seu intérprete — disse ele a Cândido. — Vamos entrar, aqui é uma taverna.

Rapidamente, dois rapazes e duas moças atendentes do local, usando aventais dourados e os cabelos presos com fitas, convidam-nos a sentar-se à mesa do taverneiro. São servidas quatro sopas, cada uma acompanhada de dois papagaios, um condor cozido que pesava 90 quilos, dois macacos assados, de gosto excelente, um prato com trezentos colibris e outro com seiscentos papa-moscas, requintados guisados e deliciosos bolos e doces; tudo isso em pratos de uma espécie de cristal de rocha. Os rapazes e as moças da taverna serviam vários licores feitos de cana-de-açúcar.

Os convivas eram em sua maioria comerciantes e charreteiros, todos extremamente polidos; fizeram algumas perguntas a Cacambo com a mais circunspecta descrição, e responderam às dele de forma satisfatória.

Terminada a refeição, Cacambo pensou, assim como Cândido, em pagar sua parte deixando sobre a mesa do taverneiro duas das grandes peças de ouro que ele havia recolhido na rua; o taverneiro e sua mulher caíram na gargalhada, riram como loucos por um bom tempo. Finalmente se recompuseram.

— Senhores — disse o taverneiro —, bem se nota que são estrangeiros, e não estamos acostumados a ver gente de fora. Perdoem-nos se começamos a rir quando nos ofereceram em pagamento as pedras das nossas ruas. Certamente não têm o dinheiro do país, mas não é preciso ter dinheiro para jantar aqui. Todas as estalagens existentes para a comodidade do comércio são

pagas pelo governo. Aqui comeram mal porque é uma aldeia pobre, mas em todos os outros lugares serão recebidos como merecem.

Cacambo explicava a Cândido todas as palavras do taverneiro, e Cândido as escutava com a mesma admiração e a mesma perplexidade com que seu amigo Cacambo as transmitia. Mas que país é este então, diziam ambos, desconhecido de todo o resto da terra, onde a natureza é de uma espécie tão diferente da nossa? — Provavelmente é o país onde tudo vai bem, pois é absolutamente necessário que exista um dessa espécie. E, apesar do que mestre Pangloss dizia, vi muitas vezes que tudo ia mal na Vestfália.

CAPÍTULO 18

O QUE ELES VIRAM NO PAÍS DE ELDORADO

Cacambo revelou toda sua curiosidade a seu anfitrião, que lhe disse: — Sou muito ignorante, tenho de admitir; mas temos aqui um velho senhor que já foi da corte, o mais sábio homem do reino e o mais comunicativo. Logo em seguida, leva Cacambo à casa do velho. Cândido não passava de um personagem secundário e acompanhava seu ajudante. Entraram em uma casa muito simples, pois a porta era apenas de prata e as paredes dos aposentos apenas de ouro, mas trabalhadas com tamanho bom gosto que nem os mais ricos revestimentos as ofuscariam. A antessala era, na verdade, incrustada de esmeraldas e rubis; mas a ordem com que tudo estava arrumado compensava essa extrema simplicidade.

O velho recebeu os dois estrangeiros em um sofá estofado com penas de colibri e mandou que lhes oferecessem licores em taças de diamante; depois disso, satisfez a curiosidade deles nos seguintes termos:

— Tenho cento e setenta e dois anos e aprendi com meu finado pai, escudeiro do rei, sobre as incríveis revoluções do Peru, das quais ele foi testemunha. O reino onde nos encontramos é a antiga pátria dos incas, de onde estes saíram de forma muito imprudente para subjugar uma parte do mundo e acabaram sendo destruídos pelos espanhóis. Os príncipes incas que permaneceram em seu país

natal foram mais sensatos; ordenaram, com o consentimento da nação, que nenhum habitante jamais deixasse nosso pequeno reino, e foi isso que conservou nossa pureza e nossa felicidade. Os espanhóis tomaram conhecimento deste país de forma imprecisa e o chamaram de *El Dorado*; e um inglês, o cavaleiro Raleigh, chegou a se aproximar daqui há cerca de cem anos. Mas, como estamos circundados por rochedos inacessíveis e precipícios, até agora estivemos ao abrigo da cobiça das nações da Europa, que têm uma ânsia inconcebível pelas pedras e pela lama desta terra, e que, para obtê-las, nos matariam um a um, até o último de nós.

A conversa foi longa e se falou sobre a forma de governo, sobre os costumes, sobre as mulheres, sobre os espetáculos públicos, sobre as artes. Por fim, Cândido, que sempre tivera gosto pela metafísica, pediu que Cacambo perguntasse se havia uma religião no país.

O velho enrubescceu um pouco. — Mas como podem ter dúvida disso? — perguntou ele. — Por acaso acham que somos uns ingratos? Cacambo perguntou humildemente qual era a religião de Eldorado. O velho tornou a enrubescer: — Será que pode haver duas religiões? — disse ele. — Creio que temos a religião de todo mundo; adoramos a Deus noite e dia.

— Adoram a um só Deus? — perguntou Cacambo, que continuava servindo de intérprete para as dúvidas de Cândido.

— Parece — respondeu o velho — que não existem nem dois, nem três nem quatro. Confesso que as pessoas do seu mundo fazem perguntas bem esquisitas.

Cândido não cansava de fazer o bom homem ser interrogado; quis saber como rogavam a Deus em Eldorado. — Não rogamos a Deus — disse o bom e respeitável sábio —, não temos nada a Lhe pedir,

Ele nos deu tudo de que necessitamos; nós lhe agradecemos sem cessar.

Cândido teve a curiosidade de ver os sacerdotes; mandou perguntar onde estavam. O bom velho sorriu. — Meus amigos — disse ele —, aqui todos somos sacerdotes; o rei e todos os chefes de família cantam solenemente todos os cânticos de ação de graças todas as manhãs, e cinco ou seis mil músicos os acompanham.

— O quê! Aqui não há religiosos que ensinam, que disputam, que governam, que conspiram e que mandam queimar as pessoas que não compartilham de suas opiniões?

— Só se fôssemos loucos. — disse o velho. — Aqui todos têm a mesma opinião, e não entendemos o que querem dizer com seus religiosos.

Ouvindo tudo isso, Cândido permanecia em êxtase e pensava: “Isso é bem diferente da Vestfália e do castelo do senhor barão; se nosso amigo Pangloss tivesse visto Eldorado, não teria mais dito que o castelo de Thunder-ten-tronckh era o que de melhor havia na face da terra; fica claro que é necessário viajar”.

Após essa longa conversa, o bom velho mandou atrelar uma carroça a seis carneiros e deu ordem a doze de seus criados para conduzir os dois viajantes à corte.

— Desculpem-me se minha idade me priva da honra de acompanhá-los — disse-lhes. O rei os receberá de um modo que não os deixará descontentes, e sem dúvida irão perdoar os costumes deste país, caso haja algum que lhes desagrade.

Cândido e Cacambo sobem na carroça; os seis carneiros voavam, e em menos de quatro horas chegaram ao palácio do rei, situado em uma extremidade da capital. O portão tinha duzentos e vinte pés de altura e cem de largura; impossível dizer de que material era feito.

Mas bem se via que devia ter uma prodigiosa superioridade em relação àquele cascalho e àquela areia a que chamamos de ouro e de pedras preciosas.

Ao descerem da carroça, vinte belas jovens da guarda receberam Cândido e Cacambo; conduziram-nos ao banho, vestiram-nos com túnicas de um tecido de plumas de colibri; depois disso, os grandes e as grandes oficiais da coroa guiaram-nos à ala de Sua Majestade por entre duas filas, cada uma com mil músicos, como era o costume corriqueiro. Quando se aproximaram da sala do trono, Cacambo perguntou a um grande oficial como deviam portar-se para saudar Sua Majestade: se deviam ajoelhar-se ou abaixar-se até o chão; se punham as mãos para trás ou na cabeça; se lambiam a poeira da sala; em suma, qual era a cerimônia. — O costume — disse o grande oficial — é abraçar o rei e beijá-lo nas duas faces. Cândido e Cacambo abraçaram entusiasticamente Sua Majestade, que os recebeu com toda gentileza imaginável e os convidou amavelmente a cear.

Enquanto esperavam, foram levados para ver a cidade, os edifícios públicos que se erguiam até as nuvens, os mercados ornados por mil colunas, as fontes de água pura, as fontes de água cor-de-rosa, as de licor de cana-de-açúcar que jorravam continuamente em grandes praças pavimentadas com uma espécie de pedraria que exalava um perfume semelhante ao do cravo e da canela. Cândido pediu para ver o palácio de justiça, a suprema corte; disseram-lhe que não existiam e que ali nunca havia disputas. Perguntou se havia prisões, disseram-lhe que não. O que mais o surpreendeu e mais lhe agradou foi o palácio das ciências, onde viu uma galeria, de mil metros de comprimento, repleta de instrumentos de matemática e física.

Depois de terem percorrido cerca da milésima parte da cidade após o jantar, levaram-nos de volta à casa do rei. Cândido sentou-se à mesa entre Sua Majestade, seu ajudante Cacambo e várias damas. Nunca alguém desfrutou de melhor repasto, e nunca alguém demonstrou mais vivacidade ao cear do que Sua Majestade. Cacambo explicava a Cândido as palavras espirituosas do rei, que continuavam parecendo palavras espirituosas mesmo traduzidas. De tudo que espantava Cândido, isso não foi o que menos o espantou.

Passaram um mês nesse refúgio. Cândido não parava de dizer a Cacambo: — É verdade, meu amigo, e lhe digo mais uma vez, que o castelo onde nasci não vale o país em que estamos; mas afinal de contas Cunegundes não está aqui, e provavelmente você tem alguma amante na Europa. Se ficarmos aqui, seremos como todos os outros, mas se ao invés disso voltarmos ao nosso mundo, levando apenas doze carneiros carregados de pedras de Eldorado, seremos mais ricos do que todos os reis juntos, não teremos mais nenhum inquisidor a temer e poderemos tranquilamente resgatar a Senhorita Cunegundes.

Esse discurso agradou a Cacambo. É tão bom correr o mundo, sentir-se valorizado entre os seus, alardear o que se viu em suas viagens, que os dois afortunados resolveram deixar de sê-lo, indo pedir licença a Sua Majestade para partir.

— Vão fazer uma bobagem — disse-lhes o rei —; sei que meu país não é grande coisa, mas, quando estamos razoavelmente bem em algum lugar, aí devemos ficar. Certamente não tenho o direito de deter estrangeiros; essa é uma tirania que não faz parte dos nossos costumes nem das nossas leis: todos os homens são livres; partam quando quiserem, mas a saída é bem difícil. É impossível retornar pelo agitado rio que corre sob os arcos de rochedo e pelo

qual, por milagre, chegaram. As montanhas que circundam meu reino têm três mil metros de altura e são retas como muralhas; de largura, cada uma ocupa um espaço de mais de 60 mil metros, e delas só se pode descer por precipícios. Porém, já que fazem absoluta questão de partir, darei ordem aos intendentess das máquinas para fabricar uma que possa transportá-los comodamente. Quando tiverem sido conduzidos ao outro lado das montanhas, ninguém poderá acompanhá-los, pois meus súditos prometeram jamais ultrapassar seu limite, e eles são bastante ajuizados para não romper sua promessa. Peçam-me também tudo aquilo que possa agradar-lhes.

— Não pedimos a Vossa Majestade — disse Cacambo — nada mais que alguns carneiros carregados com víveres, pedras e lama do país.

O rei sorriu. — Não entendo — disse ele — que gosto tem essa gente da Europa pela nossa lama amarela; mas podem levar o quanto quiserem, e que lhes seja de grande serventia.

Imediatamente ordenou a seus engenheiros que construíssem uma máquina para içar os dois homens extraordinários para fora do reino. Três mil bons físicos trabalharam nisso; a máquina ficou pronta ao final de quinze dias e não custou mais do que vinte milhões de libras esterlinas, a moeda do país. Colocaram Cândido e Cacambo na máquina; havia dois grandes carneiros vermelhos com selas e rédeas para lhes servir de montaria quando tivessem ultrapassado as montanhas; vinte carneiros de carga carregados com víveres; trinta que levavam presentes, o que o país tinha de mais curioso; e cinquenta carregados de ouro, pedras preciosas e diamantes. O rei abraçou ternamente os dois errantes.

Foi um belo espetáculo sua partida e a maneira engenhosa pela qual foram içados, eles e os carneiros, ao topo das montanhas. Os físicos despediram-se dos dois somente após deixá-los em segurança; e Cândido não tinha outro desejo e outro objetivo senão o de ir mostrar seus carneiros à Senhorita Cunegundes. — Temos com o que pagar o Governador de Buenos Aires — disse ele —, se é que a Senhorita Cunegundes pode ter um preço. Vamos em direção a Caiena, primeiro embarcamos e depois veremos que reino poderemos comprar.

CAPÍTULO 19

O QUE ACONTECEU A ELES NO SURINAME, E COMO
CÂNDIDO CONHECEU MARTIN

O primeiro dia dos nossos viajantes foi muito agradável. Estavam animados com a ideia de se achar possuidores de mais tesouros que a Ásia, a Europa e a África juntas. Cândido, deslumbrado, escreveu o nome de Cunegundes nas árvores. No segundo dia, dois de seus carneiros afundaram no pântano e ali se enterraram com sua carga; dois outros morreram de cansaço alguns dias depois; sete ou oito pereceram de fome em um deserto; outros caíram de precipícios ao longo de mais uns dias. Por fim, após cem dias de marcha, restaram-lhes apenas dois carneiros. Cândido disse a Cacambo: — Meu amigo, veja como as riquezas do mundo são efêmeras; não há nada de sólido, a não ser a virtude e a felicidade de rever a Senhorita Cunegundes.

— Concordo — disse Cacambo —, mas ainda nos restam dois carneiros, com mais tesouros do que o rei da Espanha jamais terá; e vejo ao longe uma cidade que me parece ser o Suriname, pertencente aos holandeses. Estamos chegando ao fim dos nossos males e ao começo da nossa felicidade.

Aproximando-se da cidade, encontraram um negro estendido no chão, vestindo não mais que a metade de uma roupa, ou seja, um calção de tecido azul; faltavam ao pobre homem a perna esquerda e

a mão direita. — Ai, meu Deus! — disse-lhe Cândido em holandês. — O que faz aí, meu amigo, nesse estado horrível em que o vejo?

— Espero pelo meu patrão, o Sr. Vanderdendur,^[1] um conhecido comerciante — respondeu o negro.

— Foi o Sr. Vanderdendur — perguntou Cândido — que o tratou desse jeito?

— Foi, sim, senhor — disse o negro —, é o costume. Duas vezes por ano, a única roupa que nos dão é um calção de pano. Quando trabalhamos nos engenhos de açúcar e a moenda pega nosso dedo, cortam nossa mão; quando queremos fugir, cortam nossa perna: as duas coisas aconteceram comigo. É a esse preço que comem açúcar na Europa. Mas, quando minha mãe me vendeu por dez escudos patagônios na costa da Guiné, ela me disse: “Meu querido filho, bendiz os nossos fetiches, adora-os sempre, eles te farão viver feliz; tens a honra de ser escravo dos nossos senhores brancos, e com isso fazes a fortuna do teu pai e da tua mãe”. — Ai, ai! Não sei se fiz a fortuna deles, mas eles não fizeram a minha. Os cachorros, os macacos e os papagaios são mil vezes menos infelizes do que nós; os fetiches holandeses que me converteram me dizem todos os domingos que somos todos, brancos e negros, filhos de Adão. Não sou genealogista, mas, se os pregadores dizem a verdade, somos todos primos-irmãos. Logo, hão de admitir que não se pode agir com seus parentes de forma mais horrível.

— Ó Pangloss! — exclamou Cândido. — Não tinhas previsto essa abominação. Para mim acabou; vou ter, enfim, de renunciar ao teu otimismo.

— O que é otimismo? — perguntava Cacambo.

— Ai! — dizia Cândido. — É a obstinação de afirmar que tudo está bem quando tudo está mal. — E chorava ao olhar para o negro;

e foi chorando que entrou no Suriname.

A primeira coisa sobre a qual se informaram foi se havia no porto algum navio que pudessem enviar a Buenos Aires. E dirigiram-se justamente a um capitão espanhol que se ofereceu para fazer com eles uma negociação honesta. Marcaram encontro em uma taverna. Cândido e o fiel Cacambo foram até lá esperar por ele e levaram seus dois carneiros.

Cândido, que era a sinceridade em pessoa, contou ao espanhol todas as suas aventuras e confessou-lhe que pretendia raptar a Senhorita Cunegundes. — Vou esquivar-me de levá-lo até Buenos Aires — disse o capitão — ou serei enforcado e o senhor também; a bela Cunegundes é a amante favorita do governador. — Foi como se um raio atingisse Cândido, ele chorou por muito tempo. Depois, chamou Cacambo de lado e lhe disse: — Escute, meu caro amigo, o que é preciso que você faça. Cada um de nós tem no bolso uns cinco ou seis milhões em diamantes; você é mais hábil que eu, vá buscar a Senhorita Cunegundes em Buenos Aires. Se o governador colocar algum empecilho, dê-lhe um milhão; se ele não ceder, dê-lhe dois milhões. Você não matou nenhum inquisidor, não suspeitarão de você. Vou preparar um outro navio e irei esperá-lo em Veneza, que é um lugar livre, onde não há nada a temer nem dos búlgaros, nem dos abares, nem dos judeus nem dos inquisidores.

Cacambo aplaudiu essa sábia decisão. Sentiu certo desespero por se separar de um bom patrão que se havia tornado seu amigo íntimo; mas o prazer de lhe ser útil falou mais alto do que a dor de deixá-lo. Abraçaram-se com lágrimas nos olhos; Cândido recomendou-lhe não se esquecer da boa velha. Cacambo partiu naquele mesmo dia; era realmente um bom homem, esse Cacambo.

Cândido ainda ficou por um tempo no Suriname e esperou que algum outro capitão quisesse levá-lo à Itália, ele e os dois carneiros que lhe restavam. Arranjou criados e comprou tudo o que lhe seria necessário para uma longa viagem. Por fim, o senhor Vanderdendur, dono de um grande navio, foi apresentar-se a ele.

— Quanto quer — perguntou ao homem — para me levar diretamente a Veneza, eu, meu pessoal, minha bagagem e os dois carneiros que ali estão?

O homem pediu dez mil piastras; Cândido não hesitou. O astuto Vanderdendur pensou com seus botões: “Oh, oh! Esse estrangeiro dá dez mil piastras assim, de uma vez! só pode ser muito rico”. Momentos depois, voltou, dizendo que não podia partir por menos de vinte mil. — Está bem, terá os vinte mil — disse Cândido.

O comerciante diz bem baixinho a si mesmo: “Ah, esse homem dá vinte mil piastras tão facilmente quanto deu as dez mil!”. Voltou mais uma vez e disse que não podia levá-lo a Veneza por menos de trinta mil piastras. — Então receberá as trinta mil — respondeu Cândido.

Novamente o comerciante pensou: “Oh, oh! Trinta mil piastras não são nada para esse homem; não há dúvida de que os dois carneiros carregam tesouros imensos. Mas não vamos mais insistir; vamos primeiro embolsar as trinta mil piastras, e depois veremos”. Cândido vendeu dois pequenos diamantes; o menor deles, sozinho, valia mais do que todo o dinheiro que o comerciante pedia. Pagou adiantado. Os dois carneiros foram embarcados. Cândido seguia em um pequeno barco para se juntar ao navio na baía. O capitão espera o momento propício, iça as velas, parte; o vento o favorece. Cândido, desesperado e atônito, logo o perde de vista. — Ai, meu Deus! — exclamou — Esse foi um golpe digno do Velho Mundo.

Retorna à costa, mergulhado em tristeza; afinal de contas, havia perdido aquilo que daria para fazer a fortuna de vinte monarcas.

Dirige-se à casa do juiz holandês e, estando um tanto perturbado, bate rudemente à porta; entra, expõe seu problema e grita um pouco mais alto do que seria conveniente. O juiz começou por fazê-lo pagar dez mil piastras pelo barulho que havia feito; em seguida, ouviu-o pacientemente, prometeu examinar seu caso tão logo o comerciante retornasse e pediu-lhe mais dez mil piastras pelo custo da audiência.

Essa conduta acabou de levar Cândido ao desespero; na verdade, ele já tinha passado por infortúnios mil vezes mais dolorosos, mas o sangue-frio do juiz, bem como do capitão pelo qual fora roubado, atizou sua bÍlis e o fez mergulhar em sombria melancolia. A maldade dos homens mostrava-se em toda sua fealdade a seu espírito, que se alimentava apenas de ideias tristes. Por fim, havia um navio francês prestes a partir para Bordeaux; e como ele não tinha mais os carneiros carregados de diamantes para embarcar, alugou a preço justo um quarto no navio; e mandou anunciar pela cidade que pagaria a passagem, a comida e daria duas mil piastras a um homem honesto que quisesse fazer a viagem com ele, desde que tal homem fosse o mais desgostoso com a própria situação e o mais infeliz da província.

Apresentou-se uma multidão de pretendentes que não caberia nem em uma frota. Querendo escolher entre os que mais se distinguiam, Cândido divisou uns vinte que lhe pareciam bastante sociáveis, e todos aparentavam merecer sua preferência. Reuniu-os em uma taverna, deu-lhes de comer, com a condição de que cada um jurasse contar fielmente sua história; e prometeu escolher o que lhe parecesse o mais digno de piedade e o mais descontente com a

própria situação, pela mais justa razão; e prometeu também dar aos outros alguma gratificação.

A sessão durou até as quatro horas da manhã. Escutando todas aquelas histórias, Cândido voltou a lembrar do que lhe havia dito a velha na ida a Buenos Aires, da aposta que ela tinha feito de que não havia naquele navio ninguém a quem não tivessem acontecido grandes desgraças. Ele pensava em Pangloss a cada aventura que lhe contavam. E dizia a si mesmo: “Ficaria bem complicado para Pangloss demonstrar seu sistema. Gostaria que ele estivesse aqui. É claro que, se tudo vai bem, é em Eldorado, e não no resto do mundo”. Escolheu, finalmente, um pobre sábio que tinha trabalhado para livreiros de Amsterdã durante dez anos. A seu ver, não devia existir na face da terra profissão que deixasse alguém mais desgostoso.^[2]

Esse sábio, que, aliás, era um bom homem, tinha sido roubado pela mulher, espancado pelo filho e abandonado pela filha, a qual fora embora com um português. Tinha acabado de ser despedido de um emprego simples, de onde tirava sua subsistência; e os pregadores protestantes do Suriname o perseguiam porque o tomavam por um sociniano.^[3] É preciso admitir que os demais eram pelo menos tão desafortunados quanto ele; mas Cândido esperava que o sábio o livrasse do tédio durante a viagem. Todos os outros rivais acharam que Cândido lhes fazia uma grande injustiça, mas ele os acalmou dando cem piastras a cada um.

CAPÍTULO 20

O QUE ACONTECEU NO MAR A CÂNDIDO E A MARTIN

O velho sábio, que se chamava Martin, embarcou então para Bordeaux com Cândido. Tanto um como o outro tinham visto muita coisa e sofrido muito; e, enquanto o navio estivesse cruzando o mar entre o Suriname e o Japão, pelo caminho do Cabo da Boa Esperança, teriam muito a falar, durante toda a viagem, a respeito do mal físico e do mal moral.

No entanto, Cândido tinha uma grande vantagem sobre Martin: ele esperava ainda reencontrar Cunegundes, enquanto Martin não tinha esperança alguma; além disso, Cândido possuía ouro e diamantes. Apesar de ter perdido cem carneiros carregados com os maiores tesouros da terra, e apesar de ter o coração marcado pela vigarice do capitão holandês, quando pensava no que havia restado em seus bolsos e quando falava de Cunegundes, principalmente ao final das refeições, pendia, então, para o sistema de Pangloss.

— Mas, e o senhor — perguntou ele ao sábio Martin —, o que pensa de tudo isso? Que ideia faz do mal moral e do mal físico?

— Senhor — respondeu Martin —, meus pastores me acusaram de ser sociniano, mas a verdade é que eu sou maniqueísta.^[1]

— Está zombando de mim — replicou Cândido —, não há mais maniqueístas no mundo.

— Há, sim, eu — disse Martin. — Não sei o que fazer, mas não consigo pensar de outro modo.

— Deve estar com o diabo no corpo — disse Cândido.

— Ele se intromete tanto nas coisas deste mundo — disse Martin — que poderia mesmo estar no meu corpo, bem como em todos os lugares; mas confesso que, lançando o olhar sobre este globo, ou melhor, este glóbulo, penso que Deus o abandonou nas mãos de algum ser perverso; com exceção sempre de Eldorado. Não vi muitas cidades que não desejassem a ruína da cidade vizinha nem muitas famílias que não quisessem exterminar alguma outra família. Em todo lugar, os fracos execram os poderosos diante dos quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos dos quais se vende a lã e a carne. Um milhão de assassinos arregimentados, correndo de uma ponta a outra da Europa, matam e roubam com disciplina para ganhar a vida, por falta de ofício mais honesto; e, nas cidades que parecem gozar da paz, e onde as artes florescem, os homens são mais devorados pela inveja, por cautelas e por preocupações do que sofreriam com os flagelos de uma cidade sitiada. Os sofrimentos secretos são ainda mais cruéis que as misérias públicas. Em resumo, vi e experimentei tantas dessas coisas que sou maniqueísta.

— Mas o lado bom existe — replicava Cândido.

— Pode até ser — dizia Martin —, mas eu não o conheço.

No meio dessa discussão, ouviu-se um barulho de canhão. O barulho redobra a todo momento. Cada um pega sua luneta. Entreveem-se dois navios combatendo a uma distância de aproximadamente sete quilômetros: o vento empurrou um e outro para tão perto do navio francês que todos tiveram o prazer de ver comodamente o combate. Por fim, um navio acertou o outro com

uma salva de tiros tão precisa que o pôs a pique. Cândido e Martin distinguiram uma centena de homens no convés do navio que afundava; todos levantavam as mãos para o céu e lançavam clamores medonhos. Em um minuto tudo foi engolido.

— Pois bem — disse Martin —, aí está como os homens tratam uns aos outros.

— É verdade que há algo de diabólico nisso — disse Cândido. E, falando assim, percebeu que algo de um vermelho intenso nadava próximo ao seu navio. Lançaram o barco auxiliar para ver do que se tratava: era um dos seus carneiros. Cândido ficou mais contente por recuperar esse carneiro do que havia ficado triste quando perdeu todos os cem, carregados de enormes diamantes de Eldorado.

O capitão francês logo se deu conta de que o capitão do navio vencedor era espanhol, e que o do navio afundado era um pirata holandês; exatamente aquele que havia roubado Cândido. As imensas riquezas, das quais se apoderara o vigarista, foram com ele para o fundo do mar, e nada sobrou além de um carneiro. — Está vendo — disse Cândido a Martin —, algumas vezes o crime é punido; o patife do capitão holandês teve o destino que merecia.

— É verdade — disse Martin —, mas era preciso que os passageiros daquele navio também sucumbissem? Deus puniu o velhaco, o diabo afogou os outros.

Apesar de tudo, o navio francês e o espanhol seguiram sua rota; e Cândido continuou suas conversas com Martin. Discutiram por quinze dias seguidos, e ao final do décimo quinto dia tinham avançado tanto quanto no primeiro. Mas afinal se falavam, trocavam ideias, se consolavam. Cândido acariciava seu carneiro. — Da mesma forma que te reencontrei — disse ele — posso muito bem reencontrar Cunegundes.

CAPÍTULO 21

CÂNDIDO E MARTIN SE APROXIMAM DA COSTA

FRANCESA E FILOSOFAM

Avistaram finalmente a costa da França. — Alguma vez já esteve na França, senhor Martin? — perguntou Cândido. — **L**á — respondeu Martin —, andei por várias províncias. Em algumas, metade dos habitantes é louca; em outras, são cheios de malandragem; em outras, eles são em geral bastante afáveis e tolos; em outras ainda, se mostram presunçosos; e, em todas, a principal ocupação é o amor, a segunda, a maledicência e a terceira, dizer besteiras.

— Mas, senhor Martin, conheceu Paris?

— Sim, conheci; lá há todas essas espécies, é um caos, uma multidão onde todo mundo busca o prazer, mas quase ninguém o encontra, foi o que me pareceu, ao menos. Passei pouco tempo lá; ao chegar, fui roubado de tudo que eu tinha por uns gatunos na feira de Saint-Germain. Fui, eu mesmo, taxado de ladrão; fiquei oito dias na prisão. Depois disso, trabalhei corrigindo textos para ganhar com o que voltar a pé para a Holanda. Conheci a canalha da escrita, a canalha da intriga e a canalha convulsiónária.^[1] Dizem que existe gente muito bem-educada nessa cidade; quero acreditar nisso.

— Quanto a mim, não tenho a menor curiosidade de conhecer a França — disse Cândido —; pode imaginar facilmente que, quando

alguém passou um mês em Eldorado, não se preocupa em ver mais nada na face da terra, a não ser a Senhorita Cunegundes; vou esperá-la em Veneza. Estamos atravessando a França para ir à Itália; o senhor não vai acompanhar-me?

— Com prazer — disse Martin —; dizem que Veneza só é boa para os nobres venezianos, mas que, por outro lado, recebe muito bem os estrangeiros quando têm bastante dinheiro, coisa que eu não tenho, mas o senhor tem; vou segui-lo por toda parte.

— A propósito — disse Cândido —, acredita que a terra tenha sido originalmente um mar, como afirmam no volumoso livro que pertence ao capitão do navio?

— Não acredito nem um pouco nisso — disse Martin — nem nos devaneios todos que nos andam contando há algum tempo.

— Mas então com que finalidade este mundo foi criado? — perguntou Cândido.

— A de nos irritar — respondeu Martin.

— Não fica espantado com a história que lhe contei — continuou Cândido — sobre o amor que as duas moças do país dos orelhões tinham por aqueles dois macacos?

— De jeito nenhum, — disse Martin. — Não vejo o que essa paixão pode ter de estranho; vi tantas coisas extraordinárias que não existe mais nada de extraordinário.

— Acredita que os homens sempre se tenham massacrado mutuamente, assim como fazem agora? Que eles sempre tenham sido mentirosos, falsos, pérfidos, ingratos, vigaristas, fracos, volúveis, covardes, invejosos, gulosos, bêbados, avaros, ambiciosos, sanguinários, caluniadores, pervertidos, fanáticos, hipócritas e idiotas?

— E o senhor — disse Martin — acredita que os gaviões sempre tenham comido pombos quando os encontravam?

— Sim, sem dúvida — disse Cândido.

— Pois então! — replicou Martin. — Se os gaviões vêm sempre mantendo o mesmo caráter, como quer que o homem tenha mudado o dele?

— Ah! Mas é bem diferente, uma vez que o livre-arbítrio...

E assim filosofando chegaram em Bordeaux.

CAPÍTULO 22

O QUE ACONTECEU A CÂNDIDO E A MARTIN NA FRANÇA

Cândido parou em Bordeaux apenas o tempo necessário para vender algumas pedras de Eldorado e para arranjar um bom assento de dois lugares, pois já não conseguia ficar sem seu filósofo Martin. Só ficou muito aborrecido por se separar de seu carneiro, que deixou para a Academia de Ciências de Bordeaux, a qual propôs como tema, para o prêmio daquele ano, descobrir por que a lã do carneiro era vermelha. O prêmio foi atribuído a um sábio do norte que demonstrou, por $A \text{ mais } B \text{ menos } C \text{ dividido por } Z$, que o carneiro devia ser vermelho e devia morrer de sarna.

Mas todos os viajantes que Cândido encontrou pelas tavernas da estrada lhe diziam: “Nós vamos até Paris”. Esse desejo geral acabou por lhe dar vontade de conhecer essa capital; não era desviar-se muito do caminho de Veneza.

Entrou na cidade pelo subúrbio Saint-Marceau, e lhe pareceu estar no mais feio vilarejo da Vestfália.

Mal se alojou no albergue, foi atacado por um leve mal-estar, causado por seu cansaço. Como tinha no dedo um enorme diamante, e como tinham visto em sua bagagem um baú extremamente pesado, logo teve a seu lado a presença de dois médicos que ele nem havia chamado, de alguns amigos íntimos que não o deixavam sozinho, e de duas devotas que esquentavam sua sopa. Martin dizia:

— Lembro-me de também ter ficado doente em Paris durante minha primeira viagem; eu era muito pobre e não tive nem amigos, nem devotos nem médicos, mas sarei.

No entanto, graças aos remédios e às sangrias, a doença de Cândido tornou-se grave. Um padre do bairro foi delicadamente pedir-lhe um bilhete pagável ao portador para entrar no outro mundo, mas Cândido não quis saber dessa história. As devotas lhe garantiram que se tratava de uma nova moda; Cândido respondeu que ele não era um homem que seguia a moda. Martin quis jogar o clérigo pela janela. O clérigo jurou que ninguém enterraria Cândido. E Martin jurou que enterraria o clérigo se ele continuasse a importuná-los. A discussão esquentou: Martin o agarrou pelo colarinho e o pôs bruscamente para fora, o que causou um grande escândalo e rendeu uma autuação.

Cândido sarou; e durante sua convalescença teve ótima companhia para cear em casa. Jogavam a dinheiro. Cândido ficava muito admirado que os ases nunca viessem para ele; já Martin não se admirava nem um pouco.

Entre os que lhe faziam as honras da cidade, havia um padreco do Périgord,^[1] uma dessas pessoas zelosas, sempre atentas, sempre prestativas, irreverentes, afáveis, complacentes, que espreitam os estrangeiros que passam, contam-lhes a escandalosa história da cidade e lhes oferecem divertimento de todo preço. Esse padre primeiro levou Cândido e Martin ao teatro. Encenavam uma nova tragédia. Cândido viu-se sentado ao lado de gente fina e pedante. Isso não o impediu de chorar nas cenas representadas com perfeição. Durante um entreato, um desses importunos que estavam por perto lhe disse: — Faz muito mal em chorar, pois essa atriz é péssima; o ator que contracena com ela é pior ainda; a peça é muito

pior que os atores; o autor não sabe uma palavra de árabe, embora a cena se passe na Arábia; e, além disso, é um homem que não acredita nas ideias inatas; amanhã vou trazer-lhe vinte panfletos contra ele.

— Quantas peças de teatro há na França? — perguntou Cândido ao padre.

— Cinco ou seis mil — respondeu ele.

— É muito — disse Cândido. — Quantas delas são boas?

— Quinze ou dezesseis — disse o outro.

— É muito — comentou Martin.

Cândido ficou encantado com uma atriz que representava a rainha Isabel em uma tragédia bem medíocre que encenam de vez em quando. — Essa atriz — disse ele a Martin — me agrada muito, ela se parece um pouco com a Senhorita Cunegundes; eu ficaria muito contente por conhecê-la.

O padre ofereceu-se para apresentá-los. Cândido, educado na Alemanha, perguntou qual era a etiqueta, como eram tratadas na França as rainhas da Inglaterra.

— É preciso fazer uma distinção — disse o padre. — No interior, é costume levá-las ao restaurante; em Paris, são respeitadas quando são bonitas e jogadas na via pública quando morrem.

— Rainhas na via pública! — exclamou Cândido.

— É verdade — disse Martin —; o senhor padre tem razão. Eu estava em Paris quando a senhorita Monime^[2] passou, como dizem, desta para a melhor, e se recusaram a fazer-lhe o que chamam por aqui de *honras da sepultura*, ou seja, deixá-la apodrecer com todos os mendigos do bairro em um cemitério ordinário; foi enterrada isolada dos seus pares em uma esquina da rua de Bourgogne, o que

deve ter-lhe causado uma grande mágoa, pois ela pensava de forma muito nobre.

— Que coisa mais indelicada! — disse Cândido.

— O que o senhor queria? — disse Martin — Essa gente aqui é assim mesmo. Imagine todas as contradições, todas as incompatibilidades possíveis; vai ver que elas existem no governo, nos tribunais, nas igrejas, nos espetáculos desta curiosa nação.

— É verdade que em Paris se ri o tempo todo? — perguntou Cândido.

— É, sim, mas de irritação — disse o padre —, porque aqui as pessoas se queixam de tudo morrendo de rir, e praticam, rindo, as ações mais detestáveis.

— Quem é — disse Cândido — aquela grande besta que me falou tão mal da peça em que chorei tanto e dos atores que me agradaram tanto?

— É um tipo de mal com a vida — respondeu o padre — que vive de falar mal de todas as peças e de todos os livros; ele odeia quem quer que faça sucesso, da mesma forma que os eunucos odeiam quem tem prazer. É uma dessas cobras criadas da literatura, que se alimenta de lama e veneno, é um foliculário.

— O que chama de foliculário? — perguntou Cândido.

— Um escrivinhador, um fazedor de folhas mal escritas, um Fréron.^[3]

Era assim que Cândido, Martin e o padre perigordino teciam suas considerações, postados na escadaria, vendo o desfile de pessoas à saída da peça. — Embora eu esteja muito ansioso para reencontrar Cunegundes — disse Cândido —, gostaria de jantar com a senhorita Clairon,^[4] pois ela me pareceu admirável.

O padre não era homem de se aproximar da senhorita Clairon, que só frequentava boas companhias. — Ela já tem um compromisso para esta noite — disse ele —, mas terei a honra de levá-lo à casa de uma dama muito distinta, e lá conhecerá Paris como se tivesse vivido aqui por quatro anos.

Cândido, que era naturalmente curioso, deixou-se levar à casa da dama, em um lugar afastado de Saint-Honoré. Lá, as pessoas se entretinham com um jogo de azar; doze tristes jogadores tinham nas mãos um pequeno leque de cartas com as pontas dobradas, registro de seus infortúnios. Reinava um profundo silêncio; a palidez cobria o rosto dos apostadores, e a preocupação, o do implacável banqueiro. Sentada ao lado deste, a dona da casa observava, com olhos de lince, todas as trapagens que cada jogador tentava fazer ao dobrar a ponta de suas cartas.^[5] Nesses casos, obrigava-os a desdobrá-las, de forma severa porém educada, sem se indispor com ninguém, por medo de perder sua clientela. A dama se apresentava como marquesa de Parolignac. Sua filha de quinze anos fazia parte dos jogadores e sinalizava com um piscar de olhos as tramoias dos infelizes, que tentavam dar um jeito nas tiranias da sorte. O padre, Cândido e Martin entraram; ninguém se levantou, nem os cumprimentou, ou sequer olhou para eles. Todos estavam profundamente ocupados com suas cartas. — A senhora Baronesa de Thunder-ten-tronckh era mais educada — observou Cândido.

Enquanto isso, o padre se aproximou do ouvido da marquesa, que se levantou um pouco, saudou Cândido, com um sorriso cortês, e Martin, com um nobre e altivo gesto de cabeça. Ordenou que dessem uma cadeira e um jogo de cartas a Cândido; em duas rodadas, ele perdeu cinquenta mil francos. Depois disso, cearam alegremente; e todo mundo ficou surpreso por Cândido não se ter

perturbado com sua perda. Os criados comentavam entre si, em sua linguagem de criados: “Só pode ser algum milorde inglês”.

A ceia se passou como a maioria das ceias de Paris: silêncio no início, em seguida um ruído indistinto de palavras, depois algumas brincadeiras, quase todas sem graça, falsas notícias, comentários desagradáveis, um pouco de política e muita maledicência; até de novos livros falaram. O padre perguntou: — Alguém já leu o romance de Gauchat, o doutor em teologia?

— Sim — respondeu um dos convivas —, mas não consegui terminá-lo. Temos uma grande quantidade de obras impertinentes; mas nem todas elas juntas chegam perto da impertinência de Gauchat, o doutor em teologia; estou tão farto dessa avalanche de livros detestáveis nos soterrando, que comecei a me arriscar no jogo.

— E sobre o *Mélanges*, do arqui-diácono T..., o que pensam? — disse o padre.

— Ah! — exclamou a senhora Parolignac — aquele chato mortal! Como ele diz de forma curiosa o que todo mundo já sabe! Como discute pesadamente o que não vale a pena ser mencionado nem de leve! Como se apropria, sem nenhuma inteligência, da inteligência dos outros! Como estraga o que copia! Como me aborrece! Mas não aborrecerá mais; ter lido algumas páginas do arqui-diácono já foi o suficiente.

Havia à mesa um homem culto e de bom gosto que apoiava o que a marquesa dizia. Em seguida, falaram de tragédias; a marquesa perguntou por que algumas tragédias às vezes eram representadas, mas não podiam ser lidas. O homem de bom gosto deu uma boa explicação de como uma peça podia ser de algum interesse e não ter mérito quase nenhum; provou, com poucas palavras, que não bastava encenar uma ou duas dessas situações que aparecem em

todos os romances e que sempre seduzem os espectadores, mas que é preciso trazer algo novo sem que seja bizarro; quase sempre ser sublime e sempre ser natural; conhecer o coração do homem e fazê-lo falar; ser grande poeta sem que nenhum personagem da peça pareça um poeta; conhecer perfeitamente sua língua, usá-la de forma pura, com uma harmonia contínua em que a rima nunca prejudique o sentido. — Qualquer um que não observe todas essas regras — acrescentou — pode até fazer uma ou duas tragédias que sejam aplaudidas no teatro, mas nunca estará entre os bons escritores. Há muito poucas tragédias boas, algumas são idílios em forma de diálogos bem escritos e bem rimados; já outras, falatórios políticos que dão sono, ou dramatizações entediantes; outras, ainda, sonhos de energúmenos em estilo bárbaro, discursos interrompidos, longas exortações aos deuses, porque não sabem falar aos homens, falsas máximas e pomposos lugares-comuns.

Cândido escutou com atenção todas essas considerações e fez do orador um grande conceito. E como a marquesa tomara o cuidado de instalá-lo ao lado dela, Cândido se aproximou de seu ouvido e tomou a liberdade de lhe perguntar quem era o homem que falava tão bem. — É um erudito — respondeu ela — que não joga; o padre o traz aqui de vez em quando para cear. Ele sabe muito sobre tragédias e livros, mas escreveu uma tragédia que foi um fracasso, e um livro cujo único exemplar já visto fora de uma livraria foi o que ele dedicou a mim.

— Grande homem! disse Cândido. — É um outro Pangloss.

Em seguida, voltando-se para ele, disse: — Senhor, pensa, sem dúvida, que tudo vai da melhor maneira no mundo físico e moral, e que nada poderia ser de outro jeito?

— Eu, meu senhor — respondeu-lhe o homem —, não penso nada disso; acho que tudo anda enviesado entre nós, que ninguém sabe nem qual é seu lugar, nem qual é sua responsabilidade, nem o que faz nem o que deve fazer; e que, fora a ceia, que é muito alegre e onde parece haver bastante união, o restante do tempo transcorre em discussões impertinentes: jansenistas contra molinistas,^[6] gente do Parlamento contra gente da Igreja, gente das letras contra gente das letras, fidalgos contra fidalgos, financistas contra o povo, mulheres contra maridos, parentes contra parentes; é uma guerra sem fim.

Cândido replicou: — Vi coisas piores; mas um sábio, que depois teve a desgraça de ser enforcado, me disse que tudo anda às mil maravilhas; essas coisas não passam de sombras sobre um belo quadro.

— Seu enforcado debochava do mundo — disse Martin —; essas sombras são manchas horríveis.

— São os homens que fazem as manchas — disse Cândido — e eles não podem deixar de fazê-las.

— Não é então culpa deles — disse Martin.

A maioria dos jogadores, que não entendia nada dessa conversa, bebia; Martin conversava com o erudito; e Cândido contava uma parte de suas aventuras à dona da casa.

Após a ceia, a marquesa levou Cândido para seu escritório e o instalou em um sofá. — Pois bem — disse ela —, então continua amando perdidamente a Senhorita Cunegundes de Thunder-ten-tronckh?

— Continuo, senhora — respondeu Cândido.

A marquesa, com um terno sorriso, lhe disse: — Está respondendo como um jovem da Vestfália; um francês teria dito: “É verdade que

eu amava a Senhorita Cunegundes, mas, depois de olhar para a senhora, receio ter deixado de amá-la”.

— Ai! — suspirou Cândido. — Darei a resposta que quiser, senhora.

— Sua paixão por ela — disse a marquesa — começou quando recolheu seu lenço do chão; quero que recolha minhas ligas.

— Com a maior satisfação — disse Cândido. E as recolheu.

— Mas quero que as recolha no lugar de onde saíram — disse a dama. E Cândido as recolheu.

— Veja só — disse a dama —, o senhor é estrangeiro; às vezes faço meus amantes de Paris esperarem ansiosamente durante quinze dias, mas me rendo ao senhor desde a primeira noite, porque afinal é preciso fazer as honras do país a um jovem da Vestfália.

Tendo notado dois enormes diamantes nas mãos de seu jovem estrangeiro, a marquesa os elogiou com tamanha sinceridade que, dos dedos de Cândido, passaram diretamente aos seus dedos.

No caminho de volta, acompanhado por seu padre do Périgord, Cândido sentiu remorsos pela infidelidade que fizera à Senhorita Cunegundes; o padre compartilhou seu tormento, tinha uma ligeira participação na perda das cinquenta mil libras de Cândido no jogo e no valor dos dois diamantes, meio dados, meio extorquidos. Sua intenção era aproveitar, tanto quanto possível, as vantagens que ter conhecido Cândido poderiam proporcionar-lhe. Falou-lhe muito de Cunegundes, e Cândido lhe disse que, quando a encontrasse em Veneza, pediria perdão à bela moça por sua infidelidade.

O padre redobrava suas delicadezas e atenções, demonstrava um gentil interesse por tudo que Cândido dizia, por tudo que fazia e por tudo que queria fazer. — Então, tem um encontro em Veneza? — perguntou.

— Sim, senhor padre — disse Cândido —, é absolutamente necessário que eu vá encontrar a Senhorita Cunegundes.

E assim, envolvido pelo prazer de falar de quem amava, contou, como era seu costume, uma parte das suas aventuras com a ilustre vestfaliana.

— Creio — disse o padre — que a Senhorita Cunegundes seja muito espirituosa e escreva cartas encantadoras.

— Nunca recebi uma carta — disse Cândido —, pois imagine que, após ter sido expulso do castelo por causa do meu amor por ela, não pude escrever-lhe; que, logo depois, soube que estava morta, mas em seguida a reencontrei, e logo mais a perdi; e que lhe enviei uma mensagem a doze mil quilômetros léguas daqui e aguardo uma resposta. O padre ouvia atentamente e parecia um tanto pensativo. Não demorou, despediu-se dos dois estrangeiros depois de tê-los abraçado afetuosamente. No dia seguinte, ao acordar, Cândido recebeu uma carta escrita nos seguintes termos:

“Queridíssimo senhor meu amado, há oito dias estou doente nesta cidade; fiquei sabendo que está aqui. Correria para seus braços se pudesse mexer-me. Também soube de sua passagem por Bordeaux, onde deixei o fiel Cacambo e a velha, que em breve deverão acompanhar-me. O governador de Buenos Aires ficou com tudo, mas me resta seu coração. Venha, sua presença devolverá minha vida ou me fará morrer de prazer”.

Essa carta adorável, essa carta inesperada, excitou Cândido com uma alegria inexprimível; e a doença de sua querida Cunegundes o encheu de tristeza. Dividido por esses dois sentimentos, pega seu ouro e seus diamantes e pede que o levem, juntamente com Martin, ao hotel onde ela se hospedava. Entra no quarto trêmulo de emoção, seu coração palpita, sua voz sai aos soluços; quer abrir o acortinado

da cama; quer que entre claridade. — Não deve fazer isso, a luz acaba com ela — diz-lhe a acompanhante, e imediatamente fecha o acortinado.

— Minha querida Cunegundes — disse Cândido chorando —, como está passando? Se não pode ver-me, ao menos fale comigo.

— Ela não pode falar — disse a acompanhante.

A dama estende então uma mão roliça, que Cândido molha por algum tempo com suas lágrimas e em seguida enche de diamantes; ele também deixa um saco repleto de ouro sobre a poltrona.

No meio desse seu enlevo, chega um chefe de polícia acompanhado pelo padre perigordino e por uma pequena tropa. — Então, aí estão — disse ele — os dois estrangeiros suspeitos? — Ordena imediatamente que seus homens os agarrem e os levem para a prisão.

— Não é assim que tratam os viajantes em Eldorado — disse Cândido.

— Sou mais maniqueísta do que nunca! — disse Martin.

— Mas, senhor, para onde vai levar-nos? — perguntou Cândido.

— Para o xadrez — disse o oficial.

Tendo recuperado seu sangue-frio, Martin alertou que a mulher que se fazia passar por Cunegundes era uma vigarista; o padre do Périgord, outro vigarista que não perdeu tempo para abusar da inocência de Cândido; e o oficial, mais um vigarista de quem podiam livrar-se com facilidade.

Em lugar de se expor aos procedimentos da justiça, esclarecido pela advertência de Martin e, de resto, mais impaciente ainda por rever a verdadeira Cunegundes, Cândido oferece ao oficial três pequenos diamantes, valendo cerca de três mil pistolas^[7] cada um. — Ah! Ainda que o senhor tivesse cometido todos os crimes

imagináveis — disse-lhe o homem do bastão de marfim —, é o homem mais honesto do mundo. Três diamantes! Cada um de três mil pistolas! Pois, meu senhor, eu me deixaria matar por sua causa em vez de levá-lo para uma prisão. Aqui, prendemos todos os estrangeiros, mas deixe comigo; tenho um irmão em Dieppe, na Normandia, vou levá-lo até lá. E, se o senhor tiver algum diamante para lhe dar, ele cuidará do senhor como eu mesmo cuidaria.

— E por que prendem todos os estrangeiros? — perguntou Cândido.

O padre tomou então a palavra, e disse: — Porque um miserável da Atrébatie^[8] ouviu dizer umas besteiras que o levaram a cometer um parricídio, não como o de maio de 1610, mas como o de dezembro de 1594, e como vários outros cometidos em outros meses de outros anos por outros miseráveis que tinham ouvido dizer besteiras.

O oficial explicou então do que se tratava. — Ah! Monstros! — exclamou Cândido. — O que é isso? Horrores assim onde há um povo que dança e que canta? Será que conseguirei sair o mais rápido possível deste lugar em que os macacos irritam os tigres? No meu país, vi ursos; homens, só vi em Eldorado. Em nome de Deus, senhor oficial, me leve a Veneza, onde devo esperar a Senhorita Cunegundes.

— Só posso levá-lo até a Baixa Normandia — disse o meganha. Na mesma hora, o faz livrar-se dos ferros, diz que se confundiu, dispensa seus homens e leva Cândido e Martin a Dieppe, deixando-os nas mãos de seu irmão. Havia um pequeno navio holandês no porto. O normando, com a ajuda de outros três diamantes, tornou-se o mais prestativo dos homens, embarcando Cândido e seu pessoal no navio que ia partir para Portsmouth, na Inglaterra. Não era o

caminho de Veneza; mas Cândido acreditava ter-se livrado do inferno. E contava retomar a rota de Veneza na primeira oportunidade.

CAPÍTULO 23

CÂNDIDO E MARTIN VÃO PARAR NA COSTA DA INGLATERRA.

O QUE VEEM ALI

— Ah! Pangloss! Pangloss! Ah! Martin! Martin! Ah! Querida Cunegundes! Que mundo é este? — dizia Cândido dentro do navio holandês.

— Algo de muito louco e de muito abominável — respondia Martin.

— Você conhece a Inglaterra; lá são todos tão loucos como na França?

— É uma outra espécie de loucura — disse Martin. Sabia que essas duas nações estão em guerra por alguns alqueires de neve para os lados do Canadá? E que gastam com essa maravilhosa guerra muito mais do que vale o Canadá inteiro? Dizer-lhe com precisão se há mais gente doida em um país do que no outro, minha fraca inteligência não me permite; só sei que, em geral, as pessoas que vamos encontrar são muito irritadiças.

Conversando assim, chegaram a Portsmouth; uma multidão cobria a beira da praia e olhava atentamente um homem bem corpulento que estava de joelhos, olhos vendados, no convés de um dos navios da frota. Quatro soldados postados de frente para esse homem deram-lhe, cada um, três tiros no crânio, com a maior

naturalidade do mundo; e toda a assistência saiu dali extremamente satisfeita.

— Mas o que significa tudo isso? — perguntou Cândido — E que demônio é esse que impera em todo lugar?

Quis saber quem era o homem enorme que acabavam de matar com toda aquela pompa.

— É um almirante — responderam-lhe.

— E por que matar esse almirante?

— Porque ele não mandou matar bastante gente — disseram-lhe —; entrou em combate com um almirante francês, e acharam que ele não estava suficientemente próximo do inimigo.

— Mas o almirante francês também estava longe dele — disse Cândido —, tanto quanto ele estava do outro!

— Isso é incontestável — alguém replicou —, mas neste país de tempos em tempos é bom matar um almirante, para encorajar os outros.

Cândido ficou tão aturdido e tão chocado com o que via e com o que ouvia que nem quis pisar em terra; negociou com o capitão holandês (ainda que este também devesse roubá-lo, como o de Suriname) para que o conduzisse sem perda de tempo a Veneza.

O capitão estava pronto para partir dois dias depois. Costearam a França; passaram diante de Lisboa, e Cândido estremeceu. Entraram no Estreito e no Mediterrâneo, e finalmente chegaram a Veneza.

— Deus seja louvado! — exclamou Cândido abraçando Martin. — É aqui que vou reencontrar a linda Cunegundes. Confio em Cacambo como em mim mesmo. Tudo está bem, tudo vai bem, tudo vai o melhor possível.

CAPÍTULO 24

SOBRE PAQUETTE E SOBRE O FREI GIROFLÉE

Desde que chegou a Veneza, Cândido procurou Cacambo em todas as tavernas, em todos os cafés, nas casas de todas as mulheres da vida, mas não o encontrou. Todos os dias enviava alguém para verificar em todos os navios e em todos os barcos: nada de Cacambo. — Mas como! — dizia a Martin. — Eu tive tempo de vir do Suriname para Bordeaux, de ir de Bordeaux a Paris, de Paris a Dieppe, de Dieppe a Portsmouth, de costear Portugal e Espanha, de atravessar o Mediterrâneo inteiro, de passar alguns meses em Veneza, e até agora a bela Cunegundes não apareceu! Em vez dela, não encontrei mais do que uma descarada e um padreco perigordino! Cunegundes está morta, não tenho dúvida; só me resta morrer. Ah! Era melhor ter ficado no paraíso de Eldorado do que voltar para esta maldita Europa. Como tem razão, meu caro Martin! Tudo não passa de ilusão e calamidade.

Cândido entrou em profunda melancolia e não tomou conhecimento nem dos concertos *alla moda*, nem dos outros divertimentos do carnaval nem dama alguma lhe causou a menor tentação. Martin lhe disse: — Na verdade, o senhor é bem ingênuo de imaginar que um serviçal mestiço, com cinco ou seis milhões no bolso, vai procurar a sua amada no fim do mundo e depois trazê-la até Veneza. Ele ficará com ela se a encontrar. Se não a encontrar,

ficará com alguma outra: eu o aconselho a esquecer seu ajudante Cacambo e sua querida Cunegundes. — Martin não era muito encorajador. A melancolia de Cândido aumentou, e Martin não cansava de lhe provar que havia pouca virtude e pouca felicidade na terra; exceto, talvez, em Eldorado, onde ninguém conseguia ir.

Enquanto discutia esse assunto importante e esperava por Cunegundes, Cândido viu um jovem teatino^[1] na praça de São Marcos, de braços com uma moça. O teatino parecia jovial, robusto, vigoroso; seus olhos brilhavam, tinha um ar seguro, um semblante altivo, um porte orgulhoso. A moça era muito bonita e cantava; olhava amorosamente para o seu teatino e, de tempos em tempos, apertava suas gordas bochechas. — Pelo menos terá de admitir — disse Cândido a Martin — que essa gente daqui é feliz. Até hoje só encontrei desafortunados em todos os lugares habitáveis da terra, com exceção de Eldorado; mas, aquela moça e aquele teatino, aposto que são criaturas felizes.

— Eu aposto que não — disse Martin.

— É só convidá-los para jantar — disse Cândido — e veremos se estou enganado.

Logo aborda, cumprimenta e convida o casal para ir ao seu hotel comer macarrão, perdiz da Lombardia, caviar, e beber vinhos “Montepulciano”, “Lacryma-Christi”, “Chipre” e “Samos”. A jovem corou, o teatino aceitou o convite, e a moça o seguiu, olhando para Cândido de forma surpresa e confusa, pois seus olhos se turvaram com algumas lágrimas. Assim que entrou no quarto de Cândido, ela lhe disse: — Mas como! o senhor Cândido não reconhece mais Paquette! — A essas palavras, Cândido, que até então não havia olhado para ela com atenção, porque só pensava em Cunegundes,

lhe disse: — Ai, minha pobre Paquette, então foi você que deixou o Doutor Pangloss naquele belo estado em que o encontrei?

— Pobre homem! Fui eu, sim, senhor — disse Paquette. — Estou vendo que o senhor está a par de tudo. Eu soube das terríveis desgraças que aconteceram na casa da senhora baronesa e também à bela Cunegundes. Juro para o senhor que meu destino não foi menos triste. Eu era muito inocente quando me conheceu. Um franciscano, que era meu confessor, me seduziu com facilidade. As consequências foram muito ruins; fui obrigada a sair do castelo pouco depois que o senhor barão o pôs para fora a pontapés no traseiro. Se não fosse um conhecido médico ter ficado com pena de mim, eu estaria morta. Em reconhecimento a isso, fui sua amante por algum tempo. A mulher dele, que era ciumenta demais, batia em mim sem dó todos os dias; era a fúria em pessoa. Esse médico era o mais feio de todos os homens, e eu, a mais infeliz de todas as criaturas, espancada continuamente por causa de um homem que eu nem amava. O senhor sabe o quanto é perigoso para uma mulher rabugenta ser esposa de um médico. Indignado com as atitudes dela, certo dia lhe deu, para curar um resfriadinho, um remédio tão eficaz que ela morreu em duas horas, tendo convulsões horríveis. Os parentes da mulher abriram um processo criminal contra o marido; ele fugiu, e eu fui para a prisão. Minha inocência não me teria salvado se eu não fosse bonita. O juiz me soltou, com a condição de que sucederia ao médico. Pouco depois, fui passada para trás por uma rival, fui banida sem recompensa e obrigada a continuar com esse trabalho abominável que vocês homens parecem achar tão agradável, mas que para nós não passa de um abismo de misérias. Vim exercer a profissão em Veneza. Ah, senhor Cândido, se pudesse imaginar o que é ser obrigada a acariciar tanto um velho

comerciante como um advogado, um monge, um gondoleiro, um padre; ficar exposta a todo tipo de insulto, a todas as humilhações; ver-se muitas vezes forçada a pedir emprestada uma saia, que depois será levantada por um homem nojento; ser roubada, por um, daquilo que se ganhou com o outro; ser extorquida pelos oficiais de justiça, ter como perspectiva apenas uma triste velhice, um asilo e uma vida miserável, o senhor concluiria que eu sou uma das criaturas mais infelizes do mundo.

Paquette abria assim seu coração ao bondoso Cândido, em uma saleta, na presença de Martin, que dizia a ele: — Está vendo, já ganhei a metade da aposta.

Frei Giroflée tinha ficado na sala de refeições e tomava um aperitivo enquanto esperava pelo jantar. — Mas você parecia tão alegre, tão contente quando a encontrei — disse Cândido a Paquette. — Você cantava e acariciava o teatino com uma amabilidade bem natural; pareceu-me ser tão feliz quanto acredita ser infeliz.

— Ah! essa é mais uma das desgraças desse ofício — respondeu Paquette a Cândido. — Ontem, fui roubada e espancada por um oficial, e hoje tenho de demonstrar bom humor para agradar a um frei.

Cândido não quis ouvir mais; admitiu que Martin tinha razão. Sentaram-se à mesa com Paquette e o teatino. A refeição foi bem agradável, e perto do final conversavam com alguma confiança. — Padre — disse Cândido ao frei —, o senhor me parece desfrutar de uma vida que todo mundo deve almejar; a flor da saúde brilha em seu rosto, seu físico revela felicidade; tem uma bela jovem com quem se diverte e parece muito contente com sua condição de teatino.

— Na verdade, senhor — disse frei Giroflée —, eu gostaria que todos os teatinos acabassem no fundo do mar. Já fui tentado umas cem vezes a tocar fogo no convento e a virar muçulmano. Meus pais me forçaram, quando eu tinha quinze anos, a vestir esta batina detestável, para deixar mais dinheiro a um maldito irmão mais velho, que Deus o castigue! A inveja, a discórdia, a ira moram no convento. É verdade que preguei alguns péssimos sermões, e isso me rendeu um pouco de dinheiro, do qual o prior me toma a metade. O que me sobra dá para sustentar as mulheres. Mas, quando volto à noite para o monastério, minha vontade é bater a cabeça nas paredes do quarto; e todos os meus confrades estão na mesma situação.

Martin volta-se para Cândido com seu costumeiro sangue-frio e diz: — Pronto! Ganhei ou não ganhei de vez a aposta? — Cândido deu duas mil piastras a Paquette e mil piastras ao frei Giroflée. — Minha resposta — disse ele — é que com isso eles serão felizes.

— Não creio nisso de jeito nenhum — disse Martin. — Talvez com essas piastras o senhor os deixe mais infelizes ainda.

— Vai acontecer o que puder acontecer — disse Cândido —; mas uma coisa me consola: vejo que muitas vezes reencontramos pessoas que jamais acreditaríamos poder reencontrar. Pode muito bem acontecer que, depois de ter reencontrado meu carneiro vermelho e Paquette, eu também reencontre Cunegundes.

— Desejo — disse Martin — que um dia ela faça sua felicidade; mas duvido muito.

— Está sendo muito duro — disse Cândido.

— É que sou vivido — replicou Martin.

— Mas veja esses gondoleiros — disse Cândido. — Não vivem cantando?

— Mas não sabe o que se passa na casa deles, com suas mulheres e seus filhos — respondeu Martin. — O doge^[2] tem seus desgostos, os gondoleiros têm os deles. É verdade que, no fim das contas, o destino de um gondoleiro é preferível ao de um doge; mas acho a diferença tão pequena que nem vale a pena ser levada em consideração.

— Estão falando — disse Cândido — do Senador Pococuranté, que vive naquele belo palácio perto do Brenta^[3] e recebe muito bem os estrangeiros. Dizem que é um homem que nunca teve um desgosto.^[4]

— Eu gostaria de ver uma espécie tão rara — disse Martin.

Não demorou muito para que Cândido mandasse pedir permissão ao senhor Pococuranté para ir visitá-lo no dia seguinte.

CAPÍTULO 25

VISITA AO SENHOR POCOCURANTÉ, NOBRE VENEZIANO

Cândido e Martin foram de gôndola pelo Brenta e chegaram ao palácio do nobre Pococuranté. Os jardins eram bem trabalhados e ornados por belas estátuas de mármore; o palácio tinha uma bela arquitetura. O dono da casa, homem de sessenta anos, muito rico, recebeu os dois curiosos com muita cortesia, porém com pouco entusiasmo, o que desconcertou Cândido, mas não desagradou a Martin.

Primeiramente, duas jovens bonitas e cuidadosamente arrumadas serviram chocolate, que prepararam com bastante espuma. Cândido não pôde deixar de elogiá-las por sua beleza, por sua graça e por serem jeitosas. — São muito boas criaturas — disse o Senador Pococuranté —; às vezes faço-as deitar comigo, pois ando bem entediado com as damas da cidade, com seus joguinhos de sedução, seus ciúmes, suas disputas, seus humores, sua mesquinhez, seu orgulho, suas tolices, e com os sonetos que é preciso fazer, ou encomendar, para elas; mas, no fim das contas, essas duas moças também começam a me aborrecer.

Cândido, passeando após o almoço por uma longa galeria, ficou impressionado com a beleza dos quadros. Perguntou de qual mestre eram os dois primeiros. — São de Rafael — disse o senador. — Há alguns anos, paguei muito caro por eles, por pura vaidade. Dizem

ser o que há de mais belo na Itália, mas a mim não agradam nem um pouco. A cor é muito escura, as figuras não têm contornos bem definidos e não se destacam; as vestimentas não parecem nada com um tecido, em suma, por mais que o digam, não acho que seja uma verdadeira imitação da natureza. Só gosto realmente de um quadro quando me parece ter visto a própria natureza. Não há nenhum desse tipo; tenho muitos quadros, mas não olho mais para eles.

Esperando pelo jantar, Pococuranté ordenou que apresentassem um concerto. Cândido achou a música deliciosa. — Esse ruído — disse Pococuranté — pode agradar durante meia hora, mas, se durar mais que isso, cansa todo mundo, embora ninguém ouse confessar. Hoje em dia, a música não é mais do que a arte de executar coisas difíceis, e o que não passa de algo difícil, com o tempo, não agrada. Talvez eu preferisse a ópera, não fosse terem encontrado o segredo para fazer dela um monstro que me revolta. Que vá assistir quem estiver atrás de péssimas tragédias musicadas, em que as cenas são feitas apenas para dar lugar, muito fora de propósito, a duas ou três canções ridículas que fazem valer a garganta de uma atriz. Que morra de satisfação quem quiser ou puder ver um castrado se esganiçar no papel de César e de Catão, enquanto passeia desajeitadamente pelo palco. Eu renunciei há muito tempo a esse tipo de pobreza, que no momento faz a glória da Itália, e pelo que pagam tão caro alguns soberanos.

Cândido contestou um pouco, mas com discrição. Martin concordou plenamente com o senador. Sentaram-se à mesa; e, depois de um excelente jantar, entraram na biblioteca. Cândido, ao ver um Homero magnificamente encadernado, elogiou o ilustríssimo anfitrião por seu bom gosto. — Eis um livro que faria a alegria do grande Pangloss, o maior filósofo da Alemanha — disse Cândido.

— Pois não faz a minha — replicou friamente Pococuranté. — Há muito tempo, fizeram-me acreditar que ler Homero me dava prazer, mas aquela repetição contínua de combates, uns iguais aos outros, aqueles deuses que agem sempre para não fazer nada de decisivo, aquela Helena que é o motivo da guerra, mas não passa de uma coadjuvante da peça, aquela Troia que é cercada, mas nunca é tomada, tudo aquilo me causava um tédio mortal. Perguntei algumas vezes a certos eruditos se eles se entediavam tanto quanto eu com essa leitura. Todos que foram sinceros me confessaram que o livro lhes caía das mãos, mas que era um dever tê-lo na biblioteca, como um monumento da Antiguidade e como essas medalhas enferrujadas que não podem estar em uso.

— Vossa Excelência não pensa assim de Virgílio — disse Cândido.

— Concordo — disse Pococuranté — que o segundo, o quarto e o sexto livros da *Eneida* são excelentes, mas, quanto ao devoto Eneias, ao forte Cleanto, ao amigo Acates, ao pequeno Ascânio, ao imbecil rei Latino, à burguesa Amata e à insípida Lavínia, não creio que haja nada de mais frio e de mais desagradável. Prefiro Tasso e os contos de Ariosto, que fazem qualquer um dormir em pé.

— Ousaria perguntar-lhe, senhor, não sente um grande prazer ao ler Horácio? — disse Cândido.

— Há algumas de suas máximas — disse Pococuranté — das quais um homem de certo nível pode tirar proveito, e que, estando inseridas em versos enérgicos, são gravadas mais facilmente na memória; mas não dou a mínima para a sua viagem a Brindes, nem para a sua descrição de um jantar desagradável nem para a briga de carregadores entre um tal Pupilus, cujas palavras, diz ele, *eram cheias de pus*, e um outro, cujas palavras *eram vinagre*. E li com desprazer seus versos grosseiros contra velhas e contra feiticeiras;

também não vejo que mérito pode haver em dizer a seu amigo Mecenas que, se for colocado por ele na classe dos poetas líricos, atingirá os astros com sua fronte sublime. Os tolos admiram tudo de um autor venerado. Eu só leio para mim; gosto apenas do que me convém.

Cândido, que tinha sido educado para nunca julgar coisa alguma por sua conta, estava muito impressionado com o que ouvia; e Martin achava o modo de pensar de Pococuranté bastante razoável.

— Oh! Um Cícero! — disse Cândido. — Esse grande homem, acho que o senhor não se cansa de lê-lo.

— Eu nunca o leio — respondeu o veneziano. Que me importa que ele tenha saído em defesa de Rabírio ou de Cluêncio? Também tenho muitos processos para julgar; suas obras filosóficas até que me interessariam mais, mas, quando vi que ele duvidava de tudo, concluí que eu sabia do assunto tanto quanto ele, e que eu não precisava de ninguém para ser ignorante.

— Ah! E esses oitenta volumes, coletâneas de uma academia de ciências — exclamou Martin —; pode ser que aí tenha algo de bom.

— Teria — disse Pococuranté — se pelo menos um dos autores dessa mixórdia tivesse inventado, ainda que fosse isso, a arte de produzir alfinetes. Mas em todos esses livros não há nada além de sistemas inúteis, e coisa alguma de aproveitável.

— Quantas peças de teatro vejo aqui! Em italiano, em espanhol, em francês! — disse Cândido.

— É verdade — disse o senador. — São três mil, mas, que prestem, nem três dúzias. Sobre essas coletâneas de sermões, que todas juntas não valem uma só página de Sêneca, e sobre todos esses volumes enormes de teologia, fazem bem de pensar que nunca são abertos, nem por mim nem por ninguém.

Martin notou prateleiras cheias de livros ingleses. — Acho que um republicano deve gostar da maioria dessas obras, escritas de forma tão livre — disse ele.

— Sim! — respondeu Pococuranté. — É uma beleza escrever o que se pensa, um privilégio do homem. Na nossa Itália inteira, só se escreve o que não se pensa; os habitantes da pátria dos Césares e dos Antoninos não ousam ter uma ideia sem a permissão de um jacobino. Eu ficaria contente com a liberdade que inspira os gênios ingleses se a paixão e o espírito partidário não corrompessem tudo o que essa preciosa liberdade tem de bom.

Vendo um Milton,^[1] Cândido perguntou ao senador se ele não via esse autor como um grande homem. — Quem? — disse Pococuranté. — Aquele bárbaro que faz um longo comentário do primeiro capítulo do Gênesis em dez livros de versos difíceis? Aquele grosseiro imitador dos gregos que desfigura a Criação e que, enquanto Moisés representa o Ser Eterno criando o mundo por meio da palavra, faz o Messias tirar um grande compasso de um armário do céu para traçar sua obra? Eu, gostar de quem estragou o inferno e o diabo de Tasso; de quem disfarça Lúcifer ora de sapo, ora de pigmeu, o faz repetir cem vezes as mesmas coisas, e o faz discutir teologia? Eu, gostar de quem, imitando seriamente a cômica invenção das armas de fogo de Ariosto, faz os diabos dispararem tiros de canhão no céu? Nem eu nem ninguém na Itália conseguiu apreciar todas essas medíocres extravagâncias. O casamento do pecado com a morte e as serpentes que o pecado dá à luz são de fazer vomitar qualquer um que tenha um gosto mais delicado; e aquela extensa descrição de um hospital só serve para um coveiro. Esse poema obscuro, estranho e enfadonho foi desprezado desde que apareceu; eu o trato agora como ele foi tratado em sua pátria pelos

seus contemporâneos. De resto, eu digo o que penso, e não me preocupa nem um pouco se os outros pensam como eu.

Cândido estava aflito com esses discursos; ele respeitava Homero, gostava um pouco de Milton. — Ai, ai, ai — disse ele baixinho a Martin —, temo realmente que esse homem sinta um supremo desprezo por nossos poetas alemães.

— Isso não seria um grande problema — disse Martin.

— Oh! Que homem superior! — dizia Cândido ainda entre os dentes. — Que grande capacidade, esse Pococuranté! Nada deve conseguir agradar-lhe.

Após ter passado em revista todos aqueles livros, desceram até o jardim, do qual Cândido elogiou todas as belezas. — Nunca vi nada de tamanho mau gosto — disse o anfitrião. — Aqui só temos esses arranjos de segunda categoria, mas amanhã mesmo vou mandar fazer um outro, de projeto mais nobre.

Depois que os dois curiosos já se haviam despedido de Sua Excelência, Cândido disse a Martin: — Mas agora você há de convir que esse é o mais feliz de todos os homens, pois está acima de tudo que possui.

— Não percebe — disse Martin — que ele está enjoado de tudo que tem? Platão disse há muito tempo que os melhores estômagos não são os que rejeitam todos os alimentos.

— Mas será que não existe um prazer em criticar tudo, em perceber defeitos onde os outros homens acreditam ver beleza? — disse Cândido.

— Ou seja — replicou Martin —, que existe prazer em não ter prazer?

— Oh! Pois então — disse Cândido —, o único feliz serei eu, quando reencontrar a Senhorita Cunegundes.

— Faz bem termos sempre uma esperança — disse Martin.

Entretanto, os dias, as semanas se passavam; Cacambo não retornava, e Cândido estava tão absorvido em sua dor que nem notou que Paquette e o frei Giroflée não tivessem aparecido sequer para lhe agradecer.

CAPÍTULO 26

SOBRE UMA CEIA QUE CÂNDIDO E MARTIN FIZERAM EM
COMPANHIA DE SEIS ESTRANGEIROS, E QUEM ERAM ELES

Uma noite em que Cândido, acompanhado por Martin, ia sentar-se à mesa com os estrangeiros que se hospedavam no mesmo hotel, um homem com o rosto cor de fuligem o abordou vindo de trás, e, segurando seu braço, lhe disse: — Esteja pronto para partir conosco, não deixe de ir. Cândido se volta e vê Cacambo. A única coisa que poderia surpreendê-lo e agradar-lhe mais seria a visão de Cunegundes. Estava a ponto de enlouquecer de alegria. Ele abraça seu caro amigo.

— Cunegundes sem dúvida está aqui, não é? Mas onde? Leve-me até ela, que morro de alegria com ela.

— Cunegundes não está aqui — disse Cacambo —, ela está em Constantinopla.

— Oh, céus! Em Constantinopla! Mas ainda que estivesse na China eu voaria até lá, vamos partir.

— Partiremos após a ceia — replicou Cacambo. — Não posso dizer-lhe mais nada, sou escravo e meu senhor está esperando-me, tenho de servi-lo à mesa. Não abra a boca, ceie e fique pronto.

Cândido, dividido entre a alegria e a dor, encantado por ter revisto seu fiel ajudante, espantado por vê-lo como escravo, tomado pela ideia de reencontrar sua amada, o coração agitado, o espírito

perturbado, pôs-se à mesa com Martin, que via todas essas aventuras com sangue-frio, e com seis estrangeiros que tinham ido passar o carnaval em Veneza.

Cacambo, que servia uma bebida a um desses estrangeiros, aproximou-se do ouvido de seu senhor, já ao final da refeição, e lhe disse: — Sire, Vossa Majestade poderá partir quando quiser, o navio está pronto. — Tendo dito essas palavras, retirou-se. Os convivas, admirados, entreolhavam-se sem proferir uma só palavra quando um outro criado, aproximando-se de seu senhor, lhe disse: — Sire, o trono de Vossa Majestade está em Pádua, e a barca está pronta. — O amo fez um sinal e o criado saiu. Todos os convivas entreolharam-se outra vez e a surpresa geral redobrou. Um terceiro criado, aproximando-se também de um terceiro estrangeiro, lhe disse: — Sire, acredite, Vossa Majestade não deve permanecer aqui por muito mais tempo; vou preparar tudo. — E imediatamente desapareceu.

Cândido e Martin não tinham dúvida de que aquilo fosse uma brincadeira de carnaval. Um quarto criado disse ao quarto amo: — Vossa Majestade poderá partir quando quiser. — E saiu como os outros. O quinto criado disse a mesma coisa ao quinto amo. Mas o sexto criado falou de modo diferente ao sexto estrangeiro, que estava próximo de Cândido; ele lhe disse: — Acredite, Sire, não querem mais dar crédito a Vossa Majestade nem a mim, e bem que podemos ser presos esta noite, o senhor e eu; eu vou é cuidar da minha vida, adeus.

Todos os criados tendo sumido, os seis estrangeiros, Cândido e Martin permaneceram em profundo silêncio. Cândido enfim o rompeu: — Senhores — disse ele —, essa foi uma brincadeira interessante. Por que são todos reis? Quanto a nós, confesso que nem eu nem Martin o somos.

O amo de Cacambo, em tom sério, tomou a palavra e disse em italiano: — Não estou brincando, meu nome é Achmet III; fui o grande sultão por muitos anos. Derrubei meu irmão do trono e fui derrubado por meu sobrinho; cortaram o pescoço de meus vizires. Estou terminando meus dias no velho harém. Meu sobrinho, o grande Sultão Mahmud, me permite viajar algumas vezes por causa da minha saúde, e vim passar o carnaval em Veneza.

Um jovem que estava perto de Achmet falou depois dele: — Eu me chamo Ivã, fui Imperador de todas as Rússias, mas fui destronado ainda no berço. Meu pai e minha mãe foram presos; criaram-me na prisão. Às vezes, tenho permissão para viajar acompanhado dos que me vigiam, e vim passar o carnaval em Veneza.

O terceiro disse: — Sou Carlos Eduardo, Rei da Inglaterra. Meu pai me cedeu seus direitos ao trono, e lutei para mantê-los. Arrancaram o coração de oitocentos de meus partidários e os esfregaram em suas caras; eu fui colocado na prisão. Vou a Roma visitar o rei meu pai, destronado como eu e como meu avô; e vim passar o carnaval em Veneza.

O quarto tomou então a palavra e disse: — Sou rei dos polacos; os reveses da guerra me privaram dos meus Estados hereditários; meu pai passou pelos mesmos reveses. Eu me entrego à Providência, como o Sultão Achmet, o Imperador Ivã e o Rei Carlos Eduardo, aos quais Deus dê longa vida; e vim passar o carnaval em Veneza.

O quinto disse: — Também sou rei dos polacos, perdi meu reino duas vezes, mas a Providência deu-me um outro Estado no qual pratiquei o bem, mais do que todos os reis dos sármatas^[1] juntos jamais conseguiram fazer às margens do Vístula. Também me entrego à Providência; e vim passar o carnaval em Veneza.

Faltava o sexto monarca falar. — Não sou tão importante — disse ele — como são todos os senhores, mas, de toda forma, fui um rei exatamente como qualquer outro. Sou Teodoro, fui eleito Rei na Córsega, já fui chamado de Majestade, mas agora me chamam apenas de Senhor; já mandei cunhar moedas, e agora não tenho um tostão; tive dois secretários de Estado, e tenho apenas um criado; já me vi sentado em um trono, mas passei muito tempo em uma prisão em Londres, na miséria. Temo ser tratado da mesma forma aqui, embora eu tenha vindo, como Vossas Majestades, passar o carnaval em Veneza.

Os outros cinco reis escutaram essas palavras com uma nobre compaixão. Cada um deles deu vinte cequins^[2] ao Rei Teodoro para que comprasse roupas; Cândido lhe deu de presente um diamante de dois mil cequins. Os cinco outros reis diziam: “Mas quem é esse indivíduo, não só em condição de dar cem vezes o que deu cada um de nós, e que realmente o dá?”.

No momento em que saíam da mesa, chegavam ao hotel quatro altezas sereníssimas^[3] que também haviam perdido seus Estados por conta das circunstâncias da guerra e que iam passar o resto do carnaval em Veneza. Mas Cândido não prestou a menor atenção aos recém-chegados. Sua única preocupação era ir encontrar sua querida Cunegundes em Constantinopla.

CAPÍTULO 27

A VIAGEM DE CÂNDIDO A CONSTANTINOPLA

O fiel Cacambo já havia convencido o capitão turco, que ia reconduzir o Sultão Achmet a Constantinopla, a receber Cândido e Martin a bordo. Um e outro lá chegaram após curvar-se diante de Sua miserável Alteza. Pelo caminho, Cândido dizia a Martin: — Pois então lá estavam seis reis destronados com os quais ceamos! E, além do mais, entre esses seis reis havia um a quem dei esmola. Talvez existam muitos outros príncipes mais desafortunados. Quanto a mim, não perdi mais do que cem carneiros e vou voar para os braços de Cunegundes. Meu caro Martin, digo-lhe mais uma vez que Pangloss tinha razão, tudo vai bem.

— É o que desejo — disse Martin.

— Mas — disse Cândido — que aventura mais improvável essa que tivemos em Veneza! Nunca se viu nem se ouviu falar que seis reis destronados tivessem ceado juntos neste lugar.

— Isso não é mais extraordinário — disse Martin — do que a maioria das coisas que nos vêm acontecendo. É muito comum que reis sejam derrubados do trono; e, quanto à honra que tivemos de jantar com eles, é uma bagatela que não merece nossa atenção.

Cândido, mal tinha entrado no navio, foi correndo abraçar seu antigo criado, seu amigo Cacambo. — E então — disse-lhe —, o que

faz Cunegundes? Continua aquele prodígio de beleza? Ainda me ama? Como ela está? Sem dúvida comprou para ela um palácio em Constantinopla, não é?

— Meu caro patrão — respondeu Cacambo —, Cunegundes lava tigelas na costa do Propôntida^[1] para um príncipe que tem muito poucas tigelas; ela é escrava na casa de um antigo soberano chamado Ragotski, a quem o imperador da Turquia dá de pensão três escudos por dia. Mas o que é bem mais triste é que ela perdeu sua beleza e tornou-se terrivelmente feia.

— Ah! Bonita ou feia — disse Cândido —, sou um homem honesto, e meu dever é amá-la sempre. Mas como pôde ficar reduzida a um estado tão lastimável, mesmo com os cinco ou seis milhões que você tinha levado?

— Bem — disse Cacambo —, não tive de dar dois milhões ao *señor* Dom Fernando d'Ibaraa y Figueroa y Mascarenes y Lampourdos y Souza, Governador de Buenos Aires, para obter a permissão de levar Cunegundes embora? E não houve um pirata que nos despojou violentamente de todo o resto? E esse pirata não nos levou ao Cabo de Matapan, a Milo, a Icária, a Samos, a Petra, a Dardanelos, a Mármara e a Scutari? Cunegundes e a velha trabalham na casa do príncipe do qual lhe falei, e eu sou escravo do sultão destronado.

— Quantas terríveis calamidades encadeadas! — disse Cândido. — Mas, no fim das contas, ainda tenho alguns diamantes; vou libertar Cunegundes facilmente. É pena que ela tenha ficado tão feia.

Voltando-se para Martin, disse em seguida: — Qual pensa ser o mais digno de compaixão: o Imperador Achmet, o Imperador Ivã, o Rei Carlos Eduardo ou eu?

— Não faço ideia — respondeu Martin —; seria preciso que eu estivesse dentro de seus corações para saber.

— Ah! Se Pangloss estivesse aqui — disse Cândido — ele saberia e nos diria.

— Não sei com que balança — disse Martin — o seu Pangloss teria conseguido pesar os infortúnios dos homens e medir seus sofrimentos. Tudo que presumo é que existem milhões de homens na face da terra cem vezes mais dignos de compaixão do que o Rei Carlos Eduardo, o Imperador Ivã e o Sultão Achmet.

— Isso bem que pode ser — disse Cândido.

Em poucos dias chegaram ao canal do Mar Negro. Cândido começou por pagar muito caro para comprar Cacambo de volta e, sem perder tempo, lançou-se em uma galera, junto com seus companheiros, para ir à costa do Propôntida buscar Cunegundes, por mais feia que ela pudesse estar.

Havia no grupo de remadores dois forçados que remavam muito mal, em quem o capitão levantino batia de tempos em tempos com um nervo de boi^[2] nas costas nuas. Cândido, com um movimento natural, olhou para os dois mais atentamente do que para os outros, e se aproximou deles com pena. Alguns traços de seus rostos desfigurados pareceram-lhe guardar certa semelhança com os de Pangloss e os daquele infeliz jesuíta, o barão, irmão da Senhorita Cunegundes. Essa ideia o comoveu e entristeceu. Olhou para ambos outra vez com mais atenção ainda. — Na verdade — disse a Cacambo —, se eu não tivesse visto o mestre Pangloss ser enforcado e se eu não tivesse tido a infelicidade de matar o barão, diria que são eles remando neste navio.

Ao ouvir falar em barão e em Pangloss, os dois forçados deram um grito, pararam os movimentos e deixaram cair os remos. O

capitão partiu para cima deles e as chicotadas redobram. — Pare! Pare, senhor! — exclamou Cândido. — Eu lhe darei o dinheiro que quiser.

— Mas como! É Cândido! — disse um dos forçados.

— O quê! É Cândido! — disse o outro.

— Será que é um sonho? — disse Cândido. — Estou acordado? Estou mesmo nesta galera? Aquele é o senhor barão que eu matei? E aquele outro, será que é o mestre Pangloss que eu vi ser enforcado?

— Somos nós mesmos, somos nós mesmos! — responderam eles.

— Como é? Aquele então é o grande filósofo? — disse Martin.

— Ei, senhor capitão — disse Cândido —, quanto quer pelo resgate do senhor Barão de Thunder-ten-tronckh, um dos primeiros barões do Império, e do senhor Pangloss, o mais profundo metafísico da Alemanha?

— Seu cachorro cristão,— respondeu o capitão levantino —, já que esses dois cachorros desses forçados são barões e metafísicos, o que sem dúvida é uma grande honra em seu país, terá de me dar por eles cinquenta mil cequins.

— O senhor vai recebê-los; leve-me como um raio até Constantinopla e será pago imediatamente. Não, não, leve-me até a casa da Senhorita Cunegundes.

O capitão levantino, à primeira oferta de Cândido, já tinha virado a proa em direção à cidade e mandava remarem mais rápido do que um pássaro corta os ares.

Cândido abraçou umas cem vezes o barão e Pangloss. — Mas como foi que não o matei, meu caro barão? E o senhor, meu caro Pangloss, como está vivo depois de ter sido enforcado? E por que estão os dois neste navio de forçados na Turquia?

— É mesmo verdade que minha querida irmã está neste país? — perguntou o barão.

— É, sim — respondeu Cacambo.

— Então reencontrei o meu querido Cândido! — exclamou Pangloss.

Cândido lhes apresentou Martin e Cacambo. Todos se abraçavam e todos falaram ao mesmo tempo. A galera voava; já estavam no porto. Chamaram um judeu, a quem Cândido vendeu por cinquenta mil cequins um diamante que valia cem mil; ele jurou por Abraão não poder dar mais que isso. Cândido pagou imediatamente o resgate do barão e de Pangloss, que se jogou aos pés de seu libertador, banhando-os de lágrimas; o outro agradeceu com um aceno de cabeça e prometeu devolver-lhe o dinheiro na primeira oportunidade.

— Mas é realmente possível que minha irmã está na Turquia? — perguntou.

— Nada é tão possível! — respondeu Cacambo. — É ela que lava a louça na casa de um príncipe da Transilvânia.

Logo mandaram até lá outros dois judeus; e Cândido vendeu mais alguns diamantes. Todos partiram novamente em uma outra galera para ir libertar Cunegundes.

CAPÍTULO 28

O QUE ACONTECEU COM CÂNDIDO, CUNEGUNDES,
PANGLOSS, MARTIN, ETC...

Perdão mais uma vez — disse Cândido ao barão —, perdão, meu reverendo padre, por ter-lhe atravessado o corpo com um grande golpe de espada.

— Não se fala mais nisso — disse o barão. — Fui um pouco violento, confesso. Mas já que quer saber por que cargas d'água me viu naquela galera, digo-lhe que, depois de ter sido curado do ferimento pelo padre boticário do colégio, fui atacado e raptado por um destacamento de soldados espanhol; colocaram-me na prisão em Buenos Aires na época em que minha irmã tinha acabado de partir dali. Pedi para retornar a Roma, para junto do superior geral. Fui nomeado para servir como capelão em Constantinopla, junto ao senhor embaixador da França. Não havia ainda oito dias que eu exercia a função quando ao final da tarde encontrei um jovem icoglã^[1] de muito boa aparência. Fazia muito calor; o jovem quis banhar-se. Aproveitei a oportunidade para me banhar também. Não sabia que era um crime capital para um cristão ser encontrado nu com um jovem muçulmano. Um cádi^[2] ordenou que me dessem cem bastonadas nas plantas dos pés e me condenou às galeras. Não creio que já tenham feito injustiça mais terrível. Mas eu gostaria mesmo

de saber por que minha irmã trabalha na cozinha de um soberano da Transilvânia refugiado entre os turcos.

— Mas, e o senhor, meu caro Pangloss — disse Cândido —, como é possível que eu o reveja?

— É verdade — disse Pangloss — que me viu ser enforcado; naturalmente, eu devia ser queimado, mas lembra-se que chovia a cântaros quando iam assar-me. A tempestade foi tão violenta que desistiram de acender o fogo; fui enforcado porque não puderam fazer nada melhor. Um cirurgião comprou meu corpo, levou-me para sua casa e me dissecou. Primeiro, fez uma incisão crucial do umbigo à clavícula. Ninguém pode ter sido tão mal enforcado quanto eu fui. O executor dos altos trabalhos^[3] da Santa Inquisição, que era subdiácono, na verdade queimava as pessoas com perfeição, mas não estava acostumado a enforçar; a corda estava molhada e deslizou mal, ficando travada. Enfim, eu ainda respirava. A incisão crucial me fez dar tamanho grito que meu cirurgião caiu de costas e, acreditando dissecar o diabo, fugiu morrendo de medo e caiu novamente na escada enquanto fugia. Com o barulho, sua mulher correu, vindo de uma sala vizinha; ela me viu estendido sobre a mesa com aquela incisão crucial, teve mais medo ainda do que o marido, fugiu e caiu em cima dele. Quando já estavam um pouco refeitos, ouvi a cirurgiã dizer ao cirurgião: “Meu caro, que temeridade foi essa de dissecar um herege? Não sabe que o diabo está sempre no corpo dessa gente? Vou correndo procurar um padre para exorcizá-lo”. Estremeci ao ouvir essas palavras e juntei o pouco que restou das minhas forças para gritar: “Tenham piedade de mim!”. Por fim, o barbeiro^[4] português se encorajou, costurou minha pele; sua mulher até cuidou de mim. Ao final de quinze dias, eu estava recuperado. O barbeiro encontrou-me uma ocupação e

colocou-me como criado de um cavaleiro de Malta que ia para Veneza; mas, como meu patrão não tinha meios para me pagar, eu me pus a serviço de um comerciante veneziano e o acompanhei a Constantinopla. Um dia, resolvi entrar em uma mesquita; lá estavam apenas um velho imame e uma jovem devota muito bonita fazendo suas preces. Seu colo estava completamente descoberto, tinha entre os seios um belo buquê de tulipas, de rosas, de anêmonas, de ranúnculos, de jacintos e de orelhas-de-lebre; ela deixou cair o buquê; eu o peguei e o coloquei de volta com uma solicitude muito respeitosa. Levei tanto tempo recolocando-o no lugar que o imame se encolerizou e, vendo que eu era cristão, gritou por ajuda. Levaram-me até o cádi, que mandou baterem cem vezes com uma tábua nas plantas dos meus pés e me enviou para as galeras. Fui acorrentado justamente à mesma galera e ao mesmo banco que o senhor barão. Nessa galera havia quatro rapazes de Marselha, cinco padres napolitanos e dois monges de Corfu;^[5] eles nos disseram que aventuras semelhantes aconteciam todo dia. O senhor barão afirmava ter sofrido maior injustiça do que eu; eu, por minha vez, afirmava que era muito mais admissível reacomodar um buquê sobre o colo de uma mulher do que ficar completamente nu com um icoglã. Discutíamos sem parar e apanhávamos vinte vezes por dia com o nervo de boi, quando o encadeamento de acontecimentos deste universo o conduziu a nossa galera e o fez pagar nosso resgate.

— Pois então, meu caro Pangloss — disse-lhe Cândido —, quando foi enforcado, dissecado, espancado, enquanto remou nas galeras, ainda pensava que tudo ia às mil maravilhas?

— Sou sempre da mesma opinião — respondeu Pangloss —, afinal, sou um filósofo, não convém que eu me contradiga, sendo que Leibniz não pode estar errado, e que a harmonia preestabelecida

é a coisa mais bela do mundo, assim como a plenitude e a matéria sutil.

CAPÍTULO 29

COMO CÂNDIDO REENCONTROU CUNEGUNDES E A VELHA

Enquanto Cândido, o barão, Pangloss, Martin e Cacambo contavam suas aventuras, conjecturavam sobre os acontecimentos contingentes ou não contingentes deste universo, discutiam sobre efeitos e causas, sobre o mal moral e sobre o mal físico, sobre a liberdade e a necessidade, sobre o que pode servir de consolo quando se está em alguma galera na Turquia, chegaram à costa do Propôntida, à casa do Príncipe da Transilvânia. As primeiras coisas que se apresentaram a eles foram Cunegundes e a velha, que estendiam toalhas no varal para secar.

O barão empalideceu com essa visão. O terno enamorado Cândido, vendo sua bela Cunegundes com a pele escurecida, os olhos injetados, o colo sem viço, as faces enrugadas, os braços vermelhos e escamados, deu três passos para trás, horrorizado, e em seguida avançou, por consideração. Ela abraçou Cândido e seu irmão; abraçaram a velha; Cândido comprou a liberdade das duas.

Havia na vizinhança uma pequena chácara; a velha propôs a Cândido que se acomodassem ali até que todo o grupo tivesse um destino melhor. Cunegundes não sabia que se tinha tornado feia, ninguém a avisara disso. Ela lembrou a Cândido suas promessas usando um tom tão impositivo que o bom rapaz não ousou

contestar. Ele então anunciou ao barão que ia casar-se com sua irmã.

— Jamais permitirei — disse o barão — tamanha baixeza da parte dela e tamanha insolência da sua; essa infâmia nunca me será censurada: os filhos da minha irmã não poderiam entrar nos capítulos^[1] da Alemanha. Não, minha irmã jamais se casará se não for com um barão do Império.

Cunegundes se jogou a seus pés e os banhou de lágrimas, ele foi inflexível.

— Seu louco — disse Cândido —, tirei você das galeras, paguei seu resgate, paguei o resgate da sua irmã; aqui ela lavava tigelas, ela está feia, tenho a bondade de fazer dela minha esposa, e você ainda quer opor-se! Se eu desse crédito a minha ira, o mataria de novo.

— Pode matar-me outra vez — disse o barão — mas não casará com minha irmã enquanto eu viver.

CAPÍTULO 30

CONCLUSÃO

Cândido, no fundo de seu coração, não tinha a menor vontade de se casar com Cunegundes, mas a extrema impertinência do barão o determinou a realizar o casamento, e Cunegundes o pressionava tão intensamente que ele não podia contradizer-se. Consultou Pangloss, Martin e o fiel Cacambo. Pangloss fez uma bela explanação pela qual provava que o barão não tinha direito algum sobre sua irmã e que ela podia, segundo todas as leis do Império, casar com Cândido ainda que não fossem da mesma condição social. Martin optava por jogar o barão no mar; Cacambo achava que deviam devolvê-lo ao capitão oriental e mandá-lo de volta às galeras; depois disso seria enviado ao superior geral em Roma, no primeiro navio. Essa sugestão foi considerada muito boa, foi aprovada pela velha; nada disseram a sua irmã. A coisa foi executada em troca de algum dinheiro e tiveram o prazer de apanhar um jesuíta e punir o orgulho de um barão alemão.

Seria perfeitamente natural imaginar que, depois de tantos desastres, Cândido, casado com sua amada e vivendo ao lado do filósofo Pangloss, do filósofo Martin, do prudente Cacambo e da velha, tendo além disso trazido tantos diamantes da pátria dos antigos incas, levaria a vida mais agradável do mundo. Mas ele foi tão trapaceado pelos judeus que não lhe restou nada mais do que

sua pequena chácara; sua mulher, cada dia mais feia, tornou-se rabugenta e insuportável; a velha adoeceu e seu humor era pior ainda que o de Cunegundes. Cacambo, que trabalhava na horta e ia vender legumes em Constantinopla, vivia sobrecarregado de trabalho e maldizia sua sorte. Pangloss se desesperava por não brilhar em alguma universidade da Alemanha. Martin tinha a firme convicção de que se está igualmente mal em qualquer lugar; levava as coisas com paciência. Cândido, Martin e Pangloss às vezes discutiam sobre metafísica e moral. Com frequência, através das janelas da casa, viam passar barcos carregados de efêndis,^[1] paxás e cádis que eram enviados para o exílio em Lemnos, Mitilene, Erzurum;^[2] viam chegar outros cádis, outros paxás e outros efêndis que ocupavam o lugar dos expulsos e, por sua vez, seriam expulsos também. Viam cabeças cuidadosamente empalhadas para serem apresentadas à Sublime Porta.^[3] Esses espetáculos faziam aumentar as discussões; e, quando não havia discussões, o tédio era tão excessivo que um dia a velha ousou dizer:

— Eu gostaria de saber o que é pior: ser violentada cem vezes por piratas negros, ter uma nádega cortada, passar pelas chibatas dos búlgaros, ser açoitado e enforcado em um auto de fé, ser dissecado, remar nas galeras, enfim, experimentar todas as misérias pelas quais passamos, ou permanecer aqui sem fazer nada.

— Essa é uma grande questão — disse Cândido.

Essa conversa gerou novas reflexões, e Martin, mais que qualquer outro, concluiu que o homem nasceu para viver ou nas convulsões da inquietação ou na letargia do tédio. Cândido não estava de acordo, mas não garantia nada. Pangloss confessava que sempre sofrera horivelmente, mas uma vez tendo sustentado que tudo era

uma maravilha, continuava a sustentá-lo, sem acreditar nem um pouco nisso.

Uma coisa acabou fortalecendo Martin em seus detestáveis princípios, fazendo Cândido hesitar mais do que nunca, e embaraçando Pangloss: foi quando certo dia viram chegar em sua chácara Paquette e o frei Giroflée, que estavam na mais extrema miséria. Sem demora, haviam consumido suas três mil piastras, se haviam separado, se haviam reconciliado, haviam rompido, haviam ido para a prisão, haviam fugido e, enfim, frei Giroflée havia virado turco. Paquette continuava a exercer seu ofício por toda parte, mas não ganhava mais nada com ele.

— Bem que eu tinha previsto — disse Martin a Cândido — que seus presentes logo seriam desperdiçados e só os deixariam mais miseráveis. Encheram os bolsos com milhões de piastras, você e Cacambo, e não são mais felizes que Paquette e frei Giroflée.

— Ah! Minha pobre menina — disse Pangloss a Paquette — então os céus a trouxeram de volta a nós! Sabe que me custou a ponta do nariz, um olho e uma orelha? Mas o que foi feito de você! Ai! Que mundo é esse!

Essa nova aventura os incitou a filosofar mais do nunca.

Havia nas redondezas um dervixe muito conceituado, considerado o melhor filósofo da Turquia; foram consultá-lo. Pangloss tomou a palavra e lhe disse: — Mestre, viemos rogar-lhe nos dizer por que um animal tão estranho como o homem foi criado.

— Em que se está metendo? — disse-lhe o dervixe. — Por acaso é de sua conta?

— Mas, meu reverendo mestre, — disse Cândido —, é terrível o tanto que há de mal na terra.

— Que importa — disse o dervixe — que haja mal ou bem? Quando Sua Alteza envia um navio ao Egito, por acaso se preocupa se os ratos que estão dentro dele se sentem ou não se sentem bem?

— Então, o que é preciso fazer? — perguntou Pangloss.

— Que fique calado — disse-lhe o dervixe.

— Eu me orgulhava — disse Pangloss — de vir discutir um pouco com o senhor sobre efeitos e causas, sobre o melhor dos mundos possíveis, sobre a origem do mal, sobre a natureza da alma e sobre a harmonia preestabelecida.

Ao ouvir essas palavras, o dervixe fecha-lhe a porta na cara.

Enquanto essa conversa ocorria, espalhava-se a notícia de que acabavam de estrangular em Constantinopla dois vizires do Conselho e o mufti^[4] e que haviam empalado vários de seus amigos. Durante algumas horas, essa catástrofe causou grande alvoroço em todos os lugares. No caminho de volta à pequena chácara, Pangloss, Cândido e Martin encontraram um bom velhote que tomava a fresca na porta de sua casa, sob a copa de algumas laranjeiras. Pangloss, que era tão curioso quanto falador, perguntou-lhe como se chamava o mufti que tinham acabado de estrangular. — Não sei de nada — respondeu o bom homem — e nunca soube o nome de nenhum mufti e de nenhum vizir. Ignoro completamente a história da qual me fala; presumo que em geral os que se metem em assuntos públicos às vezes morram de maneira cruel, e fazem por merecer. Mas nunca me informo sobre o que fizeram em Constantinopla; eu me contento em enviar para vender ali as frutas do jardim que cultivo.

Tendo dito essas palavras, fez os dois estrangeiros entrarem em sua casa; suas duas filhas e seus dois filhos lhes mostraram vários tipos de refrescos que eles mesmos faziam, como o de nata com

raspas de cidra cristalizada, o de laranja, o de limão, o de limão-siciliano, o de abacaxi, o de pistache, o de café Moca,^[5] que não era misturado ao café ruim da Batávia e das ilhas. Depois disso, as duas filhas do bom muçulmano perfumaram as barbas de Cândido, de Pangloss e de Martin.

— O senhor deve ter — disse Cândido ao turco — vastas e magníficas terras.

— Não mais que vinte arpentos^[6] — respondeu o turco. — Eu as cultivo com meus filhos; o trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.

Retornando a sua chácara, Cândido fez profundas reflexões a respeito das palavras do turco. Disse a Pangloss e a Martin: — Parece-me que esse bom velhinho construiu um destino bem preferível ao dos seis reis com quem tivemos a honra de cear.

— O poder — disse Pangloss — é muito perigoso, conforme o relato de todos os filósofos, pois afinal Eglon, rei dos moabitas, foi assassinado por Eúde; Absalão foi pendurado pelos cabelos e perfurado por três dardos; o rei Nadab, filho de Jeroboão, foi morto por Baasa; o rei Ela, por Zambri; Ochosias, por Jeú; Atalia, por Joiada; os reis Joaquim, Jeconias e Sedecias foram feitos escravos. Sabem como pereceram Creso, Astíages, Dario, Dionísio de Siracusa, Pirro, Perseu, Aníbal, Jugurta, Ariovisto, César, Pompeu, Nero, Oto, Vitélio, Domiciano, Ricardo II da Inglaterra, Eduardo II, Henrique VI, Ricardo III, Maria Stuart, Carlos I, os três Henrique da França, o Imperador Henrique IV? E sabem...

— Também sei — disse Cândido — que é preciso cultivar nosso jardim.

— Tem razão — disse Pangloss —, pois, quando o homem foi colocado no jardim do Éden, foi ali colocado *ut operaretur eum*,^[7]

para que trabalhasse, o que prova que o homem não nasceu para o descanso.

— Trabalhem sem discutir — disse Martin —; é o único jeito de tornar a vida suportável.

Toda a pequena comunidade tomou parte nesse louvável projeto; cada um se pôs a exercer seus talentos. O pequeno pedaço de terra rendeu muito. Cunegundes estava, para dizer a verdade, muito feia, mas se tornou uma excelente confeitadeira; Paquette bordava; a velha cuidava da roupa. Não havia quem, incluindo frei Giroflée, não trabalhasse; ele se tornou não só um ótimo marceneiro, mas até mesmo um homem honesto. E Pangloss dizia às vezes a Cândido: — Todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis, pois, afinal, se você não tivesse sido expulso de um belo castelo a pontapés no traseiro, por conta do amor pela Senhorita Cunegundes, se não tivesse passado pela Inquisição, se não tivesse corrido a América a pé, se não tivesse dado uma bela espadada no barão, se não tivesse perdido todos os seus carneiros do bom país de Eldorado, não estaria aqui comendo cidra cristalizada e pistache.

— Isso está muito bem dito — respondeu Cândido —, mas é preciso cultivar nosso jardim.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas; professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Escreveu *O Senhor das Letras: o Antigo Regime e a modernidade na literatura voltaireana* (EDUEM, 2000) e *Rousseau frente ao legado de Montesquieu: história e teoria política no Século das Luzes* (EDIPUCRS, 2010).

² A lista é bastante extensa e inclui *Zadig*, *O ingênuo*, *O homem dos quarenta escudos*, *Jeannot e Colin*, *O mundo como está*, *História de um brâmane*, *O touro branco*, *O carregador zanolho* e *Micrômegas*, apenas para citar alguns.

³ No artigo “O *Candide* de Voltaire ou da crítica histórico-filosófica à proposta epicurista”, publicado em *Arca: Revista Literária Anual*, Porto Alegre, n. 2, p. 31-39, 1994.

⁴ FACHIN, Lídia. “Polifonia, carnavalização e paródia em *Candide* de Voltaire.” *Revista de Letras*, São Paulo, v. 35, p. 113-125, 1995.

¹ Para fugir da censura, Voltaire apresenta sua obra como um livro traduzido do alemão, conferindo a ela um grau de seriedade ao classificar Ralph como doutor. (N. E.)

¹ No original: *quartiers de noblesse* — quantidade de ascendentes nobres de um indivíduo.

² No original: *Monseigneur* — título que se dá aos prelados, mas também aos príncipes.

³ Do grego: *pan* — tudo, todo; *gloss* — língua. Voltaire utiliza, nesta obra, o recurso de escolher, de forma irônica, nomes que evidenciam as características de seus personagens.

⁴ Conceito atribuído a Leibniz, segundo o qual tudo o que acontece tem uma razão suficiente, ou determinante, para acontecer de tal forma e não de outra.

¹ Pedanios Dioscórides, médico e cirurgião militar grego, nascido por volta do ano 40 d.C.

¹ Moeda dos Países Baixos cujo valor permitia sobreviver por vários dias.

¹ Referência à perseguição religiosa ocorrida no Japão do século XVI. Pisar no crucifixo (ou no *fumi-e* — imagem em bronze de Maria ou de Jesus) demonstrava renúncia à fé cristã, e os que praticavam esse ato livravam-se da perseguição.

² Referência à passagem bíblica da queda do homem no pecado e sua punição.

¹ Rejeitar a gordura (preceito baseado no Levítico 3, versículo 3, do Antigo Testamento), fez deles suspeitos de serem judeus. Os não convertidos eram alvo da Inquisição.

² Espécie de túnica que os penitentes eram obrigados a vestir a caminho da execução nos autos de fé da Inquisição. As cores e os motivos indicavam o tipo de condenação e sua gravidade.

¹ No judaísmo, período do descanso semanal, que se estende do início da noite de sexta-feira ao início da noite de sábado.

¹ Confraria espanhola com a função de manter a ordem pública.

¹ Cidade do noroeste do Marrocos.

² Expressão em latim cujo significado literal é: no momento da morte.

³ Substância cáustica; antigo nome dado ao ácido sulfúrico.

⁴ *Che sciagura d'essere senza coglioni!* — Que desastre viver sem os colhões!

¹ Cidade da Rússia, próxima ao rio Don.

² Senhor feudal na Rússia dos czares.

¹ Jornal dos jesuítas, fundado em 1701 em Trévoux, cidade situada no sudeste da França; combatia as ideias iluministas.

² Divindade dos bosques da mitologia grega, com pés de cabra e corpo peludo.

¹ Outro nome cuja sonoridade em francês indica a característica do personagem — *vendeur à la dent dure* —, ou seja, vendedor com dente duro.

² Voltaire ironiza a dificuldade de tratar com os prósperos livreiros holandeses. Visa, em particular, o livreiro Van Dürer, com o qual se havia desentendido.

³ Adepto do socinianismo, doutrina reformista do italiano Socínio (1525–1562), que negava a divindade de Cristo.

¹ Doutrina do persa Maniqueu (século III), chefe de uma seita cristã considerada herética e combatida por Santo Agostinho, segundo a qual a criação e direção do mundo são determinadas por duas forças antagônicas, uma boa e outra má.

¹ Alusão ao movimento místico popular de reação à condenação do jansenismo pela Igreja. Em torno do túmulo do diácono François de Paris, no cemitério Saint-Médard, aconteciam milagres e êxtases em que os devotos pareciam ter “convulsões”, daí serem chamados de convulsionários.

¹ Região do sudoeste da França, constituindo a maior parte do departamento de Dordogne.

² Referência à atriz Adrienne Lecouvreur (1692–1730), que morreu nessas circunstâncias.

³ Élie Fréron (1718–1776), jornalista, crítico e polemista francês, o pesadelo de Voltaire.

⁴ Maior atriz trágica do momento, Voltaire devia-lhe o sucesso de algumas de suas peças.

⁵ Antigo jogo de cartas — *Bassette* ou sua variante *Pharaon* — em que o jogador apostava uma quantia inicial e, se ganhasse, dobrava uma das pontas da carta para sinalizar que tornava a apostar o valor inicial e mais o valor do prêmio. Ganhando novamente, embolsava o triplo da aposta inicial; e assim, sucessivamente, embolsava sete vezes, quinze vezes o valor da primeira aposta. O número de pontas dobradas das cartas indicava ao banqueiro quanto o jogador tinha a receber.

⁶ Jansenismo — conjunto de princípios estabelecidos pelo bispo holandês Cornelius Jansenius (1585–1638), que enfatizam a predestinação, negam o livre-arbítrio e sustentam que a natureza humana por si só é incapaz do bem. Molinismo — doutrina desenvolvida pelo jesuíta espanhol Luis de Molina (1535–1600), que visa a conciliação da onisciência e a graça de Deus com o livre-arbítrio humano.

⁷ Antiga moeda corrente francesa.

⁸ Ou Artois — do latim *Pagus Atrebatensis*: país dos atrebates — antiga província que corresponde ao atual departamento de Pas-de-Calais, no norte da França. Referência ao atentado de Robert-François Damiens, nascido em Arras, capital do Artois, contra o rei Luís XV, em 5 de janeiro de 1757.

Maio de 1610 — assassinato de Henrique IV por François Ravaillac.

Dezembro de 1594 — Henrique IV leva uma facada de Jean Châtel.

¹ Membro da ordem religiosa reformista dos Teatinos, fundada no século XV por Caetano de Tiena (São Caetano) e Gian Pietro Caraffa, bispo de Teate, futuro papa Paulo IV.

² Chefe da antiga República de Veneza.

³ Rio do norte da Itália.

⁴ Essa frase explica o nome escolhido por Voltaire para o personagem; em italiano, *poco curante* significa “aquele que cuida pouco, que não tem preocupações”.

¹ John Milton (1608–1674), representante do Classicismo inglês, autor de *Paraíso Perdido*, um dos mais importantes poemas épicos da literatura.

¹ Antigo povo nômade que vivia na Sarmácia, nome antigo de uma região a oeste do rio Vístula, Polônia.

² Antiga moeda de ouro italiana.

³ S.A.S. — Sua Alteza Sereníssima — título dado a príncipes membros de determinadas famílias principescas (como as dos atuais principados de Mônaco e de Liechtenstein).

¹ Antigo nome, de origem grega, do Mar de Mármara, que se situa entre o Mar Negro e o Mar Egeu.

² Espécie de chicote feito com nervos e tendões trançados do animal; após secagem, ganham rigidez, mas conservam certa elasticidade.

¹ Oficial da guarda do palácio de um sultão.

² Juiz muçulmano que decide questões religiosas, bem como questões civis e penais referentes à religião.

³ Eufemismo para carrasco.

⁴ O antigo ofício de barbeiro-cirurgião remonta à Idade Média; consistia em barbear, fazer sangrias, tratar de ferimentos superficiais e praticar pequenas cirurgias.

⁵ Uma das sete ilhas Jônicas, Grécia.

¹ Assembleias de uma ordem real ou militar.

¹ Título dado aos altos dignitários civis e religiosos e aos sábios turcos.

² Lemnos — ilha grega; Mitilene — capital da ilha grega de Lesbos; Erzurum — cidade do leste da Turquia.

³ Designação pela qual era conhecido o governo do Império Otomano, cuja sede em Constantinopla exibia um monumental portão de entrada para o palácio.

⁴ Vizir: espécie de ministro, alto funcionário de um reino muçulmano; mufti: autoridade suprema a quem compete resolver questões controversas da lei.

⁵ Variedade nobre de café, proveniente de Moca, Iêmen. Entre os séculos XV e XVII, Moca foi o mais importante mercado de café do mundo.

⁶ Antiga medida agrária equivalente a 1,11 m².

⁷ Do Gênesis, capítulo 2: *Tulit ergo Dominus Deus hominem et posuit eum in paradiso voluptatis ut operaretur et custodiret illum.* — E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e guardar.

Cândido ou o Otimismo (1759) é a obra-prima de Voltaire, que neste romance faz uma crítica à visão otimista do filósofo alemão Gottfried W. Leibniz (1646 – 1716). Por meio do personagem Cândido, em sua peregrinação pelo mundo, descobrimos como é difícil encontrar o “melhor dos mundos” diante de tanta maldade humana, porém, aponta-nos uma reflexão profunda acerca do assunto. Voltaire foi um dos grandes escritores de seu tempo e imortalizou seu pensamento libertário nesta grande obra.

François Marie Arouet é o verdadeiro nome de Voltaire. Nascido em Paris, no ano de 1694, o escritor e filósofo lutou pelas liberdades civis e foi atuante tanto na Literatura quanto nas ideias políticas. Adepto ao Iluminismo, influenciou pensadores da Revolução Francesa e Revolução Americana. Dentro de um ideal humanista e libertário, Voltaire escreveu grandes textos: *Zadig, ou O Destino* (1747); *Tratado sobre a tolerância* (1763), forte crítica ao extremismo religioso; *Cartas Filosóficas* (1734), vários ensaios sobre a política, religião e sociedade, entre outros.

Cândido

VOLTAIRE

ou o Otimismo

“Reconhecendo a necessidade de cultivar seu jardim como mais importante do que refletir sobre os males do universo, Cândido não desculpou os incontáveis problemas passados por ele e seus amigos, mas percebeu que é preciso agir para tornar a existência aceitável (...). Longe de ser uma incitação ao conformismo, o conto chama nossa atenção para o fato de que unicamente os homens, como sujeitos de sua própria história, são capazes de transformar o mundo”.

Renato Moscateli

TRADUÇÃO: REGINA CÉLIA DE OLIVEIRA